PSICOLOGIA

Psicologia

Psicologia

Lisnéia Aparecida Rampazzo

Diretor editorial e de conteúdo: Roger Trimer
Gerente de produção editorial: Kelly Tavares
Supervisora de produção editorial: Silvana Afonso
Coordenador de produção editorial: Sérgio Nascimento
Editor: Casa de Ideias
Editor assistente: Marcos Guimarães
Revisão: Thais Nakayama
Capa: Solange Rennó
Diagramação: Casa de Ideias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Rampazzo, Lisnéia Aparecida
R177p Psicologia / Lisnéia Aparecida Rampazzo – Londrina:
Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2014.
184 p.

ISBN 978-85-8482-123-5

1. Psicologia Social. I. Título.

CDD 302.07

Sumário

Carta ao aluno

O crescimento e a convergência do potencial das tecnologias da informação e da comunicação fazem com que a educação a distância, sem dúvida, contribua para a expansão do ensino superior no Brasil, além de favorecer a transformação dos métodos tradicionais de ensino em uma inovadora proposta pedagógica.

Foram exatamente essas características que possibilitaram à Unopar ser o que é hoje: uma referência nacional em ensino superior. Além de oferecer cursos nas áreas de humanas, exatas e da saúde em três campi localizados no Paraná, é uma das maiores universidades de educação a distância do país, com mais de 450 polos e um sistema de ensino diferenciado que engloba aulas ao vivo via satélite, Internet, ambiente Web e, agora, livros-texto como este.

Elaborados com base na ideia de que os alunos precisam de instrumentos didáticos que os apoiem — embora a educação a distância tenha entre seus pilares o autodesenvolvimento —, os livros-texto da Unopar têm como objetivo permitir que os estudantes ampliem seu conhecimento teórico, ao mesmo tempo em que aprendem a partir de suas experiências, desenvolvendo a capacidade de analisar o mundo a seu redor.

Para tanto, além de possuírem um alto grau de dialogicidade — caracterizado por um texto claro e apoiado por elementos como "Saiba mais", "Links" e "Para saber mais" —, esses livros contam com a seção "Aprofundando o conhecimento", que proporciona acesso a materiais de jornais e revistas, artigos e textos de outros autores.

E, como não deve haver limites para o aprendizado, os alunos que quiserem ampliar seus estudos poderão encontrar na íntegra, na Biblioteca Digital, acessando a Biblioteca Virtual Universitária disponibilizada pela instituição, a grande maioria dos livros indicada na seção "Aprofundando o conhecimento".

Essa biblioteca, que funciona 24 horas por dia durante os sete dias da semana, conta com mais de 2.500 títulos em português, das mais diversas áreas do conhecimento, e pode ser acessada de qualquer computador conectado à Internet.

Somados à experiência dos professores e coordenadores pedagógicos da Unopar, esses recursos são uma parte do esforço da instituição para realmente fazer diferença na vida e na carreira de seus estudantes e também — por que não? — para contribuir com o futuro de nosso país.

Bom estudo!

Pró-reitoria

Apresentação

Caro aluno(a), a psicologia é uma **ciência** que deve perpassar por todos os campos profissionais, dentre eles, o campo do serviço social. Uma profissão que na sua práxis exigirá uma visão sobre o ser humano e suas questões sociais.

O assistente social deve ter os saberes teórico, técnico metodológico e político para criar condições favoráveis que viabilizem para as pessoas a possibilidade de compreender, se envolver e decidir sobre processos individuais e coletivos. A existência de problemas sociais justifica e legitima a sua prática profissional. A construção de um projeto profissional coletivo possibilita para a profissão colocar-se na perspectiva dos interesses da população.

A matéria-prima e a justificativa da constituição do espaço do serviço social é a questão social, que engloba as várias facetas dos problemas vivenciados pelo cidadão. Pobreza, desigualdade, dentre outros.

Fugindo da ideologia do assistencialismo, o profissional deve avançar nas lutas pelos direitos e pela cidadania.

O profissional de serviço social soma-se a outras forças sociais buscando dar visibilidade pública às diversas faces da questão social, como a manifestação das desigualdades e da exclusão social e sua vivência pelos indivíduos sociais.

Um dos grandes desafios das áreas de conhecimento na contemporaneidade refere-se à perspectiva de um mundo de pessoas recortadas. O sistema neoliberal acaba influenciando as políticas públicas, tornando-as mais fragmentadas. Políticas voltadas à mulher, à criança, idosos etc.

O processo interdisciplinar abre a perspectiva para a contribuição de outras concepções teóricas, olhando o conhecimento e o ser humano de forma integral e não fragmentada.

Seguindo essa perspectiva, é fundamental como cada profissional sente e analisa a sua especialidade e sua relação com a totalidade, ou seja, todo profissional em seu campo de atuação deve buscar relacionar os seus objetivos com as demais áreas de conhecimento, filosofia, sociologia etc. A interdisciplinaridade possibilita substituir a concepção fragmentária pela unitária do ser humano.

Nesse sentido, o profissional de serviço social deve ter um olhar mais amplo em seu contexto de trabalho, com ênfase na análise e na pesquisa da realidade cotidiana.

A proposta deste livro, para o aluno(a) de serviço social, é apresentar, em linhas gerais, os principais pressupostos teóricos da ciência psicológica. No primeiro capítulo deste livro está contemplada a contextualização histórica da psicologia, o momento em que se torna científica e seus princípios fundamentais. No segundo capítulo temos a referência dos principais teóricos da psicologia do desenvolvimento humano. Encontramos no terceiro capítulo a síntese de algumas importantes teorias da personalidade. No quarto capítulo contempla-se de maneira mais detalhada a teoria psicanalítica. Na última parte deste livro o enfoque é sobre a área de conhecimento da Psicologia Social. A Psicologia Social enquanto área de estudo da psicologia irá contribuir na compreensão do comportamento dos indivíduos, suas interações e o processo grupal.

Numa abordagem clara e didática, o livro tem o intuito de proporcionar ao aluno(a) um aprofundamento sobre o comportamento humano e a estruturação do indivíduo. Um ponto de partida para a grande viagem na subjetividade humana.

Preparados para a viagem a esse campo de conhecimento da psicologia? Começaremos essa viagem contando a sua história.

Unidade 1

A contextualização histórica da psicologia e a origem da psicologia científica

Objetivos de aprendizagem: Nesta unidade, vocês compreenderão a contextualização histórica da psicologia da Grécia Antiga até o séc. XIX, quando se legitimou enquanto campo científico. Apresentaremos brevemente as principais correntes teóricas a partir do séc. XX, assim como os objetos de estudo da psicologia, conceituando a subjetividade humana. Ao final da unidade, você terá a oportunidade de validar seu aprendizado através dos exercícios disponíveis. Aprofunde seu conhecimento acessando os links sugeridos!

Seção 1: **A história da psicologia**

Nesta seção abordaremos a história da psicologia dos primórdios na Grécia Antiga até o Renascimento. Serão abordados os seguintes itens:

1.1 Fase filosófica
1.2 Os primórdios da psicologia: a Grécia Antiga
1.3 A psicologia no Império Romano e na Idade Média
1.4 A psicologia no Renascimento

Seção 2: **A origem da psicologia científica**

Nesta seção poderemos observar a origem da psicologia científica, os seus objetos de estudos e as principais teorias da psicologia no séc. XX. Explanaremos os seguintes itens:

2.1 A constituição da psicologia como campo científico
2.2 Os objetos de estudo da psicologia
2.3 A subjetividade como objeto de estudo da psicologia
2.4 A psicologia no Brasil
2.5 As principais teorias da psicologia no século XX

Introdução ao estudo

A construção histórica da psicologia reflete as exigências de conhecimento da humanidade, os desafios colocados pela realidade econômica e social e a busca do homem em compreender a si mesmo e o mundo que o cerca. Faremos um resgate do percurso de como a psicologia foi pensada até o momento em que ela se tornou científica, a partir do século XIX.

Sobre estudar a história da psicologia, Freire (2007, p. 17, grifo nosso) expressa:

> O estudo da **história** da psicologia tem muitas razões para se colocar como imprescindível e fundamental para todos os que desejam obter conhecimento em qualquer área dessa ciência. É básico, principalmente para os que vão iniciar-se nesses estudos. Não se pode construir uma casa começando-se pelo teto. Há etapas que devem ser respeitadas se quiser obter êxito. É assim para o estudo da psicologia. A história vai fornecer os alicerces, as raízes em que será construído esse conhecimento. Na sua falta, ele será, no mínimo, superficial, podendo ser também confuso e sincrético. De posse desses subsídios, será possível obter melhor compreensão e discernimento de suas emaranhadas linhas e correntes, possibilitando uma visão mais consciente do seu contexto geral. Vem daí a importância desse estudo, que, ao fornecer essa base, esses fundamentos, abre as portas e acende uma luz, para uma caminhada mais segura nos domínios da psicologia.

Você deve ter ficado curioso para saber em que momento histórico a palavra psicologia foi utilizada, mas antes de responder, vamos compreender o seu significado: a palavra *psique* é uma palavra grega e significa "estudo da alma". ***Psique*** significa alma, e ***logia***, estudo. Portanto, psicologia refere-se ao estudo da alma humana.

A palavra psicologia foi utilizada segundo Freire (2007, p. 22, grifo nosso) na primeira metade do século XVI:

> Para muitos, o **termo psicologia** foi usado pela primeira vez por Felipe Melanchton, em suas lições nas universidades alemãs, já na primeira metade do século XVI. Por volta de 1600, Goclênio teria utilizado o termo, na imprensa, para designar um conjunto de conhecimentos filosóficos sobre a alma e suas manifestações. Outros autores afirmam que, por mais clássica que seja, a palavra psicologia só surgiu no século XVIII ou, mais precisamente, em 1734, quando Christian Wolff empregou o termo para designar uma disciplina, então fazendo parte da filosofia, a psicologia 'Racionalis'. Essa disciplina era aquela parte da filosofia que estudava a 'natureza e as faculdades da alma'. Ficou assim conhecida como ciência da alma e ciência da consciência. Ao longo da história, recebeu muitas outras definições. A definição que é quase consensual nos dias de hoje data do século XIX. Watson definiu-a como 'ciência do comportamento'. A filosofia na antiguidade era a ciência por excelência e incorporava todas as ciências, incluindo, assim, a psicologia. Isso, apesar de a filosofia usar como ferramenta, para as explicações dos fenômenos científicos, apenas o raciocínio

> lógico e não o método científico. A idade moderna veio trazer, com o aparecimento do método científico, a autonomia das ciências. No que concerne à psicologia, isso só veio a acontecer na Idade Contemporânea, final do século XIX.

Questões para reflexão

O que você entende por psicologia? Dê nomes de algumas escolas psicológicas que você conhece.

Seção 1 A história da psicologia

Você sabe quando a psicologia começou a ser pensada? Ela iniciou a sua sistematização na Grécia Antiga.

1.1 Fase filosófica

A fase filosófica corresponde ao séc. VI a.C. até o ano de 1879, e, segundo Freire (2007, p. 18):

> Esta fase apresenta, por sua vez, dois momentos distintos: o primeiro engloba a Idade Antiga e Média, e o segundo inicia-se com a Idade Moderna e vai até o despontar da psicologia científica. O primeiro caracteriza-se por ser essencialmente filosófico e está dividido em três períodos: o cosmológico, o antropocêntrico e o teocêntrico. Foi nos períodos cosmológico e antropocêntrico que despontaram as primeiras raízes da psicologia. O período que se inicia com a Idade Moderna, embora filosófico, possui características peculiares, é mais conciso, mais objetivo e foi favorecido pelo desenvolvimento das outras ciências. Apresenta-se como uma semente (que já tem raízes) naquele estágio de desenvolvimento em que se vai dilatando, inchando, pois está gerando no seu interior a planta que vai desabrochar. Foi o que aconteceu: a psicologia adquiriu maturidade no seu interior e pôde desabrochar como ciência autônoma. Daí esse período ser denominado de pré-científico propriamente dito, pois antecedeu o científico. Duas correntes de pensamento conduziram e unificaram os estudos até atingir esse ponto. Foram elas: a corrente científica e a filosófica. A científica mostra como a ciência colaborou nesse processo. A filosófica é composta de três tendências: o empirismo crítico, o associacionismo e o materialismo científico. Cada uma, dentro de suas perspectivas, forneceu subsídios para dar consistência ao pensamento psicológico, sendo decisivos na sua emancipação.

1.2 Os primórdios da psicologia: a Grécia Antiga

Iniciaremos o resgate da história da psicologia no Ocidente começando entre os gregos, no período anterior à era cristã, há mais de dois mil anos.

A história do pensamento humano tem o seu apogeu na Antiguidade, entre os gregos, principalmente no período de 700 a.C. até a dominação romana, às vésperas da era cristã.

Para Freire (2007, p. 25, grifo nosso):

> A **Grécia**, como se sabe, foi o berço da civilização ocidental. Um dos fatores que justifica essa afirmativa consiste no fato de ter sido lá que se iniciou o estudo da filosofia que dominou em todo o Ocidente. A psicologia, como já se disse, fazia parte da filosofia e, como é natural, teve lá, também, sua origem, pois o seu estudo iniciou-se como estudo da filosofia.

Os avanços do pensamento possibilitaram que o cidadão se ocupasse das coisas do espírito, como a filosofia e a arte. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 32), "Platão e Aristóteles dedicaram-se a compreender esse espírito empreendedor do conquistador grego, ou seja, a filosofia começou a especular em torno do homem e da sua interioridade".

Foi com os **filósofos gregos** a primeira tentativa de sistematizar uma Psicologia. Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 33): "[...] a alma, ou espírito, era concebida como a parte imaterial do ser humano e abarcaria o pensamento, os sentimentos de amor e ódio, a irracionalidade, o desejo, a sensação e a percepção".

Faremos a partir de agora uma visita aos pensamentos dos principais filósofos clássicos da época, começando com **Sócrates** (436-336 a.C.) de Atenas, Grécia. De acordo com Freire (2007, p. 33, grifo do autor):

> Foi um dos mais conhecidos filósofos gregos. Dedicava-se à educação da juventude. Ensinava que o conhecimento do meio que nos cerca é imperfeito porque nos vem através dos sentidos, via imperfeita, sujeita a ilusões. Acreditava que um único tipo de conhecimento podia ser obtido: o do próprio eu. Esse conhecimento é o único necessário, pois permite ao homem levar vida virtuosa. "Conhece-te a ti mesmo" é o seu princípio e um método filosófico (introspecção).

E complementa:

> Para **Sócrates**, o fim da filosofia é a educação moral do homem. O reto conhecimento das coisas leva o homem a viver de acordo com os preceitos morais, pois quem sabe o que é bom também o pratica. Dessa forma, o sábio não erra. A maldade é o resultado da ignorância, enquanto a virtude o é do saber, sendo que a virtude é a própria felicidade. Assim, tanto a filosofia como a psicologia de Sócrates não abusavam da técnica da palavra, e através do diálogo crítico procurava descobrir a verdadeira essência das coisas (FREIRE, 2007, p. 33, grifo nosso).

Para saber mais

Não há conhecimento sobre as escrituras desse filósofo. Seu pensamento foi expresso nos escritos de Platão e Xenofonte.

Por esse posicionamento, Sócrates questionava tanto as tradições dos usos e costumes da época, como do próprio regime democrático, da religião e da antiga ciência física. Os seus pensamentos provocaram uma verdadeira revolução, que influenciou a filosofia grega e o pensamento filosófico ocidental.

Anterior ao advento da psicologia científica, os gregos formularam duas teorias: a primeira, a platônica (Platão, 427-347 a.C.), que preconizava a imortalidade da alma e a projetava em separado do corpo, e a segunda, a aristotélica (Aristóteles, 384-322 a.C.), que compreendia a mortalidade da alma e a sua relação de pertencimento ao corpo.

Platão (427-347 a.C.) foi o mais ilustre aluno de Sócrates e também seu intérprete e, segundo Freire (2007, p. 34):

> Acreditava, como este, que o conhecimento que nos vem dos sentidos é imperfeito e acrescenta a esse conceito a existência de um reino das ideias, que é o permanente e o perfeito, o qual existe fora do homem e é independente dele. Embora essas ideias pertencessem a outro mundo, seriam inatas no homem. Platão explica que a alma antes de se encarnar contemplou esse mundo das ideias, mas, ao unir-se ao corpo, porém, esqueceu-se delas, pois o corpo é um obstáculo ao conhecimento. A experiência, então, deve trazê-las de volta à consciência, cuja responsabilidade do processo seria da educação. Conhecer seria, assim, um processo de lembrar o que está dentro e não de aprender o que está fora.

Para Platão, o homem apresentaria um mundo imaterial que seria a mente, o concebendo com um ser dualista, composto de mente X corpo. “Essa visão é considerada a raiz mestra da história da psicologia, pois será retomada em todo o percurso da história e dela surgirão muitas outras pequenas raízes ou questões” (FREIRE, 2007, p. 34). Esse processo de supervalorizar o intelectual em desfavor do que é material trouxe repercussões para a sociedade ocidental. De acordo com Freire (2007, p. 35):

> Criou-se uma mentalidade intelectualista, aristocrática, onde as letras, as artes, a filosofia e todo o trabalho que só ocupasse a mente seria nobre, valorizado e, portanto, símbolo de cultura, inteligência e *finesse*. Em contraposição, o trabalho com a matéria, aquele em que se utiliza as mãos, é desvalorizado e símbolo da classe inferior. Nessa época, ainda não tinham resolvido o problema da interação corpo X alma, daí a visão fragmentada da ação humana. Era como se as mãos trabalhassem independentes e sem interferência da mente, uma consequência da visão dualista do homem. Não o

> viam como um todo unificado, mas como um ser formado de duas partes distintas: corpo e alma.

Segundo essa visão dualista da filosofia platônica, foram expostos dois mundos:

> Um perfeito, o mundo das ideias, o espírito pensante no homem, e o outro imperfeito, o mundo material, o corpo, o desejo, os sentidos etc. Surgiram duas grandes correntes filosóficas e pedagógicas. A primeira é a da essência e a segunda é a da existência. Essas duas tendências norteiam, principalmente, o pensamento pedagógico ao longo do tempo e são antagônicos. [...] A pedagogia da essência tem como antítese a pedagogia da existência. Esta concebe o homem concreto, individualizado, tributário do seu tempo e do seu espaço, exatamente como é e não como deverá ser. Seu objetivo é a busca da felicidade. Depois dos epicuristas ela só aparecerá mais tarde, com Rousseau, Sartre, Rogers etc. (FREIRE, 2007, p. 36).

Essa concepção de **Platão** sobre a existência de ideias inatas (inativismo) acabou gerando, ao longo da história, outra grande polêmica. Os seus seguidores, "nativistas", que concebem que nada há na inteligência que não tenha passado pelos sentidos (FREIRE, 2007).

Para saber mais

O filósofo Platão foi considerado um ótimo escritor, deixando formidáveis obras, muitas vezes escritas em forma de diálogo e que exerceram influência sobre muitos pensadores. Quer conhecer alguma dessas obras? Anote aí: **Sobre a Natureza do Homem**, **Apologia de Sócrates**, **O Banquete**, **A República** e **Górgias**.

Agora vamos conhecer o pensamento de outro filósofo clássico. Damos destaque nesse momento a **Aristóteles** (384-322 a.C.) de Estagira, Macedônia.

Aristóteles era discípulo de Platão e acabou assumindo uma posição contrária aos seus pensamentos.

> Não acreditava na existência de ideias inatas e nem no mundo das ideias. A criança, ao nascer, não traz nenhuma bagagem de conhecimento. Vem como um papel em branco onde nada foi escrito: uma 'tábula rasa'. É através da experiência que irá adquirir conhecimento, pois, no seu entender, nada há na inteligência que não tenha passado pelos sentidos. Dessa forma, Aristóteles identifica os primeiros degraus na escala da aquisição do conhecimento, são eles: os órgãos dos sentidos e as sensações. Os órgãos dos sentidos, quando estimulados, provocam reações, ou seja, impressões, por exemplo, de bem-estar, de mal-estar, gustativas, visuais, térmicas, etc. Essas impressões são o que se denomina de sensações. As sensações seriam, assim, o elemento mais simples

> e primitivo do conhecimento. Essa ideia foi bem desenvolvida na Idade Moderna por John Locke e é dominada de empirismo em oposição ao nativismo platônico.
>
> [...] [De Platão, **Aristóteles** retomou e transpôs o dualismo, mente X corpo]. Para ele, mente e corpo são indivisíveis como forma e matéria. A matéria seria a forma potencial, enquanto o objeto é a forma atualizada (o mármore é a matéria para a estátua). Ideia que foi retomada por São Tomás de Aquino, na Idade Média, quando fala da potência e do ato. Assim, a realidade concreta se organiza numa sequência tal que seria impossível dizer onde é pura matéria e onde é pura forma. O objetivo da matéria é adquirir forma. A forma final deve ser alvo de toda natureza (filosofia da essência). O nível mais alto seria a forma pura e o mais baixo, a matéria. Apenas o ser supremo seria forma pura, forma imaterial. Suchodolski identifica esta posição de Aristóteles com a de Platão (FREIRE, 2007, p. 37, grifo do autor).

Ainda segundo Freire (2007, p. 38, grifo do autor):

> **Aristóteles** admitia que a alma era imortal, era uma espécie de intelecto ativo, imaterial. Ponto de vista que se tornou o centro de interesse dos teólogos da Idade média. A alma, nesse sentido, era aquilo por que se vive, pensa e percebe, 'causa e princípio do corpo vivo'. A psicologia estaria ligada à biologia e à botânica. Admitia uma espécie de alma nas plantas (alma vegetativa), nos animais (alma animal) e no homem (alma racional). Observou que, em muitos casos, o comportamento dos animais apresenta analogias com o comportamento do homem. [...] Pelo que se tem conhecimento, **Aristóteles** foi o primeiro homem a escrever tratados sistemáticos de psicologia. Em sua obra **De anima**, ou **A respeito da mente**, escreve sobre os sentidos e a sensação, a memória, o sono e a insônia, a geriatria, a extensão e a brevidade da vida, a juventude e a velhice, a vida e a morte e a respiração. Diz, ainda, que as associações não se fazem por acaso, mas obedecem a uma lei. Com isso, **Aristóteles** dá outro passo para o conhecimento. Chegou a essas conclusões através da instituição e do raciocínio.

Para saber mais

Você sabia que o pensamento aristotélico chegou à Europa por intermédio dos árabes e judeus, chegando ao seu apogeu no século XIII com a escolástica? O pensamento aristotélico influencia a cultura ocidental até hoje. As obras de Aristóteles sumiram, com exceção da **Constituição de Atenas**. O que conhecemos hoje é o resultado de um apanhado realizado por seus seguidores de seus trabalhos, papéis, cartas, conferências. Destacamos as principais obras de Aristóteles: **Psicologia e Antropologia** e **Sobre a Alma**.

Para saber mais

Uma sugestão de leitura para um maior aprofundamento sobre os filósofos é o livro:

BURNS, Edward Mcnall. **História da civilização ocidental**. São Paulo: Globo, 1968.

1.3 A psicologia no Império Romano e na Idade Média

A psicologia no **Império Romano** e na **Idade Média** estava relacionada ao conhecimento religioso. A Igreja Católica nesse momento histórico dominava tanto o poder econômico quanto o político, enfim, todo o saber sobre a vida e as pessoas eram explicadas por intermédio de Deus. Portanto, o estudo da psicologia também era compreendido da mesma forma. Freire (2007, p. 44, grifo do autor) complementa:

> O final da Idade Antiga foi marcado pela ascensão do **cristianismo**. Uma nova ordem começava a ser estabelecida em todo o Ocidente. A filosofia cristã, tendo Jesus Cristo como modelo e a Sagrada Escritura como paradigma de todas as verdades, espalhava-se e dominava, pouco a pouco, todos os impérios da época. Ela se afirmou de tal forma que marcou (aliada a outros fatores) o início de uma nova era da História, o período cristão, cujo apogeu foi a Idade Média. Foi destronada, assim, a filosofia antiga e o antropocentrismo. O período passou a ser teocêntrico (do grego 'théos', que quer dizer Deus, divindade). Deus passou a ocupar o centro de toda a vida. Foi assim na filosofia, na literatura, na arte, na arquitetura, na educação, etc. Esse processo se dá lentamente. Distinguem-se dois momentos importantes: o da patrística (séc. IV-V) e o da escolástica (a partir do séc. IX). No final da Idade Média e com a chegada da Idade Moderna, a filosofia cristã perdeu o seu apogeu, mas permanece até aos dias de hoje forte em todos os ramos e níveis sociais.

É importante destacar dois grandes filósofos que representaram esse período: **Santo Agostinho** (354-430) e **São Tomás de Aquino** (1225-1274).

Esse período teocêntrico foi dividido em patrística e escolástica. O período da patrística é a filosofia dos primeiros **padres** da Igreja, que, de acordo com Freire (2007, p. 45) expressava:

> A preocupação central deste período era a luta contra o paganismo, as heresias e a defesa dos dogmas cristãos. Faziam uso do platonismo para elucidação dos dogmas. Entre esses encontram-se: Santo Ambrósio (340-397) Trier, Alemanha; Sâo Jerônimo (347-419), Stribo, Dalmácia; Santo Agostinho (354-430), Tagasta, Argélia, África. Três doutores da Igreja, cujo período foi denominado de patrística. Pouca influência tiveram no que tange ao desenvolvimento da filosofia e da psicologia. Destaca-se, aqui,

> **Santo Agostinho**, que, de acordo com seus princípios e o Antigo Testamento, afirma que a criação saiu do nada. Rejeitava a posição de Platão nessa matéria, bem como a de Aristóteles, pois tinham posições comuns a respeito da criação. Imaginavam a existência de uma matéria primitiva, incriada, a que Deus deu forma: somente a forma é devida à vontade de Deus. Deus, nessa visão, seria um artífice, um modelador e não um criado do nada e não de uma matéria. Deus criou toda a substância e não somente a ordem e a sua disposição. É o criador.
>
> **Escolástica**: (do latim *scholasticus* = relativo à escola). Foi uma escola ou uma linha de pensamento filosófico-teológica que se propunha a demonstrar a união entre a fé e a razão, entre a teologia e a filosofia. É o pensamento filosófico desenvolvido pelo e dentro do cristianismo, com o objetivo docente de instruir os cristãos da época. Possui uma fase de formação (séc. IX ao XIII), quando houve o aparecimento das escolas monacais, catedrais e as palatinas. A seguir, vem o seu apogeu, no séc. XIII, e sua decadência, indo do século XIV ao XVII. A escolástica reviveu o pensamento aristotélico. Ela teve representantes entre a Ordem de São Domingos (dominicanos) e a Ordem de São Francisco (franciscanos), cujas posições eram antagônicas. Os mais importantes dos escolásticos foram Tomás Bacon (1214-1295); Duns Scoth (1270-1308); Guilherme de Occam (1290-1350) (FREIRE, 2007, p. 45, grifo do autor).

Para saber mais

Você sabia que Santo Agostinho foi um ótimo escritor e atacou as heresias de seu tempo? De suas obras destacamos: **Confissões**; **Da Trindade** e **Cidade de Deus**.

O período que corresponde à escolástica é representado por São Tomás de Aquino (1224-1274), Castelo de Roccaseca — Nápoles, Itália. A escolástica:

> [...] buscava mais o aspecto educacional de um povo que já cristão, seguidor de Aristóteles, tenta unir os conceitos aristotélicos à religião, procurando adaptá-los ao dogma cristão, buscando submeter ou concordar o saber com a fé cristã e com a Sagrada Escritura. Afirma que não pode haver contradição entre as verdades provenientes da experiência dos sentidos, porta de todo o conhecimento, e as verdades da fé, pois provêm da mesma fonte: Deus (FREIRE, 2007, p. 45).

Tomás de Aquino baseou-se na distinção entre potência e ato:

> Encontra-se na alma cinco gêneros ou faculdades: a negativa, a sensitiva, a apetitiva, a locomotiva e a intelectual. Põe em relevo o papel da vontade para dominar a natureza falível do homem. No entanto, sua vitória depende da ajuda da Providência Divina, e as regras estão estabelecidas na Sagrada Escritura. **Tomás de Aquino** conserva, assim, todas as características da pedagogia da essência, baseado numa concepção cristã que propõe um ideal para o homem (FREIRE, 2007, p. 46, grifo nosso).

Para saber mais

Tomás de Aquino possui uma obra rica e variada. **A suma contra os gentios** e a **Suma teológica** trazem a síntese do seu pensamento.

No período da Idade Média (século V a XV), não houve grande colaboração para o desenvolvimento da psicologia e das ciências em geral. Para Freire (2007, p. 46):

> [...] a escolástica, sua principal escola, muito embora tenha realizado estudos sobre a natureza e atributos da alma, fazia-o através da dedução lógica, em que as verdades já eram antecipadamente conhecidas. Seus estudos valiam, apenas, como deduções filosóficas e não tinham valor científico.

Para saber mais

Há muita controvérsia a respeito do início e fim da Idade Média. Para o seu início, apareceram datas como: 325, 375, 395, mas a mais aceita é a de 476, quando foi deposto o último imperador romano do Ocidente. Muitos historiadores preferem não se deter a uma data precisa, pois foi um conjunto de fatores que mudaram a história. Para o seu fim, a data mais aceita é a de 1453, quando houve a tomada de Constantinopla pelos turcos. Assim, a Idade Média estaria limitada entre os séculos V e XV. Sugiro o livro de Virginia Rau, **Estudos de História Medieval**. Lisboa: Presença, 1986.

1.4 A psicologia no Renascimento

Inicia-se um processo de transformação da sociedade, permeado por questionamentos sobre os aspectos teocráticos. A teórica Freire (2007, p. 49, grifo nosso) explica esse processo:

> No despontar da **Idade Moderna** (século XV), inicia-se uma reação à tendência dogmática do pensamento que predominou em toda a Idade Média. O **teocentrismo** deixa de prevalecer e é revivido o antropocentrismo dos tempos antigos. Isto não quer dizer que o cristianismo tenha sido extinto, ele perdura até os dias atuais, exercendo sua influência em todas as áreas e convivendo com as mais diversas correntes de pensamento, predominando ora uma, ora outra.

Esse processo de mudanças é marcado pelo **Renascimento**. O **Renascimento** trouxe mudanças significativas como podemos observar na descrição seguinte.

> No plano geográfico, houve a expansão geográfica, devido aos grandes descobrimentos. No plano espiritual, verificou-se a queda do dogmatismo. No plano das ciências, por exemplo, a Biologia evoluiu com a dissecação dos cadáveres. No plano literário, houve a recuperação dos autores greco-romanos da antiguidade e do Império Bizantino. No plano da Astronomia, foi confirmado o sistema heliocêntrico. Houve ainda mudanças no sistema econômico, com a afirmação do mercantilismo, no sistema político, com a criação dos novos Estados, e na área social, com ascensão da burguesia. Em termos gerais, houve uma revolução, tanto dos métodos de estudo quanto dos conteúdos. Essas mudanças não se fizeram de uma só vez, foi uma sequência lenta e progressiva (FREIRE, 2007, p. 50).

A psicologia no **Renascimento** é influenciada pelas grandes transformações que ocorreram em todos os setores da produção humana.

Para Freire (2007, p. 51), o Renascimento:

> [...] veio, assim, despertar a consciência para a formação do espírito científico. Todas aquelas mudanças das quais já se falou aqui, principalmente a mudança de atitude face ao que conhecer (conteúdo) e ao como conhecer (método), foram as responsáveis diretas desse desabrochar. Sem dúvida, a organização do método científico foi condição 'sine qua non' do desenvolvimento das ciências. Essa organização começou pela retomada do método atomista ou elementista. O pesquisador, dentro de sua área, buscava identificar a unidade ou o elemento básico de cada ciência, procurando desvendar os seus segredos. Utilizava a observação, a experimentação e a quantificação, o que resultou na organização do método científico da época, que tiveram imensa paciência na observação e grande audácia na formulação das hipóteses.

Até então, o que se observava era que a psicologia, na época, era especificamente filosófica. No entanto, muitas das tendências que haveriam de levá-la à conquista do status de ciência começavam a ser delineadas e identificadas (FREIRE, 2007).

As ciências conhecem um grande avanço com Copérnico (1543), e Galileu (1610). De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 36) "[...] esse avanço na produção de conhecimentos propicia o início da sistematização do conhecimento científico, começam a se estabelecer métodos e regras básicas para a construção do conhecimento científico".

Para saber mais

O polonês-alemão Copérnico (1473-1543) contribuiu para o desenvolvimento da astronomia ao recuperar o sistema heliocêntrico. Outro importante nome, Galileu Galilei (1564-1642), de origem italiana, desvenda as leis da gravidade e constrói o primeiro telescópio e o primeiro microscópio.

Para saber mais

Para saber mais a respeito da ciência no Brasil, consulte o livro de Fernando Azevedo, **As ciências no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1956. v. II.

Nesse mesmo período, **René Descartes** (1596-1659), apresentou um avanço para a ciência. Veja a seguir a descrição sobre o pensamento de Descartes:

> **René Descartes** (1596-1650) nasceu em La Haje, França. Foi filósofo racionalista, matemático, físico e fisiólogo. Com ele, a psicologia inicia sua fase pré-científica propriamente dita. O rompimento com o dogmatismo medieval foi um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento das ciências. Descartes ocupa lugar de destaque nessa emancipação do dogmatismo. Parte do princípio que, antes de se aceitar qualquer verdade, esta deve ser questionada (FREIRE, 2007, p. 57).

Descartes (apud FREIRE, 2007) postula, portanto, a separação entre mente (alma, espírito) e corpo, afirmando que o homem possui uma substância material e uma substância pensante, e que o corpo, sem o espírito, é apenas uma máquina.

> **Descartes**, filosoficamente, se mantém, entre os nativistas e empiristas, pois, ao mesmo tempo que aceita que algumas ideias sejam inatas, acredita que outras sejam adquiridas. Metodologicamente é um teórico do empirismo crítico, dado que, enquanto duvida de tudo e derruba o dogmatismo medieval, ele o faz de forma racionalista. Não utiliza o empirismo metodológico, pois não faz nenhuma experimentação. Não resolve o problema do dualismo mente X corpo, apenas busca uma interação entre eles. Pertence, ainda, ao grupo do materialismo científico, ao considerar que o corpo do homem é uma máquina (FREIRE, 2007, p. 59).

Com esse pensamento, Descartes contribuiu muito para o progresso da psicologia (BOCK, FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 36).

Para saber mais

A designação "filosofia cartesiana" ou "cartesianismo", de René Descartes, provém do nome em latim: Renatrus Cartesius. Descartes foi um marco importante na história da filosofia e da psicologia. Esse filósofo escreveu diversas obras, em diferentes áreas do conhecimento. Se destacam as seguintes: **As paixões da alma** e **Meditação de Filosofia Primeira**.

Percebemos até aqui que a psicologia foi pensada de acordo com o seu contexto histórico, dos desafios colocados para a humanidade, além, é claro, do desejo do homem em se conhecer cada vez mais.

Questões para reflexão

Mas vocês devem estar se perguntando: em que momento histórico, afinal, a psicologia realmente se tornou científica? Vamos em busca de respostas.

Seção 2 A origem da psicologia científica

A psicologia foi pensada enquanto uma das preocupações humanas desde o tempo do estudo da filosofia, no entanto será no fim do séc. XIX que ela se constituirá científica.

Com o capitalismo e seus aspectos econômicos e industriais, a ciência é requerida a responder uma nova demanda no campo técnico.

A partir do séc. XIX nasce a **Psicologia Científica** graças à influência de importantes teóricos no processo de sua construção, como veremos a seguir. Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 37), "os dogmas da Igreja foram questionados e o conhecimento estabeleceu-se independente da fé. A racionalidade do homem surgiu enquanto possibilidade de construção do conhecimento".

Nesse período, "[...] surgem estudiosos como **Hegel,** demonstrando a importância da história para a compreensão do homem, e Darwin, enterrando o antropocentrismo com sua tese evolucionista. A ciência vai se tornando um referencial para a visão de mundo" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 37).

Com o despontar do positivismo, ou Contismo, de Augusto **Comte,** postulou-se uma real necessidade de rigor científico na estruturação dos conhecimentos nas ciências humanas.

A psicologia até meados do séc. XIX, até então investigada pelos filósofos, passa a ser foco do interesse de outras áreas de estudo, como a fisiologia e a neurofisiologia. A formulação de teorias nessas áreas demonstrou que o pensamento, as percepções e os sentimentos humanos eram produtos do sistema nervoso central. Para Freire (2007, p. 52), o estudo do **sistema nervoso**:

> [...] ocupou parte do interesse no séc. XIX. Investigou-se a sua estrutura e chegou-se ao conhecimento dos neurônios, agrupados em sinapses, dos axônios, das correntes elétricas, da massa cinzenta e branca, da mielinização da fibra nervosa, etc. [...] A parte que mais chamou a atenção dos fisiologistas e anatomistas foi o **cérebro**. Surgiram várias correntes buscando explicar as suas funções. Tentaram descobrir se cada função mental está localizada em uma parte determinada do cérebro ou depende da mesma. Pesquisaram, ainda, o relacionamento de características da personalidade, como a amabilidade e a benevolência, com a forma do tecido nervoso. Os frenologistas eram os mais interessados nesses estudos.

Para saber mais

Você sabia que frenologia vem do grego *phrén* e significa diafragma e inteligência? Pois bem, a frenologia tem o intuito de investigar as funções intelectuais de acordo com a estrutura craniana humana.

Nesse sentido, portanto, para conhecer o psiquismo humano, passa a ser "[...] necessário compreender os mecanismos e o funcionamento da máquina de pensar do homem — seu cérebro" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 39).

Além "[...] da quantificação, a estatística colaborou com a ciência, no que concerne à comparação de dados e na eliminação de tendências pessoais ou subjetivas nas pesquisas, tornando os resultados mais objetivos e, portanto, mais confiáveis" (FREIRE, 2007, p. 53).

Contribuições relevantes ocorreram no início da psicologia científica. Tem-se a formulação de uma importante lei no campo da psicofísica, a **Lei de Fechner-Weber**, que tem como pressuposto a relação entre estímulo e sensação do ser humano, permitindo a sua mensuração. Outro teórico importante neste período foi **Wilhem Wundt** (1832-1926), criador do primeiro laboratório para realizar experimentos na área de psicofisiologia na universidade de Leipzig, na Alemanha. De acordo com Freire (2007, p. 90):

> Dois nomes se ligam à data do nascimento da psicologia e disputam a sua paternidade. São eles: **Fechner e Wundt**. O nome de **Fechner** está relacionado com a publicação de sua obra 'Elementos de Psicofísica' publicada em 1860. O de **Wundt** está ligado à publicação de seu livro 'Elementos de Psicologia Fisiológica', em 1864, e a criação do primeiro laboratório psicológico, em Leipzig, Alemanha, em 1879. Considerando qualquer uma dessas datas, o certo é que foi, na segunda metade do século XIX e na Alemanha, que veio à luz essa nova ciência. Isso não quer dizer que outros países não participaram do acontecimento. Já foi visto que, tanto na França como na Inglaterra, essa ciência estava bem representada e, sem dúvida, esses países colaboraram muito na efetivação desse fato. Os Estados Unidos, na época, davam os primeiros passos na conquista desses conhecimentos, com William James em Harvard.

Wundt, **Weber** e **Fechner** se uniram no desenvolvimento de trabalhos na Universidade de Leipzig, a qual também recebeu estudiosos, como o inglês Edward B. Titchener e o americano **William James**. Sobre Fechner, Freire nos dá uma descrição:

> **Gustav Theodor Fechner** (1801-1887), alemão. Como foi dito acima, sua obra 'Elementos de Psicofísica' foi um marco na história da psicologia. O ponto central de suas preocupações e de sua obra era encontrar a relação existente entre mente X corpo, físico X psíquico. Adota a ideia do paralelismo, considerando mente X corpo como sendo duas faces da mesma moeda. **Fechner** demonstra que existe uma ligação entre esses dois mundos e é uma relação matemática, quantitativa. Para chegar a essa conclusão, fez diversas experiências, testando os processos psicológicos com os métodos das ciências exatas. Achava que as sensações só poderiam ser testadas através dos estímulos. Ao modificar um estímulo, aumentando-o ou diminuindo-o, este iria modificar, mais ou menos, as sensações (relação matemática). Aí estaria a chave das relações e da unidade mente X corpo. Dessas experiências, nasceram os métodos psicofísicos, experimentais e quantitativos que constituíram a sua maior contribuição metodológica. Tais métodos constituem, ainda hoje, os melhores instrumentos de

pesquisa psicológica e, por isso, pode ser considerado o precursor da psicometria (FREIRE, 2007, p. 92).

Para saber mais

O teórico Gustav T. Fechner desenvolveu importantes teorias e compôs obras de extrema relevância para o estudo da psicologia.

Para saber mais

Ficou curioso para saber mais sobre as obras do teórico Fechner? Veja as obras que ele escreveu: **Elementos de Psicologia**, **Opúsculo sobre a vida depois da morte** e **Zend-Avesta** e ou **Sobre as coisas do céu e do outro mundo**.

Sobre o teórico Wundt, Freire também nos oferece uma ótima descrição do mesmo:

> Com publicação do livro **Elementos de Psicologia Fisiológica**, em 1864, **Wundt** reúne, num tronco, as raízes ou tendências científicas e filosóficas da psicologia que haviam surgido até então. Ficando de fora algumas tendências isoladas, que foram analisadas no capítulo anterior. **Wundt** não só reúne, mas classifica e agrupa os elementos da vida mental, determina o seu objeto e objetivo, enuncia os seus princípios e os seus problemas, estabelece os métodos de estudo, enfim, estrutura e normatiza a psicologia. Com isso, dá-lhe, também, uma nova definição. A psicologia deixa de ser o estudo da vida mental e da alma e passa a ser o estudo da consciência ou dos fatos conscientes. Assim estruturada e sistematizada, a psicologia passa a ser uma ciência autônoma, não mais um apêndice da filosofia ou da fisiologia (FREIRE, 2007, p. 92).

Para saber mais

Você sabia que o livro **Elementos de Psicologia Fisiológica** simbolizou um marco na História, sendo muitas vezes atualizado? Foi nessa obra que o teórico Wundt centrou as suas pesquisas.

Wundt também sintetizou em sua obra, a visão dos empiristas críticos:

> Foi um empirista, em oposição ao nativismo. Acreditava que a vida mental era fruto da experiência e não de ideias inatas. Acreditava, ainda, que os fenômenos mentais do presente se baseiam em experiências passadas, antecipando, de certa forma, o **construtivismo**

> **piagetiano**. Completando a corrente do empirismo crítico, **Wundt** utilizou, no seu laboratório, os métodos experimentais preconizados por esse grupo. [...] O laboratório **de Wundt** foi palco de diversas experiências. Dessas, as inerentes ao interesse pelo conhecimento e, portanto pelo estudo das sensações (unidades de consciência) e da percepção dominaram o cenário. Procedeu-se, nele, a medida e classificação das sensações no seu aspecto visual, tátil, olfativo e sinestésico. Mediu-se, igualmente, a sua intensidade, duração e extensão. Pesquisaram-se os sentimentos, a vontade e a emoção, registrando-se as variações físicas como, por exemplo, alteração da respiração, da pulsação, etc. Também foram analisadas as variações físicas resultantes da aplicação de estímulos do domínio do agradável-desagradável, do tenso-distendido, do excitado e do deprimido. A atenção foi outro ponto, alvo de interesse (FREIRE, 2007, p. 95).

Pela extensa produção teórica de Wundt, ele foi considerado o pai da psicologia moderna. Este momento histórico possibilitou o desligamento das ideias psicológicas com ideias abstratas e espiritualistas, sem padronização e mensuração.

Com o fortalecimento da psicologia científica e com os seus princípios e métodos, construiu-se a perspectiva de um homem munido de autonomia e capaz de se responsabilizar pelo próprio desenvolvimento e por sua vida. Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 41):

> As teorias devem obedecer aos critérios básicos da metodologia científica, isto é, deve-se buscar a neutralidade do conhecimento científico, os dados devem ser passíveis de comprovação, e o conhecimento deve ser cumulativo e servir de ponto de partida para outros experimentos e pesquisas na área.

Os precursores da psicologia buscavam, dentro das possibilidades, atingir esses critérios e desenvolver suas teorias. Essas abordagens teóricas constituíram-se em três escolas: o funcionalismo, de **William James** (1842-1910), o estruturalismo, de **Edward Titchner** (1867-1927) e o associacionismo, de **Edward L. Thorndike** (1874-1949).

Para saber mais

Ficou curioso para saber mais sobre as obras do teórico Thorndike? Veja as obras que ele escreveu: **Animal Intelligencer**, **Educational Psychology** (3 vol.), **Fundamentos da aprendizagem**; **Educational Measurement** (1971) e **A nova metodologia da aritmética**.

Para Freire (2007, p. 98):

> A grande novidade nos meios **científicos**, no início do **século XX,** foi o estudo, o reconhecimento, a análise e a crítica da nova ciência que desabrochava com força total. É, assim, que, nesse tronco já estruturado por Wundt, aliado às outras correntes isoladas, vê-se surgir as mais diversas e novas ramificações, que foram o resultado de uma reorientação ou reaglutinação destas diversas tendências. O

> resultado foi a formação das cinco escolas psicológicas, que estruturam e caracterizaram a psicologia no início do século XX. Foram elas: o **estruturalismo**, o **funcionalismo**, e o **associacionismo.** Cada uma dessas escolas se caracterizou pela definição de psicologia, pelos seus conteúdos específicos e pelos métodos que empregavam no desenvolvimento de suas atividades. Cada uma formava um sistema fechado, no entanto, podiam-se encontrar pontos comuns e divergentes em todas elas. Com as escolas, a psicologia completa esta árvore frondosa, que haveria de dar muitos frutos. A sua ramificação em escolas estendeu-se por todo o mundo, e o seu epicentro, que até então tinha sido a Europa, especialmente a Alemanha, Leipzig, transfere-se, com os discípulos de Wundt, para os Estados Unidos, onde permanece até hoje. A maioria das grandes escolas do século XX teve lá o seu berço.

Sobre o estruturalismo de Titchener, pode-se destacar:

> **Edward Bradford Titchener** (1867-1927). O representante máximo do estruturalismo foi **Titchener.** Nasceu na Inglaterra, doutorou-se em Leipzig, Alemanha, e desenvolveu o seu trabalho em Cornell, nos Estados Unidos, para onde levou o estruturalismo de Wundt, seu mestre. O **estruturalismo** define a psicologia como ciência da consciência ou da mente, mesma definição dada por Wundt. A mente seria a soma total dos processos mentais. **Titchener** partia do pressuposto que cada totalidade psicológica compõe-se de elementos. Assim, vemos presente na psicologia científica a mesma preocupação dos filósofos da Antiguidade — o elementismo, aqui aplicado na psicologia. A tarefa da psicologia seria a de descobrir quais são esses elementos, ou seja, qual é o verdadeiro conteúdo da mente e a maneira pela qual se estrutura. Daí ser estruturalista. Esse conteúdo deveria ser estudado em si mesmo, sem nenhuma aplicação prática. Para se conseguir esse objetivo, a ciência coloca três questões em relação ao seu objetivo: o 'que é?' — através da análise se chega aos componentes da vida mental; o 'como?' — a síntese mostra como os elementos estão associados e estruturados e que leis determinam essas associações; e o 'por quê? ' — investiga a causa dos fenômenos (FREIRE, 2007, p. 99, grifo do autor).

Para saber mais

Ficou curioso para saber mais sobre as obras do teórico Titchener? Veja as obras que ele escreveu: **Experimental Psychology of the Higher Thought Process**, **Psychology of Feeling and Attention** e **The Postulates of Estrutural Psychology**. Sua obra mais completa e sistemática foi **Textbook of Psychology.**

Pode-se constatar que o **estruturalismo** tratava-se de uma escola com poucos adeptos, até mesmo nos Estados Unidos, onde surgiu e se desenvolveu:

> O estruturalismo foi alvo de muitas críticas. Segundo alguns autores, ele acabou com a morte de **Titchener**, em 1927. Pelo que se sabe, exerceu influência no construtivismo piagetiano. Teve como adversário o behaviorismo, o funcionalismo e o gestaltismo. Contribuiu, no entanto, para que a psicologia se tornasse uma verdadeira ciência. Nos Estados Unidos, fez a transição da filosofia mental para a psicologia científica. O curioso é que o estruturalismo, contrariamente ao que ocorreu na psicologia, onde não ganhou projeção, obteve enorme importância no campo da antropologia e da linguística (FREIRE, 2007, p. 101, grifo do autor).

Para saber mais

Quer conhecer mais a respeito do estruturalismo? A sugestão de leitura é do autor Piaget, que escreveu o livro: **O estruturalismo**. Lisboa: Pensamento Vivo, 1981.

A respeito da escola funcionalista, que teve como fundador Willian James e foi considerada a primeira escola exclusivamente norte-americana:

> Floresceu nas Universidades de Chicago e Columbia. Teve como precursoras as ideias evolucionistas de Darwin, a psicologia do ato e a fenomenológica e o naturalismo de Rousseau. Foi, no entanto, Willian James que lançou as suas bases, ao criticar o atomismo associacionista, que considera a vida psíquica como um agregado a primeira reação organizada e sistematizada contra a escola de Titchener e Wundt. Como se vê ela descende de tendências, na quase totalidade não ligada a Wundt. [...] Ao contrário do estruturalismo, que analisa a mente e a sua estrutura, os funcionalista concentram seus esforços no: 'para que serve?', 'qual é a função?'. A questão é de ordem prática e utilitária. O seu estudo deveria dirigir-se ao aspecto instrumental da consciência, cuja função é dirigir o comportamento e ajustar o homem às condições ambientais, isto é, ao meio físico e social. A consciência exerce uma atividade adaptativa e é um instrumento destinado a resolver problemas. Assim, o funcionalismo se enquadra no modelo filosófico do pragmatismo, em que a função da consciência não é conhecer, mas adaptar.
>
> [...] Os princípios e métodos do funcionalismo foram amplamente aceitos e incorporados ao patrimônio da psicologia como um todo e deixaram de existir como uma escola à parte. Continuou, no entanto, exercendo sua influência na educação, na *Gestalt* e no behaviorismo. Constituiu-se num importante marco da psicologia americana (FREIRE, 2007, p. 102-105).

Essas teorias, porém, foram sendo substituídas, no século XX, por novas teorias. As mais importantes tendências teóricas da psicologia no século XX e apontadas por inúmeros autores são: o behaviorismo, ou teoria S-R/estímulo e resposta, a *Gestalt* e a psicanálise.

Essa fase constituía-se de ampla variação, interesses e pesquisas se diversificavam e multiplicavam à medida que se tornava impossível os reunir em grandes blocos. "Tratava-se de um mundo científico emergente, que se proliferava habilmente. Era iniciada, desta forma, uma nova era: o momento das especializações e dos micros-sistemas como o da psicologia da personalidade, da criança, da sociedade, etc." (FREIRE, 2007, p. 20).

2.1 A constituição da psicologia como campo científico

Uma característica básica da ciência é sua objetividade. As conclusões teóricas devem ser passíveis de verificação e assim tornarem-se válidas para todos. Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 20) o conjunto de características é o que permite que denominemos científico "[...] como a definição do objeto específico, a linguagem rigorosa, métodos e técnicas específicas, processo cumulativo do conhecimento".

Para os autores citados, objetividade faz da ciência uma forma de conhecimento espontâneo do senso comum.

Para saber mais

Você deve estar se perguntando: afinal, o que é senso comum? O senso comum é aquele saber que brota da experiência do nosso dia a dia e que nos ajuda a entender e até mesmo resolver os problemas. Podemos afirmar que se trata de um conhecimento vinculado aos elementos da realidade em que estamos inseridos; o reconhecimento de hábitos, costumes, práticas, tradições e regras de conduta, ou seja, sobre tudo o que dispomos para podermos orientar-nos em nosso cotidiano, como por exemplo: limpar a casa, acender a luz do quarto, desligar a TV, telefonar para um amigo, reconhecer o nome das ruas da cidade onde mora.

Questões para reflexão

Mas, afinal, o que a ciência psicológica realmente estuda? Partiremos para o próximo tópico para entender um pouco mais sobre os objetos de estudo da psicologia.

2.2 Os objetos de estudo da psicologia

O objeto de estudo da psicologia é o **homem**. Nesse sentido, o próprio pesquisador também está inserido na categoria a ser estudada. Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 21-22, grifo do autor):

> A concepção de homem que o pesquisador traz consigo 'contamina' inevitavelmente a sua pesquisa em psicologia. Isso ocorre porque há diferentes concepções de homem entre os cientistas (na medida em que os estudos filosóficos e teológicos e mesmo doutrinas políticas acabam definindo o homem à sua maneira, e o cientista acaba necessariamente se vinculando a uma destas crenças).
>
> [Portanto, há uma diversidade de] [...] valores sociais que permitem várias concepções de homem. A psicologia enquanto ciência estuda os 'diversos homens' concebidos pelo conjunto social. Nesse sentido, a psicologia hoje se caracteriza por uma diversidade de objetos de estudo. A diversidade de objetos justifica-se porque os fenômenos psicológicos são tão diversos, que não podem ser ter os mesmos padrões de descrição, medida, controle e interpretação.

Com este pensamento pode-se afirmar que atualmente inexiste uma psicologia, mas ciências psicológicas embrionárias ainda se desenvolvendo.

Concluímos, portanto, que a psicologia é um ramo das Ciências Humanas e tem como objeto de estudo o **homem**, construindo conhecimentos tanto distintos como específicos a respeito dele.

Resumindo, então, o objeto de estudo da psicologia, portanto, é a subjetividade humana.

2.3 A subjetividade como objeto de estudo da psicologia

O objeto de estudo da psicologia é a subjetividade humana, e se caracteriza pelo mundo das ideias, dos significados e das emoções, que são construídos internamente pelo indivíduo por intermédio "[...] de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 22). É uma síntese que identifica, que torna os indivíduos únicos de um lado, e iguais de outro, na medida em que a sua constituição é vivenciada no campo da objetividade social.

Para saber mais

Sobre a subjetividade humana saiba mais no site: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v6n2_carla.htm>.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 51):

> A síntese que a subjetividade representa não é inata ao indivíduo. Ele a constrói aos poucos, apropriando-se do material do mundo social e cultural, e faz isso ao mesmo tempo em que atua sobre este

> mundo, ou seja, é ativo na sua construção. Criando e transformando o mundo (externo), o homem constrói e transforma a si próprio.

Nessa mesma linha de pensamento Figueiredo e Santi (2002, p. 51) complementam:

> A experiência da subjetividade privatizada, em que nós nos reconhecemos como livres, diferentes, capazes de experimentar sentimentos, ter desejos e pensar independentemente dos demais membros da sociedade é uma precondição para que se formulem projetos de psicologia científica.

Uma dessas precondições para a formulação de projetos de psicologia científica segundo Figueiredo e Santi (2002, p. 51, grifo do autor):

> [...] é a experiência de que não se é tão livre e tão diferente quanto se imagina. É a suspeita de que há outras 'forças invisíveis' nos controlando e de que não conseguimos espontaneamente ver com clareza as causas e os significados de nossas ações que nos levam a investigar o que há por detrás das aparências.

A ideia de que a liberdade e a singularidade dos indivíduos é ilusória emerge com o declínio das crenças liberais e românticas. Abre-se espaço, finalmente, para os projetos de previsão e controle científico do comportamento individual. Este será um dos principais objetivos da psicologia como ciência a serviço das disciplinas (FIGUEIREDO; SANTI, 2002).

Até aqui a compreensão sobre o objeto de estudo da psicologia ficou claro?

Questões para reflexão

A questão que ainda não foi respondida é: quando a psicologia se regulamentou no Brasil? Então vamos verificar isso no próximo tópico.

2.4 A psicologia no Brasil

A psicologia como ciência iniciou-se há cerca de 100 anos, sendo que a sua regulamentação, enquanto profissão no Brasil está datada no ano de 1962, pela Lei 4119 de 27/08/62.

Com o golpe militar de 1964, o progresso da psicologia acabou sendo reprimido, refletindo na alteração até mesmo no currículo acadêmico do curso por parte do Ministério da Educação.

Porém, no ano de 1969, segundo Carpigiani (2000, p. 97) "houve uma corrida em direção à criação dos cursos de psicologia por causa da reforma universitária, que permitiu um aumento expressivo das faculdades particulares".

Para Carpigiani (2000, p. 97):

> Ocorreram mudanças enormes nos últimos 31 anos no Brasil e no mundo, no que se refere ao aspecto: cultural, social, político, ideológico, dentre outros. Temas como estresse, drogas e neurose urbana, entre outros, hoje requerem a intervenção da psicologia. Com tais mudanças novos paradigmas surgiram.

Da regulamentação da profissão até meados da década de 1990, vários debates foram realizados sobre a nova profissão, seguindo assim um delineamento melhor de suas funções.

Em relação ao campo de atuação da psicologia além das três grandes áreas conhecidas (clínica, escolar e organizacional), existe um leque de possibilidades de atuação profissional: como a Psicologia Hospitalar, a criminal, a jurídica, a forense, a institucional, a social e a de saúde pública, a esportiva, dentre outras que se apontam.

Freire (2007, p. 135) nos fornece uma síntese sobre o campo de estudo da psicologia:

> [...] a psicologia de hoje se caracteriza pela abertura e democratização do seu sistema global, o que gerou a enorme diversidade de interesse, de pesquisa, a multiplicidade de correntes, compondo um painel de minissistemas, o que comprova sua identidade como ciência.[...] A psicologia está presente em todos os ramos da sociedade e tornou-se parte integrante e imprescindível da vida moderna. A era do profissionalismo trouxe a era da especialização, e os campos de atuação do psicólogo são, hoje, mais concretos e específicos.

Partiremos agora para caracterização das principais teorias da psicologia no séc. XX.

2.5 As principais teorias da psicologia no século XX

Durante esse percurso histórico, pudemos constatar que a psicologia se desenvolveu no século XIX como fruto da filosofia e da fisiologia experimental.

> A origem da teoria da personalidade deve muito mais à profissão médica e às condições da prática médica. De fato, os primeiros gigantes nessa área (Freud, Jung e McDougall) tinham formação em medicina, mas trabalhavam também como psicoterapeutas. Esse vínculo histórico entre a teoria da personalidade e a aplicação prática permaneceu evidente durante todo o desenvolvimento da psicologia e oferece uma importante distinção entre esse ramo da teoria e outros tipos de teoria psicológica (HALL; LYNDZEY, 2000, p. 29).

Algumas correntes da psicologia a consideram pertencente ao campo das Ciências do Comportamento e, outras, das Ciências Sociais. Acredita-se que o campo das Ciências Humanas é mais abrangente e condizente, pois vincula a psicologia à história, antropologia, economia, etc. São consideradas por inúmeros autores como sendo as três mais importantes tendências teóricas da psicologia no século XX, o behaviorismo, a *Gestalt* e a psicanálise. Vejamos brevemente cada uma dessas teorias e suas contribuições.

Sobre a escola behaviorista, Freire nos fornece uma boa descrição da mesma:

> Foi a escola americana mais influente, congregou maior número de adeptos e perdurou por mais tempo. O behaviorismo, ou psicologia do comportamento, nasceu com Watson, nos Estados Unidos. O termo vem do Inglês 'behavior' e quer dizer comportamento. Hoje está incorporado ao português, como à psicologia, dada a importância da doutrina. A psicologia como ciência do comportamento é hoje a definição universalmente aceita. Embora seja um sistema de naturalidade americana, suas raízes são de diversas origens. Recebeu influência do hedonismo, da teoria darwiniana, de Thorndile e dos reflexologistas russos, sobretudo Pavlov. Assim como teve origem diversa, o behaviorismo teve também ramificações e tendências diversas (FREIRE, 2007, p. 107).

O **behaviorismo**, ou **teoria (S-R)** como é definido, seu surgimento veio com Watson com grande desenvolvimento nos Estados Unidos, devido as suas aplicações práticas e definições dos fatos psicológicos de modo mais concreto.

> John B. Watson (1878-1958), norte-americano, foi o fundador do sistema e, como não poderia deixar de ser, foi quem o denominou do behaviorismo. Na formulação de seus princípios, baseou-se no estudo da psicologia animal, que já estava bem desenvolvida no início do séc. XX. O estudo, nos animais, permitia experiências que, no homem, eram impossíveis. Entre estas, estão: lesões nos órgãos dos sentidos e em partes do cérebro, a fim de descobrir os seus efeitos no comportamento. Com isso, o behaviorismo adotou métodos que se assemelhavam aos das ciências físicas. Sua tentativa foi transpor esses conhecimentos para o estudo do animal humano, reduzindo-o à matéria. Daí, o fato de um de seus pontos de partida ser o materialismo científico. O homem seria uma espécie de animal entre os outros. As suas reações poderiam ser estudadas como qualquer outro fato da natureza e, portanto, da mesma forma que os animais são estudados. Em consequência, o estudo da mente e da consciência, como extranatural, deveria ser totalmente abolido, condição necessária para que a psicologia fosse uma ciência. A psicologia científica assemelha-se, pois, às ciências naturais que são mecanicistas, materialistas, deterministas e objetivas (FREIRE, 2007, p. 108).

A teoria behaviorista dedica-se ao estudo das interações entre o indivíduo e o ambiente, ou seja, entre as ações do indivíduo (suas respostas) e o ambiente (as estimulações). Focado na objetividade e no comportamento por intermédio do processo estímulo-resposta.

De acordo com Freire (2007, p. 108):

> Outra característica do behaviorismo é a negação de todas as tendências inatas. O homem, para Watson, herdou apenas as estruturas de seu corpo e de seu funcionamento. Não herdou nenhuma característica mental: nem inteligência, nem habilidades, nem instinto, nem talentos nem dons especiais. Para explicar os diversos tipos de comportamento, Watson dava ênfase ao ambiente, ao meio, às circunstâncias. O condicionamento (S-R), exercido pelo ambiente, era responsável pelo comportamento.

Os psicólogos dessa linha teórica chegaram aos termos "**estímulo**" e "**resposta**":

> [...] para se referirem àquilo que o organismo faz e às variáveis ambientais que interagem com o sujeito. O comportamento, entendido como interação indivíduo-ambiente, é a unidade básica de descrição e o ponto de partida para uma ciência do comportamento. O homem começa a ser estudado a partir de sua interação com o ambiente, sendo tomado como produto e produtor dessas interações (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 21).

Segundo Freire (2007, p. 112-113):

> Skinner foi o maior expoente do behaviorismo das últimas décadas e teve muitos seguidores. O seu behaviorismo é ortodoxo e, assim sendo, rejeita toda a subjetividade. Contesta a noção de personalidade como determinante do comportamento, considerando enganosas e mistificadoras as noções de liberdade e dignidade, pois isto levaria a uma aceitação de agentes autônomos e internos, atuando no comportamento. Para ele, o adequado controle do meio, bem como a observação do comportamento, que resultou deste meio, seriam suficientes para explicar a conduta das pessoas, sem interferência de agentes internos. Só esse controle científico do meio poderia melhorar a existência humana. Sua psicologia girou, assim, em torno de um condicionamento operante, em que eram controladas todas as variáveis ou condições anteriores à realização da experiência e em que eram observadas e descritas, *a posteriori*, todas as respostas subsequentes. Controla-se, assim, o comportamento pelas suas consequências. Dentro desse esquema, as respostas são plenamente previsíveis e controláveis e se afirmam à medida que recebem reforço. Do condicionamento operante, derivou sua tecnologia educacional ou a sua instrução operante.
>
> [...] As teorias e modelos psicológicos behavioristas fundamentam-se na experimentação, no controle e no condicionamento do comportamento, e admitem uma conduta humana mecanicista. Caracterizam-se, portanto, pela atenção dada aos fenômenos observáveis, mensuráveis, pela influência que o meio ambiente exerce no indivíduo e pela rejeição de toda introspecção. A educação preconizada é totalmente diretiva e individualizada ou personalizada, e está relacionada entre a pedagogia da essência. Propõe, portanto, na educação um modelo ou um ideal, que é externo ao homem, mas que ele deve perseguir.

Em relação à teoria da ***Gestalt***, que teve seu berço na Europa, postulou a necessidade de se compreender o homem como uma totalidade, considerada a tendência teórica mais ligada à filosofia.

> [O movimento gestáltico surge na Alemanha, por volta de 1910-1912], contrapondo-se ao estruturalismo e ao behaviorismo. Max Wertheimer (1880-1943), alemão, elaborou os primeiros conceitos da psicologia gestáltica. Esses conceitos foram, posteriormente, ampliados pro Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Kohler (1887-1967). Koffka e Kohler, além de serem os seguidores, foram, também, os sujeitos de experimentos da *Gestalt* (FREIRE, 2007, p. 115).

Considerada "uma das tendências teóricas mais coerentes e coesas da história da psicologia. Seus articuladores preocuparam-se em construir não só uma teoria consistente, mas também uma base metodológica forte, que garantisse a consistência teórica" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 21).

Gestalt é um termo alemão que, em português, pode-se dizer que seria forma ou configuração. De acordo com Freire (2007, p. 115-116, grifo do autor):

> Os gestaltistas estavam preocupados em compreender quais os **processos psicológicos** envolvidos na ilusão de ótica, quando o estímulo físico é percebido pelo sujeito como uma forma diferente da que ele tem na realidade.
>
> O termo *gestalt*, de origem alemã, não tem uma tradução específica em outras línguas. Tendo em vista a riqueza da língua alemã, a palavra *gestalt* pode ser interpretada como configuração, estrutura, forma ou padrão. Devido a essa complexidade de traduções, o termo *gestalt* foi incorporado à psicologia. A psicologia da *gestalt* é mais conhecida como psicologia da forma.
>
> A **percepção** é o ponto de partida e também um dos temas centrais dessa teoria. Para os gestaltistas, entre o **estímulo** que o **meio** fornece e a **resposta** do indivíduo, encontra-se o **processo de percepção**.
>
> [...] Wertheimer estudou a percepção visual do movimento. Se se observam dois ou mais objetos apresentados contiguamente, num espaço de tempo curto, percebe-se uma continuidade nas figuras — as figuras são vistas como num todo. No entanto, à medida que o intervalo de tempo aumenta entre a apresentação de uma figura e da outra, as figuras vão sendo percebidas ou vistas separadamente. Girando-se em alta velocidade uma bola de fogo atada a uma corda, percebe-se o círculo que o movimento descreve e não a bola. Assim, um estímulo visual, embora descontínuo, pode traduzir a percepção de movimento contínuo. Isso se dá porque existe, entre a excitação de um órgão dos sentidos e a resposta que esse vai produzir, um tempo de reação. Uma percepção visual, por exemplo, demora em média 19 centésimos de segundo para ser produzida. Como a sensação de continuidade. Este é o princípio que rege os desenhos animados e o cinema. Foi o que se denominou de movimento aparente. De dois pontos estáticos, surge uma sensação dinâmica — um movimento.

Além da percepção, foram estudados outros fenômenos psicológicos, como a aprendizagem, a memória, as reações motoras, etc. De acordo com Freire (2007, p. 116):

> Foram feitos estudos sob o aspecto da física, da fisiologia, da biologia, voltados todos para o mesmo objetivo, que era mostrar a universalidade do princípio e a crença na unidade do universo. Em todos eles se chegou à mesma conclusão — à da totalidade. Com essa crença, não se podia iniciar um estudo de fenômenos psíquicos pelos elementos que os constituem, pois estes não foram percebidos à primeira vista. Os elementos são o resultado da reflexão e da abstração. Além do mais, o fenômeno não é apenas a soma de suas partes, mas é diferente dela. O comportamento não é a soma das

> sensações e percepções, como querem os behavioristas. Ele não só é diferente delas, mas tem uma dinâmica própria. Da mesma forma, os processos psicológicos (aprender, raciocinar, relacionar-se, agir, motivar-se, etc.) não formam um conglomerado sem sentido, são organizações de dentro para fora e são significativos.

Nos estudos da percepção e da sua visão globalista e totalista, a *Gestalt* interessou-se pela problemática da figura-fundo:

> Toda percepção é composta de figura e fundo e cada objeto é um todo. Uma unidade com uma configuração delimitada chama-se figura, em comparação com o espaço que a envolve e que lhe serve de fundo. A percepção de figura e fundo se dá porque existe uma visão periférica e uma central. A visão central leva à percepção da figura, e a periférica, à do fundo. No entanto, em muitos casos, a figura e o fundo são reversíveis, isto é, o fundo destaca-se mais. É o que se pode ver em obras de arte. A figura e fundo destaca-se mais. É o que se pode ver em obras de arte. A figura e fundo também podem ser intercambiados, modificando-se a percepção do todo. Quando se olha um mapa terrestre da Europa, por exemplo, o mar Mediterrâneo aparece como fundo. Se se olha, no entanto, o mapa marítimo do Mediterrâneo, tem-se dificuldade em reconhecê-lo, pois se apresentará com forma, com uma configuração, deixando de ser o fundo para ser a figura, e isso modifica a percepção. Essa mudança na percepção dos fenômenos é constante e varia de indivíduo para indivíduo e no próprio indivíduo (FREIRE, 2007, p. 118).

Para saber mais

Ao reconhecermos um estímulo que resultou em determinada sensação podemos afirmar que tivemos uma **percepção**, ou seja, interpretamos que tal sensação foi ocasionada por um objeto externo.

Psicólogos gestaltistas alegam que toda percepção é uma *Gestalt*, trata-se de um todo que não pode ser compreendido pela fragmentação em partes.

Na visão desses teóricos, o comportamento:

> [...] deveria ser estudado nos seus aspectos globais, levando em consideração as condições que alteram a percepção do estímulo. Nem sempre as situações vividas por nós apresentam-se de forma tão clara que permita sua percepção imediata. Essas situações dificultam o processo de aprendizagem porque não permitem uma clara definição da figura-fundo, impedindo a relação parte-todo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 23).

O fim do século XIX e início do século XX foram marcados pelo nascimento das grandes escolas psicológicas. Entre elas está a psicanálise, que nasceu na mesma

época do funcionalismo e da *Gestalt* e, como estas, contrapunha-se à psicologia clássica de Wundt e Titchener (FREIRE, 2007).

E a **psicanálise**, que nasceu com Freud, na Áustria, e segundo Freire valoriza "[...] a importância da afetividade e postula o inconsciente como objeto de estudo. É desenvolvida a partir de práticas médicas e quebra a tradição da psicologia como ciência da consciência e da razão" (FREIRE, 2007, p. 122). A autora nos fornece uma breve descrição de Freud:

> Sigmund Freud (1856-1939), austríaco, de origem judia, é o pai da psicanálise. A data de nascimento da psicanálise coincide com a data da publicação dos estudos sobre a histeria, em 1895. Joph Breuer e Freud, autores do livro, estudaram o efeito da hipnose no desaparecimento dos sintomas histéricos.

As contribuições de **Freud** na compreensão aos processos históricos e sociais é comparável às de Karl Marx, pois Freud descobriu os **processos misteriosos do psiquismo**, suas regiões obscuras, as fantasias, os esquecimentos, a interioridade do indivíduo como uma questão científica. Enfim, é uma teoria que caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica.

Como método de investigação a psicanálise caracteriza-se pelo **método interpretativo**, que busca o "[...] significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as **associações livres**, os atos falhos" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 92, grifos do autor).

> Referente à prática profissional, a forma de tratamento da psicanálise é a busca do autoconhecimento e/ou da cura, que ocorre através desse autoconhecimento, sendo aplicados em psicoterapias, aconselhamentos, trabalhos em grupos e instituições. A psicanálise não se resume ao processo clínico, mas sim um importante instrumento para a **compreensão dos fenômenos sociais relevantes**, tais como as novas formas de sofrimento psíquico, como por exemplo o estresse da vida moderna, a violência urbana, dentre outros.

Essas três teorias da personalidade mencionadas serão mais bem detalhadas na Unidade 3 deste livro.

Links

Veja esse artigo da **Revista Psicologia: Teoria e Prática** com o tema: Integralidade e saúde mental no SUS à luz da teoria da complexidade de Edgar Morin. Autores: Dulce Maria Bedin e Helena Beatriz Kochenborger Scarparo, 2011.

<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/ptp/article/view/2287/2987>.

Para concluir o estudo da unidade

Concluímos mais uma unidade. Explanamos algumas teorias da personalidade — o behaviorismo, a *Gestalt* e a psicanálise, apontando particularidades e objetivos centrais de cada teoria. Agora você terá a oportunidade de fixar seu aprendizado através dos exercícios disponíveis. Aproveite para retomar as leituras, caso necessite aprofundar seu conhecimento!

Resumo

Na Unidade 1 trilhamos historicamente o processo de constituição da psicologia, da Grécia Antiga até o momento em que se torna científica. Conhecemos os objetos de estudo da psicologia, compreendendo o conceito de subjetividade humana. Ao final da unidade foram abordadas as três principais teorias da personalidade do século XX. A partir desse momento, verifique o conhecimento adquirido realizando as atividades propostas a seguir.

Atividades de aprendizagem

Responda as seguintes questões:

1. Quais são as características que definem uma ciência?

2. Referente ao texto apresentado, em que período histórico a ciência psicológica teve avanços?

3. O que é "subjetividade" para a psicologia?

4. Assinale a alternativa correta:
A história da psicologia no Ocidente demonstrou que o homem sempre teve a necessidade de compreender a si mesmo, além disso, a psicologia foi pensada e estudada:

a) De acordo com cada momento histórico, nas exigências do conhecimento, nos desafios apresentados pela realidade econômica e social;

b) De acordo com cada dirigente de Estado que controlava a produção do conhecimento;

c) De acordo com as características de cada sociedade e seus anseios tecnológicos;

d) De acordo com a cultura dos povos;

e) De acordo com os anseios das áreas médicas.

5. Assinale a alternativa correta:
A terminologia da palavra psicologia significa alma e razão e etimologicamente psicologia significa "estudo da alma". Podemos afirmar que historicamente deu-se início da sistematização da psicologia no período:

a) Império Romano;

b) Idade Média;

c) Renascimento;

d) Grécia Antiga;

e) Europa.

Unidade 2

A psicologia do desenvolvimento

Objetivos de aprendizagem: Na Unidade 2, você poderá conhecer o desenvolvimento humano sob a perspectiva da teoria de Piaget, Vygotsky e Winnicott. Além disso, você encontrará no conteúdo definições e explicações sobre o desenvolvimento humano e as teorias referentes ao tema. Ao final da unidade, você terá a oportunidade de validar seu aprendizado através dos exercícios disponíveis. Aprofunde seu conhecimento acessando os links sugeridos!

- **Seção 1:** **A psicologia do desenvolvimento**

  Nesta seção trabalharemos a psicologia do desenvolvimento, destacando o momento em que a sociedade se interessa pelas crianças até a construção das teorias sobre o desenvolvimento humano. Abordaremos a teoria de Piaget, Vygotsky e de Winnicott. Serão trabalhados os seguintes itens:

  1.1 A infância na sociedade contemporânea
  1.2 A criança interpretando o mundo
  1.3 Aspectos do desenvolvimento humano

- **Seção 2:** **A teoria do desenvolvimento segundo Piaget**

  Nesta seção serão abordados os conceitos fundamentais da teoria de Piaget, assim como os estágios do desenvolvimento humano preconizados pelo autor. Podemos destacar os seguintes itens nesta seção:

  2.1 A teoria de Piaget
  2.2. Inteligência e construção do conhecimento

2.3 Alguns conceitos fundamentais da teoria piagetiana
2.4 Algumas considerações a respeito da teoria de Piaget
2.5 Estágios de desenvolvimento

Seção 3: **A teoria do desenvolvimento segundo Vygotsky**

Nesta seção serão abordados os conceitos fundamentais da teoria de Vygotsky. Podemos destacar os seguintes itens nesta seção:

3.1 A teoria de Vygotsky
3.2 Algumas considerações a respeito da teoria de Vygotsky
3.3 Diferenças entre Piaget e Vygotsky
3.4 O processo de aprendizagem
3.5 Críticas aos critérios de diagnóstico e classificação
3.6 Problemas de aprendizagem
3.7 Análise multifatorial/multicausal

Seção 4: **A teoria do desenvolvimento segundo Winnicott**

Nesta seção será abordada a teoria de Winnicott, que dará um enfoque afetivo emocional do desenvolvimento humano. Podemos destacar os seguintes itens nesta seção:

4.1 Winnicott: vida e obra
4.2 Tema central da teoria
4.3 Algumas considerações sobre a criança do 0 aos 3 anos
4.4 A adolescência segundo Winnicott

Introdução ao estudo

Os primeiros anos de vida são primordiais para que a criança estabeleça seu modo individual de interpretar o mundo e relacionar-se com as pessoas e com o ambiente. Ou seja, os primeiros anos são fundamentais para o funcionamento do futuro adulto.

O interesse pelo desenvolvimento infantil é recente. Podemos observar, por exemplo, que na Antiguidade não havia o reconhecimento da infância, inclusive com a prática do infanticídio.

Sabe-se que a infância foi inventada pela modernidade, pois foi a partir do término do séc. XVIII que a sociedade apresentou uma maior preocupação com as crianças, pois a saúde e a evolução da espécie dependiam disso.

A partir do séc. XX a criança e o adolescente tornam-se um sujeito a ser protegido pela família, sociedade e Estado. Em 1989 ocorre a Convenção dos Direitos da criança/ adolescente. Em 1990 foi sancionada o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei. 8069 em 13 de julho (BRASIL, 1990), com o objetivo de proteger e garantir o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Para Calligaris (2000) a maneira moderna de olhar para as crianças, esse jeito de amá-las como se fossem uma divindade cultural, triunfou quando a sociedade tradicional cedeu espaço ao indivíduo. Um prazer estético, como define o autor:

Para saber mais

Uma sugestão de leitura para um maior aprofundamento sobre a construção da Infância:

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

> [...] as crianças modernas são um objeto de contemplação de agrado e descanso para os nossos olhos. Criamos, vestimos, arrumamos as crianças para comporem uma imagem perfeita e segura de felicidade. A infância, mais do que uma utopia, é a nossa idade de ouro. A promessa, encarregada de dar sentido a nossa corrida social (CALLIGARIS, 2000, p. 65).

Seção 1 A psicologia do desenvolvimento

1.1 A infância na sociedade contemporânea

A criança contemporânea tem menos tempo de contato com os pais, em função do trabalho e das atividades da criança, e inicia uma interação ampla mais cedo, como a inserção na escola.

Agendas costumam ser cheias e cronometradas. As brincadeiras são planejadas sob a supervisão dos adultos.

Aumento da agilidade mental, maior flexibilidade, rapidez no raciocínio as crianças aprendem ouvindo. Para conhecer melhor o desenvolvimento infantil, iniciaremos uma síntese das principais teorias do desenvolvimento. Primeiramente vamos definir o objetivo da psicologia do desenvolvimento humano.

A psicologia do desenvolvimento tem como objetivo:

> [...] estudar o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos; físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social, desde o nascimento até a idade adulta do indivíduo, a sua maturidade. O estudo do desenvolvimento permite conhecer as características comuns de cada faixa etária, possibilitando descrever e reconhecer as individualidades das pessoas, para a observação e compreensão de seus comportamentos. [...] a psicologia do desenvolvimento proporciona condições de entender porque uma determinada criança atua de certa maneira, num dado momento de sua vida (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 1).

O intuito da psicologia do desenvolvimento não é apenas fornecer subsídios para o entendimento clínico da criança com distúrbios, mas também, fornecer um conjunto de conhecimentos teóricos, de pesquisas científicas que capacitem o profissional a atuar nas famílias, nas escolas, nas instituições, na comunidade. Informando, educando, mostrando quais as condições necessárias para um desenvolvimento saudável.

Nesse sentido, afinal, qual é a definição de psicologia do desenvolvimento?

Para Rappaport, Fiori e Davis (1981, p. 1):

> Representa uma abordagem para a compreensão da criança e do adolescente, através da descrição e exploração das mudanças psicológicas que as crianças sofrem no decorrer do tempo. A psicologia do desenvolvimento pretende explicar de que maneiras importantes as crianças mudam no decorrer do tempo e como essas mudanças podem ser descritas e compreendidas.

Uma teoria do desenvolvimento se constitui, portanto, num conjunto de conhecimentos teóricos que oferecem subsídios para a explicação dos comportamentos, e Rappaport, Fiori e Davis (1981, p. 4) complementam:

> [...] conhecer as capacidades, potencialidades, limitações, ansiedades, angústias mais ou menos típicas de cada faixa etária e dos possíveis desvios, desajustes e distúrbios que ocorrem durante o processo e podem resultar em problemas emocionais (neuroses, psicoses) sociais (delinquência, vícios, etc.), escolares (repetência, evasão, distúrbios de aprendizagem ou profissionais).

O estudo do desenvolvimento infantil é **recente**. Se resgatarmos historicamente o interesse da sociedade pela criança será datado a partir do final do século XVIII. Até então a criança era tratada como um pequeno adulto, na qual não havia qualquer vinculação afetiva. A Igreja, a partir do séc. XVIII, toma a atitude de afastar as crianças de assuntos ligados ao sexo, situações até então ocorridas, preocupando-se com as inadequações que estas vivências traziam à formação do caráter e da moral dos indivíduos. Foi o pontapé inicial para a constituição de escolas, escolas estas

que buscavam, além de desenvolver educação básica, o ensino religioso e moral, as habilidades de leitura, escrita, e da aritmética.

> No século XIX, perdurando para o início do século XX, havia uma preocupação mais ampla e mais sistemática do adulto com a educação formal da criança. Porém, o regime disciplinar era exercido, tanto nas famílias, como nas escolas, de forma violenta. Era muito comum a aplicação de castigos, como o uso da palmatória, e fazer a criança ajoelhar no milho (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 30).

Os estudos de Freud mostraram a importância dos primeiros anos de vida na construção da personalidade, determinando o curso do seu desenvolvimento futuro, no sentido da saúde mental ou da patológica.

1.2 A criança interpretando o mundo

No desenvolvimento infantil percebemos que a criança interpreta o mundo dentro de um sistema próprio, e esse é um processo lento. Qual é a explicação? O cérebro humano está sendo programado para atividades elaboradas e complexas, como o raciocínio, a linguagem e o amadurecimento das emoções.

Podemos observar uma grande mudança na estimulação de nossas crianças. Hoje há uma estimulação maior do ambiente. Antigamente as nossas mães pensavam que os recém-nascidos ainda não enxergavam e não ouviam bem. Com os estudos e pesquisas na área, sabemos que há uma interação com a criança desde o útero da mãe.

A sociedade contemporânea apresenta um ritmo de vida mais veloz, as crianças acabam entrando na escola mais cedo, há incrementos na agilidade mental, no raciocínio. Todo esse contexto vai refletir no desenvolvimento das crianças.

Mas é importante compreender que cada criança apresenta seu próprio desenvolvimento, obedecendo ao seu próprio processo maturacional.

1.3 Aspectos do desenvolvimento humano

O desenvolvimento do ser humano pode ser analisado em quatro aspectos básicos:

1) **Aspecto físico-motor**: refere-se à maturação neurofisiológica. O indivíduo adquire a capacidade de manipular objetos e realizar atividades com o seu próprio corpo;
2) **Aspecto intelectual**: o indivíduo desenvolve a capacidade de pensamento e raciocínio;
3) **Aspecto afetivo-emocional**: esse aspecto está relacionado ao modo particular do indivíduo integrar as suas próprias experiências. É o sentir. A sexualidade humana faz parte do desenvolvimento afetivo-emocional;
4) **Aspecto social**: é a maneira como o indivíduo reage e interage diante das situações que envolvem outras pessoas, família, amigos etc.

Todos os aspectos descritos estão constantemente relacionados uns aos outros, não podendo ser observados isoladamente.

As teorias do desenvolvimento humano partem do pressuposto de que esses quatro aspectos não se dissociam. O que as diferenciarão será o enfoque em aspectos específicos, isto é, investigar o desenvolvimento de uma maneira integral a partir da ênfase em um dos aspectos descritos. Um exemplo ilustrativo desse fato é a teoria psicanalítica que abordaremos logo a seguir, nas teorias da personalidade. Ela investiga o desenvolvimento humano a partir dos aspectos afetivo-emocional, isto é, do desenvolvimento da sexualidade. Já o estudioso Piaget dará ênfase ao desenvolvimento intelectual da criança.

Existem inúmeras teorias do desenvolvimento humano em psicologia. Dentre essas teorias já mencionadas, é importante destacar três principais autores, com destaque para Piaget, Vygostsky e Winnicott. O primeiro teórico que estudaremos será Piaget, que dará enfoque no aspecto cognitivo da criança, o segundo será Vygostsky, que abordará o aspecto social e por último o teórico Winnicott, que destacará o desenvolvimento segundo o aspecto afetivo-emocional da criança.

Questões para reflexão

Você sabe como Piaget começou os seus estudos sobre o desenvolvimento infantil? Vamos a busca dessa resposta na próxima seção.

Seção 2 A teoria do desenvolvimento segundo Piaget

2.1 A teoria de Piaget

De acordo Rappaport (1982), a preocupação central de Piaget foi o "sujeito epistêmico", isto é, o estudo dos processos de pensamento presentes desde a infância inicial até a idade adulta, apresentando uma visão interacionista. Para Rappaport, Fiori e Davis (1981, p. 52) Piaget:

> Mostrou a criança e o homem num processo ativo de contínua interação, procurando entender quais os mecanismos mentais que o sujeito usa nas diferentes etapas da vida para poder entender o mundo, pois para Piaget a adaptação à realidade externa depende basicamente do conhecimento.

Para saber mais

O teórico Jean Piaget (1896-1980) começou os seus estudos na zoologia e depois voltou suas atenções para a lógica, a psicologia e a teoria do conhecimento, investigando o desenvolvimento do pensamento da criança. Piaget contribuiu muito para a compreensão da mente do ser humano, principalmente no que se refere ao processo de aprendizagem.

Esse conhecimento possibilita ao ser humano um estado de equilíbrio interno que o capacita a adaptar-se ao meio ambiente.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Pulaski (2009, p. 9):

> Por que se desejaria ler sobre a teoria psicológica de Jean Piaget? Porque ele é um dos mais importantes dentre os pensadores que vivem em nossa época. Suas ideias sobre o desenvolvimento da cognição nas crianças têm afetado a pesquisa, os programas pré-escolares, os métodos parentais, o planejamento de currículos e muitas outras áreas da psicologia e da educação na atualidade. Assim como Freud nos abriu os olhos para o crescimento intelectual. O pensamento, o conhecimento, a imaginação, a percepção, a memória, o reconhecimento, a abstração e a generalização são processos que se incluem, todos, sob o termo cognição, que se refere a todas as atividades intelectuais da mente. Os estudos de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo humano nos ajudam a compreender o que esperar das crianças, de que modo elas percebem o mundo ao seu redor nas diferentes idades, e porque formulam perguntas e interpretam as informações por meios que podem parecer estranhos aos adultos.

Nesse sentido, a função do desenvolvimento para Piaget consiste em produzir estruturas lógicas que permitem ao indivíduo atuar sobre o mundo de formas cada vez mais flexíveis e complexas, investigando quais os processos cognitivos envolvidos. Quanto a esse aspecto, Piaget irá enfocar os aspectos qualitativos e não quantitativos. Para compreender como se dava esse processo, quando Piaget aplicava seus testes nas crianças se preocupava, muito mais, pelas respostas incorretas do que pelas corretas, trilhando um entendimento dos processos mentais que a criança utilizou para chegar à resposta. Olhava a criança como um ser ativo na sua aprendizagem, uma criança que tem vontade e uma maneira própria de adquirir o conhecimento. A técnica básica de pesquisa desenvolvida por Piaget foi o **método clínico**, que possibilitou formular uma das mais importantes teorias do desenvolvimento humano.

2.1.1 Os três tipos de conhecimento segundo Piaget

a) **Conhecimento físico**: o conhecimento físico dos objetos para Piaget acontece de fora para dentro. Quando a criança atua sobre os objetos descobre as propriedades físicas dos mesmos. A ação efetiva da criança, como jogar, pegar, manipular, é importante para que ela descubra suas diferentes reações e características como peso, cor, tamanho e textura.

b) **Conhecimento lógico-matemático**: acontece também de dentro para fora, e se dá por meio da coordenação das ações mentais do sujeito sobre o objeto. É feita uma relação entre eles, a criança se torna capaz de classificar, ordenar, medi-lo mentalmente. Essa forma de conhecimento tem como base a percepção do indivíduo.

c) **Conhecimento social**: nesse aspecto Piaget entendia que o conhecimento social acontece de fora para dentro. Provém de informações do mundo exterior, de outras pessoas. A forma de adquirir este conhecimento depende do contexto social do indivíduo.

2.2 Inteligência e construção do conhecimento

À medida que a criança vai crescendo, as estruturas cognitivas vão se desenvolvendo. Novas estruturas se formam mediante a integração de coordenação de esquemas já existentes, que surgem em consequência dos conflitos que aparecem quando seus esquemas já não são suficientes.

A função da **inteligência** no ser humano é se adaptar ao meio ambiente. Para Piaget (apud RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981), crescer é reorganizar a inteligência para ter mais possibilidades de adaptar-se.

Para saber mais

O **conceito de hereditariedade** para Piaget: o indivíduo herda uma série de estruturas biológicas, no entanto a inteligência não é herdada, vai amadurecendo em contato com o ambiente (aspectos físicos e complexos e o processo de adaptação). O desenvolvimento linguístico vai depender da maturação orgânica, do grau de estímulo verbal e do que a criança vier a receber do meio em que vive.

2.3 Alguns conceitos fundamentais da teoria piagetiana

São quatro os fatores responsáveis pela passagem de uma etapa a outra do desenvolvimento humano. Para Piaget (apud RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981) são eles: a maturidade do sistema nervoso, a interação social, a experiência física, o estímulo ambiental e a equilibração.

2.3.1 O processo de equilibração

É um processo em que a criança tenta equilibrar-se, adaptar-se a situações novas em seu meio ambiente. A equilibração ocorre em função de duas ações que ocorrem ao mesmo tempo, a assimilação e a acomodação. Vamos entender cada uma delas.

2.3.1.1 Assimilação

A criança, na sua interação com o meio, quando se depara com situações estranhas, entra em desequilíbrio. Para solucionar esses problemas ela usará recursos que já tem desenvolvido para se adaptar à nova situação. Ou seja, utiliza uma estrutura cognitiva já formada, isto é, um novo elemento é incorporado e assimilado a um sistema já pronto.

Nesse sentido, ocorre um processo de absorção do que há no mundo e acontece através da organização de experiências em torno das atividades que as produzem.

2.3.1.2 Acomodação

Compreendida como "modificação de estruturas antigas com vistas a solução de um novo problema de ajustamento, a uma nova situação. Diremos que se acomodou — adaptou-se a esta nova exigência da realidade". (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 25).

A criança cria novos recursos e desenvolve estruturas que ainda não tinha. Portanto, é um processo através do qual o organismo se modifica a fim de adaptar-se às novas experiências que surgem.

> Os processos de assimilação e acomodação são complementares e acham-se presentes durante toda a vida do indivíduo, que permite um estado de adaptação intelectual. Por exemplo: colocar a varinha por ordem crescente de tamanho (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 25).

Para Pulaski (2009, p. 108):

> É em centenas de observações cuidadosas como essa que Piaget baseia sua teoria do desenvolvimento cognitivo dos bebês. Os resultados de suas investigações constituem uma parte importante de sua teoria genética do conhecimento. O comportamento dos bebês, diz Piaget, como o de todos os organismos biológicos, exemplifica o processo de adaptação em contínuo funcionamento. A inteligência é parte integrante dessa adaptação. Do mesmo modo que a respiração, a digestão e a coordenação motora do bebê funciona para adaptá-lo ao meio, sua inteligência funciona para torná-lo cada vez mais senhor de seu próprio mundo. Contudo, embora o funcionamento inteligente seja constante e não se modifique, as estruturas através do qual se manifesta sofrem mudanças. O bebê, por exemplo, lida com o seu meio através dos sentidos e da atividade motora, enquanto a criança em idade escolar.

2.4 Algumas considerações a respeito da teoria de Piaget

- A teoria piagetiana estuda os processos de pensamento presente desde a infância inicial até a idade adulta;
- Piaget explicou como o organismo conhece o mundo;
- Os processos cognitivos para Piaget referem-se à inteligência. Piaget estava mais preocupado com as respostas qualitativas, buscando entender os processos mentais que a criança utilizou para chegar à resposta;
- Utilizou o método clínico (observação e experimentação);
- Desenvolvimento cognitivo: o desenvolvimento intelectual se efetiva por estágios ou fases sucessivas e constantes, o que não exclui a existência de diferenças individuais, pois cada criança pode alcançá-lo em épocas diferentes;
- O desenvolvimento da inteligência está diretamente ligado a fatores biológicos e hereditários e juntamente acompanhado por fatores psicológicos, desenvolvidos pelas crianças durante o processo de interação com o ambiente;
- Apresentou uma visão interacionista — ou seja, o desenvolvimento ocorre num processo ativo de contínua interação, buscando entender quais os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza nas diferentes etapas da vida para poder entender o mundo. A adaptação à realidade externa depende basicamente do conhecimento.

Piaget trabalhou com muitos processos psicológicos, pensamentos, percepção, imaginação, memória, imitação, e ação (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981).

Para Pulaski (2009, p. 121):

> Em contraste com a percepção, que se desenvolve cedo na infância, as imagens mentais parecem surgir por volta de meados do segundo ano de vida, as funções simbólicas, as imagens mentais, segundo Piaget, emergem da ausência do objeto imaginado. Entretanto, como iremos verificar, isso não significa que as imagens sejam cópias exatas da realidade. 'As imagens' diz Piaget, 'são instrumentos do conhecimento e, portanto, dependem das funções cognitivas'.

Apenas "o conhecimento possibilita ao homem um estado de equilíbrio interno que o capacita adaptar-se ao meio ambiente" (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 26).

No entanto, não consiste em cópias internalizadas da realidade externa, mas sim em produzir estruturas lógicas que permitem ao indivíduo atuar sobre o mundo de forma cada vez mais flexível e complexa (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981).

Há uma troca constante entre o indivíduo e o meio, uma busca constante de um estado de equilíbrio biológico e mental.

Uma vez atingido o grau de maturidade mental representado pela oportunidade de realizar operações mentais formais, seu desenvolvimento posterior consistirá numa ampliação. Esse equilíbrio não será estático, mas sim um equilíbrio dinâmico (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981).

Para Piaget, existem formas diferentes de interagir com o ambiente nas diversas faixas etárias.

A criança irá amadurecer física e psicologicamente sendo estimulada pelo ambiente físico e social, por conseguinte construindo a sua inteligência (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981).

A grande maioria das crianças de uma dada cultura amadurece "[...] seus processos biológicos e psicológicos em faixas etárias aproximadas. As estruturas mentais e os seus mecanismos funcionais acabam sendo comuns a grande maioria das crianças de uma mesma idade cronológica" (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 26).

É importante destacar que os estágios estabelecidos por Piaget são apenas uma referência não uma norma rígida.

2.5 Estágios de desenvolvimento

2.5.1 Primeiro estágio: sensório-motor (0 a 2 anos)

- No início, o comportamento do recém-nascido é de natureza reflexa: como o sugar, agarrar, chorar. Através da maturação e da interação com o meio, os reflexos vão se modificando;

- Resolve problemas através das percepções sensoriais e esquemas motores — não possui pensamento — pensa pelo corpo;
- A criança realiza atividades como bater, pegar, jogar;
- Não possui capacidade para representar eventos, evocar passado e futuro. Fica no "aqui e agora";
- Define o objeto usando-o;
- A criança diferencia o mundo externo com o seu próprio corpo. Indissociação entre o eu e o outro;
- Utilização dos instintos;
- Durante a fase começa o domínio maior do ambiente — sentar, engatinhar;
- Ao final da fase — imitação das regras e fala imitativa.

2.5.2 Segundo estágio pré-operatório (primeira infância — 2 a 7 anos)

- Grande processo de simbolização — monólogos;
- Apresenta o comportamento da obediência;
- Início das regras — "o que pode e o que não pode fazer";
- Pensamento egocêntrico — a criança acredita que todas as pessoas pensam como ela e que todos pensam as mesmas coisas que ela, e, por fim, que tudo que pensa está certo. Tem dificuldade em aceitar os pontos de vistas dos outros;
- Pensamento animismo — a criança empresta alma as coisas e animais. Exemplo: Olha, que gatinho legal!
- Não há noção de conservação, falta o sentido de reversibilidade;
- Aparecimento da linguagem — modificação dos aspectos intelectuais, afetivos e sociais da criança;
- Verbalização do pensamento — exteriorização da vida interior — corrigir ações futuras — a criança antecipa o que vai fazer. Exemplo: expressa o pensamento em palavras;
- Primeiro jogos simbólicos com o intuito de explicar o mundo real, depois a razão causal e finalista de tudo (os porquês);

De acordo com Pulaski (2009, p. 108):

> À medida que diminuem os 'porquês', aumentam as perguntas do 'como'. As crianças querem compreender como as coisas funcionam, 'quanto tempo falta para o Natal' e acima de tudo, 'como as crianças nascem'. O nascimento e a morte são tópicos de aguçado interesse para as crianças e podem surgir de muitas maneiras disfarçadas. Os pais a quem são formuladas inúmeras perguntas sobre as origens das coisas — o sol, a lua, as ameixas e as cerejas (de sementes — podem suspeitar de uma indagação mais profunda, como fez Piaget quando Jaqueline lhe perguntou, 'as pedras nascem no lago?'. As crianças que recebem respostas evasivas logo perdem a confiança nos adultos; mais vale ser honesto, quando se

> desconhece a resposta, e admiti-lo dizendo, 'vamos procurar saber'. O ceticismo não é prejudicial nessa época e idade, ocorrendo quase inevitavelmente em algum momento dos primeiros anos de escola. Como disse um dos meninos de Piaget, 'quer que papai não pode saber tudo, nem eu tampouco'.

- Ainda centrada em si mesma — não consegue colocar-se no ponto de vista do outro. Ex: apesar das crianças nessa fase estarem juntas brincando, elas muitas vezes apresentam produções individuais;
- A maturação neurofisiológica se completa, como a coordenação motora fina. Ex: consegue pegar pequenos objetos nos dedos;
- Os julgamentos são baseados na percepção e não no raciocínio lógico.

Para Rappaport (1982) na fase **pré-operacional**, o convívio estende-se a outros adultos, fora da família nuclear, e também a outras crianças da mesma idade. Porém, o caráter egocêntrico do pensamento determina também o egocentrismo da linguagem e das relações sociais, exemplificados pelo monólogo e pelo brinquedo paralelo.

2.5.3 Terceiro estágio: operações concretas (7 a 12 anos)

- O pensamento é denominado operatório porque é reversível — capacidade de fazer o pensamento regredir ou progredir no tempo — reverter um pensamento necessário para soluções dos problemas lógicos que permite a superação da percepção no pensamento. Nessa fase já estabeleceu o tipo de pensamento necessário para a conservação;
- Consegue realizar contas matemáticas, a percepção não é mais ligada à quantidade;
- O pensamento se baseia no raciocínio, não na percepção, no entanto, o pensamento é concreto, não consegue pensar de forma abstrata;
- Início da escola;
- Divide com os outros, coopera, pensa antes de agir;
- A capacidade de reflexão é exercida a partir de situações concretas.

2.5.4 Plano intelectual

Ela consegue realizar uma ação física ou mental dirigida para um fim (objetivo de revertê-la para o seu início). Como, por exemplo, desmanchar um quebra-cabeça e recomeçar de onde parou.

Em relação ao pensamento, a criança consegue:

a) Relações de causas e efeito e de meio e fim;
b) Sequenciar ideias ou eventos;
c) Trabalhar com ideias sob dois pontos de vista simultaneamente;
d) Formar o conceito de número;
e) Noção de conservação-comprimento e quantidade (por volta dos 9 anos);
j) Logo em seguida, peso-volume.

2.5.5 Aspecto afetivo

Começa a apresentar "as vontades" — diferencia o prazer e o dever. Exemplos:

- Não quer ir tomar banho quando está brincando;
- Adquire autonomia crescente em relação ao adulto, passando a organizar seus próprios valores morais;
- Escolhe os amigos;
- Ouve os adultos no início do estágio e obedece. Ao final no estágio começa a enfrentá-los.

Para Rappaport (1982) no período **operacional concreto**, à medida que o pensamento se socializa, as interações com os adultos e os companheiros tornam-se realmente cooperativas, permitindo os jogos de regras, os esportes grupais, os projetos comuns, etc. Enfim, é como se a criança fosse gradualmente saindo de si mesma para um contato cada vez mais efetivo com o ambiente físico e social. E isso só se torna possível pelo desenvolvimento de estruturas mentais e de leis de funcionamento destas estruturas que permitem cada vez maior flexibilidade de entendimento, criando melhores condições de troca a nível social.

2.5.6 Quarto estágio: operações formais (11 ou 12 anos em diante)

- O pensamento está livre das limitações concretas. Já apresenta um pensamento abstrato;
- Reformador — "eu posso tudo";
- Megalomania — egocentrismo consciente: idealista quando enfrenta o real;
- Organiza as ideias sem necessitar de manipulação ou referências concretas — lida com conceitos como liberdade, justiça, dentre outros;
- A contestação é a marca desse período; questionamento;
- Cria teorias sobre o mundo; abstrai, generaliza;
- Apresenta um comportamento antisssocial: ora se afasta da família, ora não aceita conselhos dos adultos;
- Aspecto afetivo: vive conflitos internos — deseja libertar-se do adulto, mas ainda depende dele;
- Deseja ser aceito pelos adultos e pelos amigos;
- Busca de uma identidade, seja pela vestimenta, vocabulário, comportamento, etc.

De acordo com Rappaport (1982), na adolescência, em função do alcance do pensamento abstrato, o adolescente poderá não apenas se relacionar com as pessoas de seu ambiente imediato, como com o próprio cosmo, dando vazão às angústias existenciais típicas desta fase de definições da identidade pessoal, de valores, de ideologias, de crenças religiosas etc.

Rappaport (1982, p. 11-13) continua desenvolvendo o seu pensamento:

> É no contato com os companheiros ou com os pais e outros adultos que o adolescente irá desenvolver a reflexão, a crítica e o seu posicionamento pessoal diante da realidade social. É na reflexão internalizada, individualizada, que o adolescente conseguirá, por atos cognitivos, a síntese indispensável à integridade do Ego e a definição de sua identidade pessoal. [...] Vemos, portanto, que o desenvolvimento cognitivo não ocorre independentemente do desenvolvimento emocional ou social, como se cada uma destas áreas fosse um compartimento estanque apenas acoplado aos outros. Acontece justamente o contrário: o processo é integrado, dando ao desenvolvimento da personalidade um caráter harmônico [...].
>
> [Na **adolescência** todas] as vivências anteriores, suas gratificações e seus conflitos serão retomados, gerando um desequilíbrio entre as instâncias psíquicas, uma desestruturação do Ego, o que explica o comportamento impulsivo e instável do jovem. Mas a qualidade destas vivências infantis, aliada ao relacionamento familiar na adolescência, a fatores constitucionais do sujeito e, ainda, à sua situação social e econômica, é que permitirá a integração, o afloramento da identidade pessoal, o assumir-se como pessoa capaz de realizar-se afetivamente, de constituir família, de trabalhar não só para prover o próprio sustento, mas de encontrar no trabalho uma fonte de gratificações e de crescimento pessoal.

De acordo com Piaget (apud RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 30), na idade adulta não surge mais nenhuma estrutura mental:

> [...] o indivíduo caminha então para um aumento gradual do desenvolvimento cognitivo, em profundidade e uma maior compreensão dos problemas e das realidades significativas que o atingem. Isto influencia os conteúdos afetivos emocionais e sua forma de estar no mundo.

De forma ilustrativa apresentamos os aspectos de cada estágio de desenvolvimento no quadro abaixo:

Quadro 2.1 Períodos de desenvolvimento de Piaget

Períodos de desenvolvimento	Inteligência	Interação social	Afeto
Estágio sensório-motor (0-2 anos)	(8 meses) Inteligência prática (senso-motora) com a manipulação de objetos; Reflexos (sucção); Organização das percepções e hábitos.	Há uma indissociação entre o eu e o outro; Ausência da linguagem; Egocentrismo.	Egocentrismo; Sensações de prazer, fracasso, sucesso, etc.

Estágio pré-operacional (2-7 anos - 1ª infância)	Inteligência simbólica através de imagens (boneca); Não são capazes de discordar; Pensamento egocêntrico; Intuitivo.	Início da socialização; Jogos coletivos com regras individuais; Respeito unilateral com os mais velhos (relação social de submissão); Monólogos.	Sentimentos interindividuais (simpatia, respeito) Afetividade mais elaborada; Sentimentos morais intuitivos.
Estágio operacional-concreto (7-12 anos — 2ª infância)	Inteligência concreta (operações concretas, noções de reversibilidade); Assimilação racional; Início do pensamento verbalizado e socializado; Reflexão Pensamento lógico (coordenação dos pontos de vista entre si).	São mais cooperativos; Existência de respeito mútuo; Regras definidas.	Novos sentimentos morais e autônomos; Sentimentos de justiça; Sentimentos de cooperação e autonomia pessoal; Organização da vontade;
Estágio operacional-formal/ abstrato (adolescência)	Inteligência formal com raciocínio abstrato (constrói sistemas e teorias); Organização autônoma das regras; Pensamento verbalizado e socializado.	Cooperação social; Valorização do eu; Igualdade entre pares; Questionamentos aos adultos; Inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos.	Extremos; Sentimentos ideais e coletivos.

Fonte: Adaptado de Rappaport, Fiori e Davis (1981).

Para saber mais

Para saber mais a respeito da vida e obra de Piaget, acesse o link abaixo:

<http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_jean_piaget.htm>.

Para saber mais

Uma sugestão de livro da autoria de Piaget: “**A linguagem e o pensamento na criança**”.

Questões para reflexão

Será que o teórico Vygotsky segue a mesma linha de pensamento de Piaget? Vamos constatar no próximo assunto.

Seção 3 A teoria do desenvolvimento segundo Vygotsky

3.1 A teoria de Vygotsky

O autor soviético Lev Seminovich Vygotsky teve um importante papel no estudo do desenvolvimento humano. Vygotsky nasceu em 1896, na Bielo-Rússia, e "faleceu prematuramente aos 37 anos de idade. Ele foi considerado um dos teóricos que buscou uma alternativa dentro do materialismo dialético para o conflito entre as concepções idealista e mecanicista na psicologia" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 36).

As descobertas do autor foram inovadoras, pois possibilitaram estabelecer conexão entre o pensamento e a linguagem e o grande papel dessa conexão no desenvolvimento infantil.

Vygotsky (1988) construiu sua teoria dispondo como base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, dando destaque para o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento.

A sua questão central é a aquisição de conhecimento pela interação do indivíduo com o seu meio.

Nesse sentido a formação psíquica é internalizada e mediada pela cultura. "Os processos de pensamento, memória, percepção e atenção fazem parte da função mental. Na qual o conhecimento se constitui a partir de relações intra e interpessoais" (VYGOTSKY, 1988, p. 15).

É na troca com outros indivíduos e consigo próprio que vão se internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimento e da própria consciência, que é mediado pela **cultura** (VYGOTSKY, 1988).

A linguagem é compreendida por Vygotsky (1988) como a mediação entre o indivíduo e o objeto de conhecimento. Ela transmite a cultura, e forma as nossas funções mentais superiores.

Esse processo de internalização é fundamental para o desenvolvimento psicológico.

O indivíduo não tem acesso direto aos objetos que o rodeiam, esse processo acaba sendo sempre mediado pelo outro.

O desenvolvimento infantil para Vygotsky (1991, p. 138) é definido como:

> Um complexo processo dialético, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, entrelaçamento de fatores externos e internos e processos adaptativos.

Vygotsky (1991) expressa que os estímulos auxiliares são altamente diversificados. Eles incluem os instrumentos da cultura na qual a criança nasce, a linguagem das pessoas que se relacionam com a criança e os instrumentos produzidos pela própria criança, incluindo o uso do próprio corpo.

Um conceito fundamental proposto por ele para representar essa importante interação é o sistema funcional do aprendizado do indivíduo. Vygotsky (1991, p. 143) explana sobre como ocorre esse aprendizado:

> Um dos aspectos importantes do desenvolvimento é a crescente habilidade da criança no controle e direção do próprio comportamento, habilidade tornada possível pelo desenvolvimento de novas formas e funções psicológicas e pelo uso de signos e instrumentos nesse processo. Mais tarde a criança expande os limites de seu entendimento através da integração de símbolos socialmente elaborados (tais como valores e crenças sociais, conhecimento cumulativo de sua cultura e conceitos científicos da realidade) em sua própria consciência.

O desenvolvimento humano é resultado das interações dialética do homem e seu meio sócio-histórico cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para seguir suas necessidades básicas, transformar-se a si mesmo.

O cérebro humano é compreendido como um sistema de grande elasticidade, na qual sua estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da espécie e do desenvolvimento do indivíduo.

No desenvolvimento infantil Vygotsky (1991, p. 40) preconiza que "devemos considerar não apenas o nível real da criança, mas também o seu nível de desenvolvimento potencial, a sua capacidade de desempenhar tarefas com ajuda de outras pessoas mais capazes".

O próprio comportamento "é criado e modificado ao longo da história social da civilização, e é um dos instrumentos que o ser humano utiliza para dominar o seu ambiente" (VYGOTSKY, 1991, p. 40). Esse processo acaba se fundindo com o cultural.

As respostas das crianças ao ambiente no início são fomentadas por processos inatos. Na mediação dos adultos com a criança que os processos psicológicos importantes acabam tomando forma.

É nesse processo de interiorização dos meios de operação das informações determinadas culturalmente, que a natureza social dos indivíduos torna-se igualmente sua natureza psicológica. A fala adquire um papel fundamental desse processo, pois inicialmente a fala segue as ações e posteriormente administra e determina a ação da criança no aspecto do planejamento.

A expressão verbal da criança chega ao adulto, que interpreta e retorna a criança com a ação e/ou com fala.

Ele faz uma argumentação elaborada sobre o desenvolvimento humano demonstrando que a linguagem é o próprio meio através do qual a reflexão e a elaboração da experiência ocorrem. É um processo pessoal e, ao mesmo tempo, um processo profundamente social.

É por meio da fala, de acordo com o autor, que a criança supera as limitações imediatas de seu ambiente. Ela se prepara para a atividade futura; planeja, ordena e controla o próprio comportamento e o dos outros. Além disso:

> [...] a fala atua na organização, unificação e integração de aspectos variados do comportamento da criança, tais como a percepção, memória e solução de problemas. [...] Embora as crianças dependam de cuidados prolongados, elas participam ativamente de seu próprio aprendizado, tanto no contexto familiar quanto na comunidade (VYGOTSKY, 1991, p. 20).

Uma técnica utilizada por **Vygotsky** (1991) em sua pesquisa, foi a de apresentar obstáculos ou dificuldades nas tarefas realizadas pela criança de formar a quebrar os métodos rotineiros de solução de problema.

Outro método aplicado por ele era o de fornecer caminhos alternativos para a solução de problema. E uma terceira técnica era a de colocar a criança frente a uma tarefa que excedesse em muito os seus conhecimentos e capacidades, procurando, com isso, evidenciar o início rudimentar de novas habilidades (VYGOTSKY, 1991).

3.2 Algumas considerações a respeito da teoria de Vygotsky

Para aprofundarmos melhor a teoria de Vygotsky, destacamos as suas principais perspectivas teóricas, vamos a elas:

- O desenvolvimento humano resulta da interação dialética do homem e seu meio sociocultural. Ao mesmo tempo que o ser humano transforma o seu meio transforma-se a si mesmo;
- O cérebro é entendido como um sistema de grande elasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da espécie e do desenvolvimento individual;
- Para compreender o desenvolvimento, devemos considerar não apenas o desenvolvimento real da criança, mas também o seu nível de desenvolvimento potencial, ou seja, sua capacidade de desempenhar tarefas com ajuda de adultos ou de companheiros mais capazes;

> As origens das formas superiores de comportamento consciente devem ser achadas nas relações sociais que o homem mantém;
>
> [...] Os instrumentos que o homem usa para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento foram criados e modificados ao longo da história social da civilização. Os instrumentos que o homem usa para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento foram criados e modificados ao longo da história social e da civilização (VYGOTSKY, 1991, p. 143).

- Nas fases iniciais, as respostas das crianças são dominadas por processos naturais, potencialmente aqueles proporcionados pela herança biológica, e será através da mediação dos adultos que os aspectos psicológicos mais complexos irão tomar forma;

- A interiorização dos meios de operação das informações, historicamente determinados e culturalmente organizados que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica;

> Todos os movimentos e expressões verbais da criança, no início de sua vida são importantes, pois afetam o adulto, que os interpreta e os devolve a criança com ação e/ou com fala. A fala egocêntrica transição entre a fala exterior e anterior (VYGOTSKY, 1991, p. 143).

- A fala inicial da criança tem um papel fundamental no desenvolvimento de suas funções psicológicas;
- As relações sociais como essenciais às funções psicológicas do homem;
- A reconstrução interna de uma operação externa tem como base a linguagem.

3.3 Diferenças entre Piaget e Vygotsky

Os dois teóricos são construtivistas em relação ao desenvolvimento intelectual, compreendendo que a inteligência é construída na relação do homem com o meio. No entanto, **Vygotsky** destaca o papel do contexto histórico e cultural no processo de desenvolvimento e aprendizagem sociointeracionista. A fala tem um papel fundamental para o processo de percepção, memória e solução de problemas.

Piaget enfatiza os aspectos estruturais, origem biológica no desenvolvimento humano. Piaget é interacionista, mas com o objeto físico.

3.4 O processo de aprendizagem

O processo de aprendizagem é um fenômeno natural do ser humano que envolve diversos fatores.

Pain faz uma leitura interessante a respeito da aprendizagem:

> Se considerarmos a aprendizagem como uma função que, especialmente na infância e na adolescência, garante a conservação e a expansão das estruturas do sujeito, bem como sua adaptação à transformação contínua que lhe impõe o crescimento, consideraremos o não aprender como uma disfunção ou uma inibição. [E complementa]: o significado do sintoma para a família será, então, a imagem que os pais têm das causas e dos motivos que geram o problema e os mecanismos colocados a serviço da defesa contra a desvalorização social que acarreta (PAIN, 2008, p. 37-40).

Levantamos alguns pontos sobre o que reforça os problemas de aprendizagem, são eles:

- Pouca afetividade, apoio e estímulos adequados;
- Experiências dolorosas, traumáticas e perdas;
- Pouca ou má informação transmitida;
- Relacionamento ruim com a família e/ou escola;
- Estigmatização (rótulos — profecias autorrealizadoras).

Não há um consenso em relação ao **diagnóstico** e a **classificação** dos indivíduos "excepcionais" entre os pesquisadores e profissionais que atuam na área.

De acordo com Kirk (apud FONSECA, 1987, p. 27):

> A criança deficiente é aquela que desvia da média normal em característica mental, aptidões sensoriais; características neuromusculares e corporais; comportamento emocional e social; aptidões de comunicação e múltiplas deficiências; até o ponto de justificar e requerer a modificação das práticas educacionais ou criações de serviços de educação especial no sentido de desenvolver suas capacidades.

Há vários critérios adotados com a finalidade de:

a) melhor compreender esses indivíduos e suas necessidades;
b) desenvolver melhores práticas de intervenção em saúde, educação, assistência, trabalho e inclusão social.

3.5 Críticas aos critérios de diagnóstico e classificação

Quanto aos cuidados sobre os critérios do diagnóstico, são feitas algumas considerações:

- Risco de rotular a pessoa, e esse rótulo ser uma justificativa para as formas de se lidar com a mesma na sociedade;
- A pessoa rotulada pode autolimitar-se em seu desenvolvimento, passando a agir somente conforme os limites do rótulo;
- Todo rótulo tende a ser desumanizante, gerando relações interpessoais fundadas no preconceito, e preconceito pode produzir marginalização;
- A sociedade costuma rejeitar a "anormalidade".

3.5.1 Superdotação

O superdotado é o indivíduo que apresenta "alta habilidade" em determinada área, tendo um desempenho cognitivo superior à maioria da população (inteligência, raciocínio, aptidão acadêmica, criatividade/inventividade, uso das próprias capacidades, etc.). Contudo, em muitos países (como é o caso do Brasil), a sociedade não está preparada para atender às necessidades especiais deste grupo de pessoas, que muitas vezes sofrem com a incompreensão e a pouca estimulação de seu potencial.

3.5.2 Aprendizagem e educação do indivíduo

1) Função mantenedora;
2) Função socializadora;
3) Função repressora;
4) Função transformadora.

É importante ressaltar que a aprendizagem será tanto mais rápida e efetiva quanto maior for a necessidade, a satisfação e o prazer do indivíduo.

No entanto, e quando há problemas de aprendizagem? Quais as consequências para vida da criança? Vamos buscar essas respostas no próximo item.

3.6 Problemas de aprendizagem

Em um processo adequado de desenvolvimento da aprendizagem (assimilativo--acomodativo), segundo Piaget (apud PAIN, 2008) a criança apresenta: facilidade com jogos (brincadeiras), imitação (seguir modelos) e linguagem (compreensão de símbolos e significados). Significa que a criança teve e tem tido oportunidades para investigar, experimentar, testar os esquemas e transformá-los/ajustá-los às suas necessidades.

Considera-se como "patológicos" os casos em que a pessoa apresenta um nível de dificuldade de aprendizagem que a torna desviante da maioria (desvio mais ou menos acentuado do nível normal)

3.6.1 Perspectiva multifatorial

Os problemas de aprendizagem são apenas **sintomas**. Deve-se buscar identificar suas **causas** e as **condições mantenedoras**.

3.6.2 Análise multifatorial/multicausal

Fatores orgânicos (anatômico-funcionais): falhas nos dispositivos que garantem uma boa coordenação do SNC.

Fatores específicos: (quando não há evidências orgânicas): dificuldade com a aprendizagem da linguagem, sua articulação e a lecto escrita (ex.: dislexia).

Fatores psicogênicos/emocionais: ocorre inibição/recusa da aprendizagem e uma relação subjetiva negativa com aquilo que se impõe como algo a ser aprendido.

Fatores ambientais: há algum nível de deficiência no contexto escolar ou de moradia em termos de quantidade ou qualidade das condições materiais oferecidas ou na frequência de estímulos apresentados (necessários ao aprendizado).

O não aprendizado não implica em não aprender nada, mas sim em aprender/apreender as coisas de um outro modo, de um modo diferente da maioria das pessoas ou em um outro ritmo.

Diante dos problemas de aprendizagem é necessário:

a) que o indivíduo tenha condições psíquicas e cognitivas para ajustar-se às dificuldades (capacidade de adaptação);
b) que os métodos de aprendizagem se adequem ao indivíduo, às suas necessidades, auxiliando-o na compensação de suas dificuldades.

Para realizar um diagnóstico de problemas de aprendizagem é preciso:

- que o ambiente (grupo social) não valorize o problema em si, mas sim o desenvolvimento integral do próprio sujeito (para além de suas dificuldades e limitações);
- que a investigação ocorra em uma **perspectiva multifatorial** (multicausal): fatores orgânicos, específicos, psicogênicos e ambientais;
- questionar o que leva uma pessoa a ter problemas com a aprendizagem;

  identificar que tipos de problemas de aprendizagem você conhece ou já ouviu falar;
- reconhecer o fato da pessoa ter dificuldade em aprender significa que ela não consegue aprender.

Para Oliveira (2006) as dificuldades de aprendizagem são multideterminadas, isto é, possuem uma associação de causas e podem estar relacionadas à escola como consequência de currículos inadequados, de um sistema de avaliação falho, do método e da própria relação com o professor, assim como a falta de estímulo dos professores, alunos trabalhando com material didático desatualizado e desprovido de significado, salas de aula com um número grande de alunos, crianças com diferenças culturais, sociais, econômicas, bem como seu nível de maturidade. Indo mais além, em relação ao aluno, problemas de ordem neurológica, fisiológica, de visão, falta de trocas e interação entre pais e filhos, perturbação afetiva e emocional.

Portanto, de acordo com a perspectiva multifatorial: os problemas de aprendizagem são apenas **sintomas**. Deve-se buscar identificar suas **causas** e as **condições mantenedoras**.

Para uma avaliação adequada do problema de aprendizagem (sintoma), é preciso "[...] entendê-lo como um estado particular de um sistema que, para equilibrar-se, precisou adotar este tipo de comportamento [...] que caracterizamos como não aprendizagem" (PAIN, 2008, p. 28).

O não aprendizado não implica em não aprender nada, mas sim em aprender/apreender as coisas de um outro modo, de um modo diferente da maioria das pessoas ou em um outro ritmo.

Em alguns casos, o indivíduo não aprende porque ele não deseja aprender (recusa); ou o indivíduo não consegue aprender (limitação); ou, ainda, porque as condições para aprendizagem não são adequadas.

3.7 A excepcionalidade

Questões para reflexão

Como você define uma pessoa "excepcional"?

Que tipos de "excepcionais" você conhece?

A compreensão do que é ser "excepcional" vem mudando com o tempo. Cada sociedade define de um modo particular as pessoas que apresentam tal condição, segundo sua cultura e valores (sociais, morais, religiosos, filosóficos, científicos, éticos e legais) "a atitude para com o indivíduo excepcional expressa, de um modo geral, a atitude de cada sociedade, de cada cultura e de cada indivíduo para com cada um de seus membros" (AMIRALIAN, 2003, p. 1).

Ainda hoje há pessoas — e sociedades — que acreditam que o indivíduo "excepcional" nasceu assim ou ficou assim por força da vontade divina, por possessão de espíritos sofredores (crença em forças sobrenaturais) ou mesmo por doença.

Trata-se, sem dúvida, de visões equivocadas acerca da "excepcionalidade".

Nas duas últimas décadas o conhecimento científico e a cultura global (direitos humanos universais) sobre as pessoas que apresentam necessidades especiais evoluiu.

No Brasil, como em muitos outros países, esse conhecimento mais ampliado vem respaldando as leis, as formas de atendimento, educação e tratamento.

Essas pessoas passam a ser consideradas, portanto, como "sujeitos de direitos". Ser diferente não é ser desigual.

Entretanto, muitas pessoas ainda "enxergam" os especiais a partir do referencial da desigualdade: sentem pena, preconceito ou mesmo rejeição.

> Os processos de 'anestesia' de nossa escuta e de produção de indiferença diante do outro, em relação às suas necessidades e diferenças, têm-nos produzido a enganosa sensação de salvaguarda, de proteção do sofrimento. Entretanto, esses processos nos mergulham no isolamento, entorpecem nossa sensibilidade e enfraquecem os laços coletivos mediante os quais se nutrem as forças de invenção e de resistência que constroem nossa própria humanidade. Pois a vida não é o que se passa apenas em cada um dos sujeitos, mas principalmente o que se passa entre os sujeitos, nos vínculos que constroem e que os constroem como potência de afetar e ser afetado (BRASIL, 2008, p. 8).

O atendimento às pessoas com necessidades especiais não pode ser essencialmente assistencialista, cuidando apenas das necessidades físicas e de subsistência. É preciso investir na educação integral e no desenvolvimento pleno de suas capacidades/potencialidades (autonomia e independência), oferecendo todos os serviços necessários.

Hoje se sabe muito acerca das condições predisponentes (causas) da "excepcionalidade", dos comportamentos desses indivíduos e da importância das condições sociais, culturais e legais (direitos), o que vem facilitando e melhorando o atendimento integral às necessidades dos mesmos em muitos países.

> A partir deste momento, a excepcionalidade deixou de ser considerada uma 'doença' e passou a ser considerada uma 'condição', isto é, uma condição na qual determinados indivíduos se encontram e para a qual são necessárias medidas educacionais, sociais, psicológicas e médicas específicas (entre outras), que venham a favorecer seu desenvolvimento e a ajudá-los a conseguir um ajustamento satisfatório na sociedade (AMIRALIAN, 2003, p. 60).

Questões para reflexão

Pergunte para as pessoas de sua família, vizinhos ou amigos o que eles sabem ou pensam a respeito do que é ser "excepcional" ou especial.

Somos seres herdeiros do encontro de histórias familiares que nos antecedem e nos marcam psiquicamente. Valores e referências sociais nos são passados de geração a geração. Por isso, o acesso à história de nossas origens é imprescindível para garantir nossa identidade psíquica e social. Seguindo essa linha de pensamento, começaremos nesse momento a discutir as premissas teóricas de Winnicott sobre o aspecto afetivo-emocional tão importante para a estruturação psíquica do indivíduo.

Seção 4 A teoria do desenvolvimento segundo Winnicott

4.1 Winnicott: vida e obra

Winnicott teve uma infância rodeada pela presença feminina: a mãe, babás e as irmãs. Essa experiência estimulou um grande fascínio pelo mundo interno feminino, pesquisando a essência da maternidade e a relação entre criança e mãe.

Sua formação se baseou em instituições tipicamente masculinas. Em 1920 se especializou em pediatria, se interessando posteriormente pela psicanálise. Tanto a figura de sua mãe, Elizabeth, quanto as suas múltiplas "mães" durante a sua infância despertaram em Winnicott as fantasias sobre o resgate de mulheres depressivas. Escreveu pouco sobre a figura paterna. A maior parte de seu trabalho é centrada na figura da mãe e do bebê.

Em 1934 inicia o seu trabalho com crianças. O tratamento de crianças mentalmente transtornadas e de suas mães lhe deu a experiência com a qual ele construiria a maioria de suas teorias. Winnicott se torna consultor psiquiátrico do governo britânico, tratando de crianças afastadas dos pais na 2ª Guerra Mundial.

Em 1951 casou-se com Elsie Britton, assistente social psiquiátrica e psicanalista, que organizou seus trabalhos. Winnicott morreu no ano de 1971, decorrente de um ataque cardíaco.

Para saber mais

Para saber mais sobre a vida e obra de Winnicott, acesse o link abaixo: <http://apsicanalise.com/blog-psicanalise/140>.

4.2 Tema central da teoria

Por que estudar o desenvolvimento emocional da criança? Winnicott (2005, p. 4) nos informa que há razões que justificam:

> [...] o estudo do desenvolvimento emocional em suas primeiras fases: é muitas vezes possível detectar e diagnosticar distúrbios emocionais ainda na infância, até mesmo durante o primeiro ano de vida. É evidente que a época certa para o tratamento de um tal distúrbio é a época mesma de seu início, ou um momento tão próximo desta quanto possível.

Esclarecidos os principais motivos em se estudar o desenvolvimento emocional de crianças, vamos ao tema central de sua teoria.

O desenvolvimento humano "é uma função da herança de um processo de maturação e da acumulação de experiências de vida, mas esse desenvolvimento só pode ocorrer um ambiente propiciador — confiabilidade ambiental" (WINNICOTT, 2005, p. 30).

Para Winnicott (2005) a saúde da família e da sociedade deriva da saúde emocional do indivíduo. O mundo representado pela mãe pode vir a auxiliar ou impedir a tendência inata ao seu crescimento. O desenvolvimento emocional da mãe pode auxiliar ou impedir a tendência inata da criança. A importância do primeiro ano de vida são as razões para o estudo do desenvolvimento para tratar e prevenir distúrbios emocionais.

O desenvolvimento emocional do primeiro ano lança as fundações da saúde mental dos indivíduos humanos. A transformação do bebê em adulto saudável independente, confiante, mas preocupado com a sociedade de que faz parte, depende totalmente do que lhe foi dado como princípio.

O alicerce da saúde mental é formado no início da infância pelo fornecimento de cuidados empregados à criança por uma mãe "suficientemente boa", conceito que será posteriormente trabalhado nesse capítulo. A criança não necessita apenas de cuidados físicos e sim de afeto. Para Winnicott (2005) o conceito de amor é expresso como o respirar, o contato afetuoso com a mãe, o dar e receber, enfim, o cuidado. É um "segurar" após a vida intrauterina, ou seja, é a capacidade de se identificar e de perceber como o bebê está sentindo.

Num ambiente que propicia um "segurar" satisfatório, o bebê será capaz de realizar o desenvolvimento pessoal de acordo com suas tendências herdadas. O resultado é uma continuidade da existência que se transforma num senso de existir, num senso de *self* (eu) e finalmente resulta em autonomia (WINNICOTT, 2005).

O "segurar": segurar físico na vida intrauterina e, gradualmente, amplia seu alcance, adquirindo o significado da globalidade do cuidado adaptativo em relação à infância, incluindo a forma de manuseio, é a capacidade de se identificar, de perceber como o bebê está se sentindo. De acordo com Winnicott (2005, p. 43):

> Sempre que se faz uma tentativa de enumerar as necessidades básicas de bebês e crianças maiores, ouvimos que 'as crianças precisam de segurança'. Às vezes consideramos essa opinião razoável, às vezes nem tanto. Poderíamos perguntar: o que se quer dizer com a palavra 'segurança'? É certo que pais superprotetores deixam seus filhos aflitos, assim como os pais pouco confiáveis tornam as crianças confusas e amedrontadas. É evidente, assim, que a segurança pode vir em excesso, e, no entanto sabemos que as crianças precisam sentir-se seguras.

Pode-se dizer que um ambiente satisfatório é aquele que facilita as várias tendências individuais herdadas, de tal forma que o desenvolvimento ocorre de acordo com elas. Um meio ambiente satisfatório começa com um alto grau de adaptação às necessidades individuais da criança, como a preocupação materna primária.

> Para entender essa questão, creio que devemos considerar o bebê, a criança, o adolescente e o adulto, traçando a evolução não só dos indivíduos, mas também daquilo que eles exigem de seu ambiente à medida que crescem. As crianças nos dão sinal certo de sua boa saúde quando começam a ser capazes de desfrutar da liberdade que cada vez mais lhes conferimos. O que almejamos na educação das

> crianças? Esperamos que cada uma aos poucos adquira um sentido de segurança. É necessário que se edifique, no interior de cada criança, a crença em algo que não seja apenas o bom, mas seja também confiável e durável, ou capaz de recuperar-se depois de se ter machucado ou mesmo perecido (WINNICOTT, 2005, p. 43).

Há aquelas crianças que jamais se desapontaram enquanto bebês e nessa medida são candidatas a viver alegremente e a aproveitar a vida. E há as que sofreram experiências traumáticas, provenientes decepções com o ambiente e que necessitam carregar consigo as lembranças ou o material para as lembranças do estado em que se encontravam no momento do desastre. Essas são fortes candidatas a levar vidas tempestivas e com problemas emocionais, de acordo com Winnicott (2005).

4.2.1 A parceria mãe e bebê

Winnicott (2005) fala da necessidade de haver uma boa parceira entre mãe e bebê. Para o autor, uma mãe "boa o suficiente" está identificada com o seu bebê, entra em sintonia, ou seja, identifica as necessidades reais de seu filho, como, por exemplo, consegue discriminar as causas do choro da criança. Para o teórico, o bebê chora por quatro motivos: satisfação, dor, raiva e pesar. O prazer faz parte do exercício do choro, como qualquer atividade física. O chorar é importante e demonstra que o bebê tem energia. Bebês apáticos, por exemplo, são sinais de alerta de que algo está errado. De acordo com Winnicott (2005, p. 22):

> A meu ver, é isso que confere à mãe uma capacidade especial de fazer a coisa certa. Ela sabe como o bebê pode estar se sentindo. Os médicos e enfermeiras talvez saibam muito a respeito de psicologia, e certamente conhecem tudo sobre a saúde e a doença do corpo. Mas não sabem como o bebê está se sentindo a cada minuto, pois estão fora dessa área de experiência.

A preocupação materna primária levará às adaptações das necessidades individuais da criança, tendo a capacidade de desviar o interesse do seu próprio "eu" para o bebê, em outros termos, confere à mãe uma capacidade especial de fazer a coisa certa.

> [...] pois há algo no bebê que a torna particularmente qualificada para proteger seu filho nesta fase de vulnerabilidade, e que a torna capaz de contribuir positivamente com as claras necessidades das crianças. A mãe é capaz de desempenhar esse papel se sentir segura; se se sentir amada em sua relação com o pai da criança e com a própria família; e ao sentir-se aceita nos círculos cada vez mais amplos que circundam a família e constituem a sociedade (WINNICOTT, 2005, p. 3).

A identificação primária estabelece sua condição de ser e existir. A mãe comunica através de gestos, olhar, sorrisos e vocalizações, e assim compreende a demanda do filho.

Exemplos sobre esse processo de identificação na fala da mãe:

"O bebê me reconhece...".

"Ele é a cara do pai...".

O papel da mãe e do pai possibilitará o desenvolvimento de estrutura emocional boa, e isso repercute no desenvolvimento da criança. A rejeição mesmo que inconsciente por parte dos pais é sentida pela criança. Winnicott (1989) deu destaque para o papel do cuidador ou da mãe, no entanto ele expressa a importância do triângulo pai-mãe-criança.

Há um grande mito que a maternidade é algo inato, entretanto, será na relação e troca com seus filhos que ocorrerá o aprendizado do seu papel materno. Winnicott (1989) irá dizer que para ser mãe não se depende de uma inteligência excepcional, basta o querer e a dedicação às necessidades do bebê. Será na parceria mãe e bebê, ou seja, a apresentação desse ambiente satisfatório que facilitará as tendências individuais herdadas.

A confiabilidade humana — o modo como a mãe olha, o tom e o som de sua voz, tudo isso é comunicação — antes do discurso. A nossa confiabilidade no ambiente demonstra que alguém nos proporcionou um bom início. Recebemos uma comunicação silenciosa de que éramos amados, portanto confiamos no ambiente e continuamos o nosso crescimento e desenvolvimento.

A mãe capacita o filho a encontrar objetos de modo criativo e se isso falha, perde-se o contato com os objetos, perde-se a capacidade de encontrar qualquer consciência criativamente. Para Winnicott (2005, p. 20):

> Todos estes desenvolvimentos (ao lado de muitos outros) podem ser observados nos primeiros anos de vida, embora nada esteja estabelecido à época do primeiro aniversário, e quase todas as aquisições podem ser perdidas frente a uma posterior ruptura das condições mínimas ambientais, ou mesmo pela ação de certas ansiedades inerentes ao amadurecimento emocional.

A parceria entre mãe e bebê deve ser construída. O bebê não esquece o que é ruim. Ele percebe e registra cada falha na confiabilidade. Quando o bebê não recebe o cuidado que necessita, ele passa por um grande sofrimento psíquico que prejudica diretamente a sua formação vincular. Essas angústias são representadas por sensações de vazio, de desintegração e dissociação entre corpo e o psíquico.

Se os bebês internalizam o que é bom, são fortes candidatos a viver alegremente e a aproveitar a vida. Se internalizam o que é ruim, saem no mundo sentindo falta de confiança nas coisas e nas pessoas, pois houve decepção com o ambiente, e são fortes candidatos a problemas emocionais.

> Várias organizações defensivas cristalizam-se na personalidade da criança. Pode ocorrer uma regressão a fases iniciais do desenvolvimento emocional que tiveram caráter mais satisfatório ou desencadear-se um estado de introversão patológica. Uma cisão da personalidade (WINNICOTT, 2005, p. 45).

Com a internalização de objetos bons, ou seja, os valores do que é certo e errado, a autoconfiança, como conduzimos nossas vidas, formamos a nossa família, com ou sem filhos — formamos a nossa identidade —, sentimos impulsos agressivos, porém

canalizamos para o esporte, arte etc. Temos consciência do nosso eu (*self*), assumimos os aplausos ou as censuras por nossas falhas. Estruturamos o senso de existir.

Sobre esse desenvolvimento emocional, Winnicott (2005, p. 45) expressa:

> Poderíamos fazer aqui uma revisão dos estágios do desenvolvimento emocional que toda criança deve atravessar para tornar-se uma pessoa sadia e, com o tempo, adulta. No decorrer dessa revisão, poderíamos falar dos processos inatos de crescimento e do modo (forçosamente muito complexo) pelo qual os seres humanos tornam-se pessoas autônomas. Todavia, desejo referir-me agora à questão das condições ambientais, tanto no que toca à parte que devemos prover quanto ao papel da sociedade em relação a nós. É o ambiente circundante que torna possível o crescimento pessoal da criança; sem uma confiabilidade ambiental mínima, o crescimento pessoal da criança não pode se desenrolar, ou desenrola-se em distorções. Ademais, por não haver duas crianças rigorosamente idênticas, requer-se de nós que nos adaptemos de modo específico às necessidades de cada uma. Isso significa que todo aquele que cuida de uma criança deve conhecê-la e trabalhar com base numa relação viva e pessoal com o objeto de seus cuidados, e não aplicando mecanicamente um conhecimento teórico. Basta estarmos sempre presentes, e sermos coerentemente [...].

E o autor conclui o seu pensamento:

> Quando saudáveis, as crianças desenvolvem suficientemente bem uma crença em si mesmas e nos outros, o que faz com que passem a odiar todo tipo de controle externo; o controle se muda em autocontrole. Neste, o conflito é trabalhado com antecedência no interior da própria pessoa. É assim, pois, que entendo a questão: as boas condições de cuidado num primeiro estágio de vida geram um sentido de segurança, que por sua vez gera o autocontrole; e, quando o autocontrole se realiza de fato, a segurança imposta do exterior transforma-se num insulto (WINNICOTT, 2005, p. 48).

Portanto, as boas condições de cuidado num primeiro estágio de vida geram um sentido de segurança, que por sua vez gera o autocontrole.

Percebemos, então, que o verdadeiro adulto emerge da dependência para a independência ou autonomia.

4.2.2 A função materna segundo Winnicott

De acordo com as considerações explanadas até o momento, torna-se possível categorizar a função da mãe suficientemente boa nesses primeiros estágios. Tais funções podem ser expressas em dois conceitos: a) *holding*; b) apresentar objetos. Esclareceremos cada um desses aspectos no próximo item.

4.2.3 O conceito de *holding*

A criança que não teve esse "segurar", conceito abordado anteriormente se torna carente emocionalmente. Para Winnicott (1989), o limiar de frustração do bebê é muito pequeno.

O conceito de *holding* é o somatório de aconchego, percepção, proteção e alegria fornecida pela mãe. *Holding* pode ser expresso pela identificação, assim como na apresentação e manipulação criativas de objetos ao bebê.

Para Winnicott (2005, p. 27), "o *holding* é necessário desde a dependência absoluta até a autonomia do bebê, ou seja, quando os espaços psíquicos entre este e sua mãe já estão perfeitamente distintos".

O *holding* é apresentado por Winnicott como uma fase em que a mãe ou substituta: Considera a sensibilidade cutânea do lactante; Inclui a rotina do cuidado dia e noite adequada a cada criança; Segue também as mudanças instantâneas do dia a dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactante, tanto físico quanto psicológico. O *holding* (segurar) inclui especialmente o holding físico do lactante (Winnicott, 2005).

Bowlby (1995) compreende essa relação mãe/bebê como necessária para se estabelecer o apego entre mãe e filho. O comportamento de apego se apresenta quando a criança se sente amada, segura e tranquila. Uma ameaça de perda desse comportamento pode gerar ansiedade, tristeza profunda e despertar a cólera.

Para saber mais

Quer conhecer um pouco mais sobre a teoria de John Bowlby? Sugiro o livro do autor: **Apego e perda**.

Aspectos importantes para a formação do vínculo: planejamento da gravidez, aceitação, conscientização dos movimentos do feto, a troca do bebê, cuidar e aceitar essa criança como uma pessoa individual.

4.2.3.1 A apresentação de objetos

Winnicott faz uma ótima descrição sobre a função materna na apresentação de objetos à criança. Vamos acompanhar o seu raciocínio:

> A apresentação de objetos ou 'realização' (isto é, o tornar real o impulso criativo da criança) dá início à capacidade do bebê de relacionar-se com objetos. As falhas nesse cuidado bloqueiam ainda mais o desenvolvimento da capacidade da criança de sentir-se real em sua relação com o mundo dos objetos e dos fenômenos (WINNICOTT, 2005, p. 27).

E o autor complementa:

> O desenvolvimento, em poucas palavras, é uma função da herança de um processo de maturação, e da acumulação de experiências de vida; mas esse desenvolvimento só pode ocorrer num ambiente propiciador. A importância deste ambiente propiciador é absoluta no

> início, e a seguir relativa; o processo de desenvolvimento pode ser descrito em termos de dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência (WINNICOTT, 2005, p. 27).

O *holding* e a apresentação de objetos como aspectos da função materna foram muito esclarecedores. Daremos destaque no próximo item ao conceito de amor para Winnicott.

4.2.3.2 O amor

Winnicott (2005, p. 19) nos traz uma bela descrição do amor expresso em ações no cuidado com a criança:

> À medida que a criança cresce, o significado do termo 'amor' vai se alternado, ou enriquecendo-se com novos elementos:
>
> a) Amor significa existir, respirar; estar vivo identifica-se a ser amado;
>
> b) Amor significa apetite. Aqui não há preocupação, apenas a necessidade de satisfação;
>
> c) Amor significa o contato afetuoso com a mãe;
>
> d) Amor significa a integração (por parte da criança) do objeto da experiência instintiva com a mãe integral do contato afetivo; o dar passa a relacionar-se ao receber, etc.;
>
> e) Amor significa afirmar os próprios direitos à mãe, ser compulsivamente voraz, forçar a mãe a compensar as (inevitáveis) privações por que ela é responsável;
>
> f) Amar significa cuidar da mãe (ou do objeto substituto) como ela cuidou da criança — uma prefiguração da atitude de responsabilidade adulta.

4.2.4 *Holding* deficiente

Para Winnicott (2005, p. 27), o *holding*:

> [...] tem muita relação com a capacidade da mãe de identificar-se com seu bebê. Um *holding* satisfatório é uma porção básica de cuidado, só experimentada nas reações a um *holding* deficiente. O *holding* deficiente produz extrema aflição na criança, sendo fonte da sensação de despedaçamento; da sensação de estar caindo num poço sem fundo; de um sentimento de que a realidade exterior não pode ser usada para o reconforto interno, e de outras ansiedades que são geralmente classificadas como 'psicóticas'.

> A realidade é apresentada acima por dois tipos de distúrbios maternos. Num extremo, temos a mãe cujos interesses próprios têm caráter tão compulsivo que não podem ser abandonados e ela é incapaz de mergulhar nessa extraordinária condição que quase se assemelha a uma doença, embora, na verdade, seja bastante indicativo de boa saúde. No outro extremo temos a mãe que tende a estar sempre preocupada, e nesse caso o bebê torna-se sua preocupação patológica. Essa mãe pode ser uma capacidade especial de abdicar do próprio *self* em favor da criança, mas qual o resultado final disso? (WINNICOTT, 2005, p. 22).

Abaixo se encontram as consequências para o bebê de um *holding* deficiente (WINNICOTT, 2005, p. 22):

- Sensação interna de despedaçamento;
- Sensação de estar caindo num poço fundo;
- Sentimento de que a realidade exterior não pode ser usada para reconforto interno;
- Os educadores também devem fornecer *holding* às crianças no ambiente escolar, ou seja, tratar cada aluno como ele precisa, ou seja, apresentando o acolhimento adequado;
- Desenvolvimento do falso *self* (eu) — se relaciona a uma amplitude na escala de psicopatologias que irá desde sensações subjetivas de vazio, até tendências antissociais, psicopatia e psicoses, por exemplo.

> Para o autor, o problema é tão delicado e tão complexo que não podemos esperar obter quaisquer resultados de nossas reflexões se não pressupusermos que a criança em questão esteja sendo cuidada por uma mãe suficientemente boa. Só na presença dessa mãe suficientemente boa pode a criança iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso *self* que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo (WINNICOTT, 2005, p. 24).

E o mesmo conclui:

> Ignoremos esta complicação, e consideremos apenas aquela criança que, tendo uma mãe boa o suficiente, pode começar seu desenvolvimento. Acerca dessa criança, eu afirmaria: seu ego é simultaneamente fraco e forte. O ego da mãe está em harmonia com o ego do filho, e ela só é capaz de dar apoio se for capaz de orientar-se para a criança, segundo o processo que já descrevi em parte. [...] Quando o par mãe-filho funciona bem, o ego da criança é de fato muito forte, pois é apoiado em todos os aspectos. O ego reforçado (e, portanto, forte) da criança é desde muito cedo capaz de organizar defesas e desenvolver padrões pessoais fortemente marcados por tendências hereditárias (WINNICOTT, 2005, p. 24).

4.2.5 Os três espaços psíquicos

Para Winnicott (1989) há três espaços psíquicos, o interno, o externo e o transacional. O transacional é uma zona intermediária entre o narcisismo primário ao julgamento da realidade. Da dependência absoluta para a dependência relativa, os objetos transacionais exercem a indispensável função de amparo por substituírem a mãe que desilude o bebê. A transacionalidade, segundo Winnicott (2005), marca o início da quebra da unidade mãe-bebê.

Exemplos de objetos transacionais: boneca, paninho, polegar na boca, cobertor, etc. Os objetos transacionais representam uma parte do *self* (eu) e uma parte do ambiente (externo).

4.2.6 Avaliando as carências

Como avaliar se há ou não carência emocional? De acordo com Winicott, realizando um diagnóstico em termos de presença ou da ausência de:

> [...] aspectos positivos no ambiente primordial da criança e na relação destas com esse ambiente. Ao passar do tempo e com saúde as crianças tornam-se capazes de conservar um sentido de segurança mesmo frente às inseguranças mais manifestas [...]
>
> [...] quando proporcionamos às crianças um certo tipo de ambiente saudável, temos em vista determinado objetivo a saber, o de tornar possível o crescimento de cada criança até o estado adulto, o qual, no coletivo, chama-se democracia. Sabemos, contudo, o quão importante é não situar as crianças pequenas numa posição demasiado avançada para elas. Ademais, sabemos o quão fútil é a ideia de 'ensinar' democracia como algo distinto de dar aos indivíduos as condições de crescer, amadurecer e tornar-se o próprio material de que a democracia é feita (WINNICOTT, 2005, p. 31).

4.3 Algumas considerações sobre a criança do 0 aos 3 anos

4.3.1 Faixa etária: 0 a 1 ano

Dizemos que o colo é um carinho sem contraindicação: é uma das formas de demonstrar amor, não mima e não vicia.

O colo acaba ampliando o campo visual, estimulando os sentidos da criança.

É muito importante que o bebê sinta que a mãe (cuidador) está presente, conversando, olhando, rindo.

4.3.2 Faixa etária: 2 a 3 anos

Nessa fase a criança vive um mundo de fantasias em que pode fazer tudo, e é aplaudida pelas pessoas que a rodeiam. Brincam de faz de conta, brincam de gente grande. Compreende melhor a realidade ao reproduzi-las nas suas brincadeiras. À medida que vai crescendo, acaba tendo que se adaptar ao mundo real, com orientação do adulto para conviver com as outras pessoas de seu ciclo de convivência. A criança percebe que para viver com outros tem que abrir mão de um monte de coisas. Não é um processo fácil, é o momento do confronto da birra. É importante o adulto conversar e explicar o porquê dessas renúncias. Porque sim e porque não não são respostas.

Nesse período o estabelecimento dos limites se faz necessário, horário de dormir, comer, brincar etc.

4.3.3 Algumas considerações sobre a estruturação psíquica da criança

Sobre a estrutura psíquica da criança, foram destacados alguns pontos da teoria de Winicott:

- Devoção materna: investimento no afeto, reconhecimento do filho como seu;
- A adoção mútua entre mãe e bebê é imprescindível;
- A mãe organiza o mundo primitivo da criança;
- As figuras dos irmãos são importantes no processo de socialização, as crianças pequenas adoram brincar com os mais velhos;
- A família — ambiente para a constituição psíquica. Aprende a socializar, mantém os mesmos padrões com os referenciais familiares;
- A mãe apresenta o mundo à criança; figura do pai e dos irmão também são importantes;
- Em cada grupo que nos inserimos ao longo da vida, expressamos de algum jeito o aprendizado primário com os pais, irmãos, avós, tios.

4.3.4 O espelho

A respeito da estrutura psíquica da criança, é importante destacar:

Espelhar-se no outro para se identificar, se reconhecer e se diferenciar: nasce a singularidade. Exemplos: bebês a partir dos seis meses de idade já apresentam interesse por outros bebês.

- É por intermédio dos objetos de identificação que se apresenta às crianças os valores, as leis, as normas sociais que serão suas referências internas (mundo interno) e externas (ambiente).

Portanto, voltamos a repetir: o verdadeiro adulto emerge da dependência para a independência ou autonomia.

No próximo item abordaremos a visão de Winnicott sobre a adolescência.

4.4 A adolescência segundo Winnicott

Atualmente, é grande em todo o mundo o interesse pela adolescência e pelos problemas do adolescente.

> É nos permitindo supor a existência de uma conexão entre esse desenvolvimento de nossa consciência social e as condições sociais específicas da época em que vivemos. [...] Todos que exploram esse campo da psicologia são obrigados a reconhecer um fato logo de saída: o menino ou a menina adolescente não querem ser entendidos. Os adultos devem manter entre si aquilo que vêm a compreender a respeito da adolescência. Seria absurdo escrever

> para os adolescentes um livro sobre a adolescência; esta é uma fase que precisa ser efetivamente vivida, e é essencialmente uma fase de descoberta pessoal. Cada indivíduo vê-se engajado numa experiência viva, num problema do existir.
> Às vezes precisamos lembrar que, embora a adolescência: seja algo que sempre tenhamos conosco, cada adolescente transforma-se, com o passar de alguns anos, num adulto. Os pais têm maior consciência desse fato do que muitos sociólogos; a irritação pública com o fenômeno da adolescência é facilmente evocada pelo jornalismo barato e pelas declarações públicas de indivíduos importantes; a adolescência é tratada como um problema, e o fato de que cada adolescente está na verdade vivendo um processo ao cabo do qual se tornará um adulto consciente e integrado na sociedade é deixado de fora da questão (WINNICOTT, 2005, p. 115-116).

Vamos então para a definição de adolescência. Adolescência — fase do desenvolvimento humano com grandes mudanças num período curto de tempo, com mudanças biológicas e hormonais. Para Winnicott (2005, p. 116):

> O menino e a menina dessa faixa etária têm de lidar com as mudanças decorrentes da própria puberdade. O desenvolvimento da capacidade sexual e as manifestações sexuais secundárias fazem-se presentes em indivíduos dotados de uma história pessoal, que inclui um padrão próprio de organização de defesas contra ansiedades de vários tipos. Em particular, e em casos sadios, cada indivíduo teve, antes do período de latência, a experiência de um complexo de Édipo plenamente desenvolvido, isto é, viveu as duas principais posições do relacionamento triangular que constituiu com os dois pais (ou pais-substitutos); e, na experiência prévia de cada adolescente, organizaram-se modos de combater a tensão ou aceitar e tolerar os conflitos inerentes a tais condições, essencialmente complexas.

Os meninos e as meninas chegam à puberdade com todos os seus padrões predeterminados pelas experiências de infância. Alternam comportamentos de rebeldia e dependência.

"É característica da faixa etária em questão a rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, e mesmo a coexistência dos dois extremos num mesmo momento" (WINNICOTT, 2005, p. 117).

Nos grupos a qual fazem parte, apresentam comportamentos agregados. Uma das características marcantes do adolescente é a sua necessidade de testar constantemente os controles externos.

> O adolescente é essencialmente um isolado. Todo relacionamento entre indivíduos e, em ultima instância, toda socialização, parte de uma posição de isolamento. Nesse aspecto, o adolescente revive uma fase essencial da infância, pois o bebê é um ser isolado ao menos até o momento em que repudia o não eu e constitui-se como indivíduo distinto, capaz de relacionar-se com objetos externos ao *self* e à área de controle onipotente. Pode-se dizer que, antes de o princípio de prazer-dor dar lugar ao princípio de realidade, a criança é isolada pela natureza subjetiva de seu ambiente. [...]

> Os grupos de adolescentes jovens são ajuntamentos de indivíduos isolados que procuram formar um agregado por meio da identidade de gostos. São capazes de agrupar-se quando são atacados enquanto grupo [...] (WINNICOTT, 2005, p. 118).

Segundo Winnicott (2005), o adolescente vive uma luta interna para se sentir real. Quando os adolescentes passam essa fase, são capazes de se identificar com a sociedade, com os pais e com todos os gêneros de grupos mais amplos, sem sentir a ameaça eminente da perda da própria identidade. Mas isso não quer dizer que seja um processo tranquilo, adolescentes saudáveis não é sinônimo de fácil. O seu processo de desenvolvimento pode ser descrito em termos de dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência.

4.4.1 Considerações de Winnicott sobre a adolescência

Elencamos algumas considerações de Winnicott sobre a adolescência.

O adolescente é um aprendiz dos conceitos morais, assim como de seus deveres psicossociais.

O suporte familiar influencia na autoavaliação do próprio adolescente.

Será no ambiente familiar que o adolescente aprenderá a socializar — ou seja, ele irá manter os mesmos padrões fora de casa, com os referenciais familiares. De acordo com Winnicott (2005, p. 117) o ambiente desempenha, neste estágio, papel de imensa importância:

> [...] a ponto de ser mais adequado, num relato descritivo, supor a continuidade da existência e do interesse do pai, da mãe e da família pelo adolescente. Muitas das dificuldades por que passam os adolescentes, e que muitas vezes requerem a intervenção de um profissional, derivam das más condições ambientais; este fato apenas serve para enfatizar a vital importância do ambiente e da família para aquela imensa maioria de adolescentes que de fato chega à maturidade adulta, mesmo se, para os pais, o processo todo é pontilhado de dores de cabeça.

4.4.2 Necessidade do adolescente

Assim, torna-se possível relacionar as necessidades manifestadas pelos adolescentes:

- Necessidade de se sentir real;
- Necessidade de se sentir rebelde num contexto em que a confiabilidade também acolha a dependência;
- Necessidade de aguilhoar (cutucar) repetidamente a sociedade.

Winnicott (2005, p. 47) conclui:

> Por que cabe aos adolescentes especialmente empreender tais testes? A resposta parece ser que os adolescentes começam a

> encontrar em si próprio uma nova gama de sentimentos fortes e até amedrontadores, e desejam verificar se os controles externos ainda estão de pé. Mas, ao mesmo tempo, querem provar serem capazes de romper esses controles e estabelecer a si próprios como pessoas autônomas.

4.4.3 A tendência antissocial

Existe uma relação existente entre as dificuldades normais da adolescência e o estado anormal da tendência antissocial.

> A diferença entre os dois estados não se manifesta tanto em nível do quadro clínico de cada um, mas reside sobretudo na dinâmica, na etiologia de ambos. Na raiz da tendência antissocial há sempre uma privação ou carência. Esta pode ser simplesmente o resultado de um estado de ausência ou de depressão da mãe, ocorrida num momento crítico, ou da dissolução da família. Mesmo uma privação menos violenta, ocorrendo num momento de dificuldades, pode acarretar resultados persistentes, sobrecarregando as defesas disponíveis. Por trás da tendência antissocial há sempre uma fase de saúde seguida de uma ruptura, após a qual as coisas nunca mais foram as mesmas. A criança antissocial busca, de um modo ou de outro, com violência ou sem ela, obrigar o mundo a reconhecer sua dívida; ou tenta fazer com que o mundo reconstrua a estrutura rompida. Portanto, na raiz da tendência antissocial jaz esta privação ou carência. Não pode se dizer que toda tendência seja igualmente fundada sobre uma tal privação. Mas há uma certa semelhança entre os dois quadros; esse elemento de carência, na adolescência normal, é mais brando e difuso, e não exige demais defesas existentes (WINNICOTT, 2005, p. 126).

Como pudemos observar, a adolescência não é um processo fácil, envolve muitas mudanças, e os pais têm um papel fundamental no melhor acompanhamento dessa fase.

> Tudo se resume à questão de como ser adolescente durante a adolescência. Trata-se de algo muito difícil, e alguns jovens estão tentando realizá-lo. Isso não significa que nós, adultos, devamos dizer: 'veja, que coisa bonita, pequenos adolescentes vivendo sua adolescência; devemos aguentar tudo e deixar que quebrem nossas janelas'. Não é essa questão. O fato essencial é que somos desafiados e encarar o desafio faz parte da vida adulta. Mas devemos encarar o desafio, e não tentar curar uma coisa que é essencialmente sadia (WINNICOTT, 1989, p. 127).

A postura do adulto frente ao adolescente é primordial para o que o processo seja saudável. Winnicott (2005, p. 136) continua o seu raciocínio:

> [...] se aceitarmos como correta a identificação entre saúde e maturidade relativa, devemos ter como certo que o indivíduo só possa atingir sua maturidade emocional num contexto em que a família proporcione um caminho de transição entre o cuidado dos pais (ou da mãe) e a vida social. E deve-se ter presente que a vida social é em muitos aspectos uma extensão das funções da família. Se examinarmos os cuidados que se costumam propiciar às

> crianças menores e maiores e estudarmos as instituições políticas dos adultos, constataremos semelhanças com o lar e a família. Constatamos, por exemplo, que se concede às crianças que fogem de casa a oportunidade de viver com uma outra família, da qual novamente poderão fugir se e quando necessário. O lar e a família são só modelos que inspiram todo tipo de instituição de assistência social que tenha alguma chance de funcionar bem.

Assim, a família contribui de dois modos para a maturidade emocional do adolescente:

> [...] de um lado dá-lhe a oportunidade de voltar a ser dependente a qualquer momento; de outro, permite-lhe trocar os pais pela família mais ampla, sair desta em direção ao círculo social imediato e abandonar esta unidade por outras ainda maiores. Esses círculos cada vez mais amplos, que a certa altura tornam-se os agrupamentos políticos, religiosos e sociais da sociedade, e talvez o próprio nacionalismo, são o produto final de um processo que se inicia com o cuidado materno e se prolonga na família. A família parece ser a estrutura especialmente programada para dar continuidade à dependência inconsciente da criança em relação ao pai e à mãe de fato; esta dependência inclui a necessidade que a criança tem de separar-se com rebeldia (WINNICOTT, 2005, p. 137).

4.4.3 Da adolescência para a fase adulta

Sobre a passagem da adolescência para a fase adulta, Winnicott (2005, p. 125) conclui:

> Espera-se do adolescente que transponha essa fase por meio de um processo natural, deve-se esperar também a ocorrência de um fenômeno que poderíamos chamar de calmaria da adolescência. A sociedade deve encarar esse fenômeno como um dado permanente e tolerá-lo, reagir ativamente a ele, ir de fato ao seu encontro, mas não deve curá-lo. A questão que se coloca é: teria a nossa sociedade saúde suficiente para agir assim?

Questões para reflexão

A sociedade está preparada para oferecer o melhor acompanhamento ao adolescente?

Para concluir esse item, explanaremos a visão de outra teórica sobre a adolescência.

4.4.4 A adolescência segundo Rappaport

Rappaport também nos elucida alguns aspectos sobre a adolescência. Vamos a eles.

Como período de organização final das aquisições, a adolescência atualiza e reflete todas as crise e dificuldades enquistadas no processo de desenvolvimento. Segundo Rappaport (1982, p. 16):

> Momento ambíguo, de aquisições e de perdas, é necessário que as etapas anteriores tenham sido adequadamente vividas, para que as perdas se elaborem no plano simbólico, sem ameaçar a estrutura real. O corpo de infância é perdido. A elaboração do luto deve permitir preservar internamente a imagem de uma instância valorizada, que simultaneamente sobrevive como processo de construção e é perdida como realidade passada. Não haverá mais a proteção dada pelos pais durante a infância, mas a proteção que eles deram permitiu crescer, e é a segurança do crescimento que permitirá ao adolescente deixar a casa paterna para assumir o rol adulto. Se não existir esta segurança, restará um apego mórbido ao passado, um pedido de proteção que é simultaneamente uma acusação e uma culpa. Uma acusação porque a segurança e o prazer lhe foram negados por pais sentidos como frágeis ou maus; uma culpa, porque a relação infantil é frequentemente especular no contato com os pais, portanto não lhe foi dado amor porque ele é como os pais, mau ou inadequado. E a tentativa de prender-se ao passado é um grito que não encontra eco, a não ser na repetição permanente dos modelos infantis diante de cada tarefa onde deveria comportar-se como adulto.

As aquisições, que se constroem sobre a superação dos modelos anteriores, geram a angústia de não estar nem em um lugar, nem em outro. De acordo com Rappaport (1982, p. 17):

> O corpo infantil é perdido, mas há necessidade de um grande tempo para a construção e elaboração do corpo adulto. Ao nível prático, o esquema corporal instrumental que se havia estabilizado aos 10 ou 12 anos fica alterado. O crescimento é rápido no período dos dois anos anteriores e posteriores à puberdade. Além de rápido, é desproporcional; os membros se alongam, o corpo emagrece, os ângulos se salientam. A mudança quase que brusca não permite uma adaptação harmônica dos processos. O adolescente não só se sente desajeitado, como é desajeitado. Regula mal o domínio de um corpo ao qual ainda não se adaptou bem. A criança pequena não dominava bem seu corpo, mas nunca havia obtido seu domínio. O adolescente perde seu domínio exatamente após o momento de sua aquisição. Encontra-se perplexo diante de um corpo que é seu, mas que lhe soa estranho.

A respeito do relacionamento com pais e companheiros na adolescência, Rappaport tece algumas considerações:

> Na idade escolar podemos considerar os pais e os companheiros como agentes socializadores importantes. Isto também é verdadeiro para a adolescência, se bem que neste caso o grupo de amigos tem como uma das funções principais a busca da identidade pessoal. Isto é, na adolescência o sujeito deve romper uma série de ligações que o prendiam ao mundo infantil. Para tanto, o relacionamento com os pais será bastante abalado, pelo questionamento que o adolescente fará de seus progenitores, de seus códigos de valores, de seu estilo de vida, de seus hábitos sexuais e sociais, de sua fé, de sua ideologia. Este questionamento geralmente cria um ambiente de tensão intrafamiliar, porque é feito de maneira agressiva, desorganizada, por uma personalidade que está desestruturada, que está numa situação de busca de si mesma. Os pais, habituados a outro padrão de relacionamento desde o nascimento do filho, de modo geral sentem-se ansiosos, magoados e desorientados, sem saber muito bem como atuar em relação aos filhos adolescentes. Isto porque a adolescência dos filhos representa uma época de mudanças também para os pais. Muitos deles revivem os conflitos de sua própria adolescência, seu próprio relacionamento traumático com os pais, suas indefinições quanto à escolha de uma carreira etc. (RAPPAPORT, 1982, p. 103).

Sobre o processo de mudança de pais de filhos adolescentes, Rappaport continua a desenvolver o seu pensamento:

> [...] à medida que um filho se torna adulto, os pais sentem que a sua própria juventude está chegando ao fim, e que devem preparar-se para viver uma outra fase da vida: a da idade madura. Esta passagem em sua própria vida é muitas vezes incômoda, senão traumática e angustiante, para os pais, que percebem que muitos de seus sonhos e aspirações da juventude não se realizaram e não mais se realizarão (por exemplo, sonhos plenos de realização profissional e afetiva) [...].
>
> Apesar da revolta que os adolescentes manifestam contra imposições de horários e de regras de conduta por seus pais considerados ultrapassados ('caretas' e 'quadrados'), o adolescente precisa de limites. Muitas vezes, o jovem que tem pais excessivamente permissivos, que não colocam limite e não exigem explicações, chegam, por exemplo, a imaginar um horário para chegar em casa. Isto mostra que as imposições dos pais (desde que não sejam excessivas, é claro) servem como referencial para que o jovem encontre seu próprio caminho. Ele pode ir a favor ou contra, mas terá uma linha mestra de conduta delineada (RAPPAPORT, 1982, p. 103-106).

E o grupo de amigos, qual a importância dos mesmos para a adolescência? Segundo Rappaport (1982, p. 104):

> [...] o grupo de companheiros, na adolescência, pode ser considerado como uma etapa intermediária, de transição, entre a vida infantil centralizada na família e a vida adulta autônoma e independente [...]. Esses grupos juvenis costumam ter normas

> e costumes próprios, muitas vezes (pelo menos exteriormente) em completo desacordo com os padrões adotados pela família. Caracterizam-se por uma uniformidade de condutas entre os seus membros, pelo uso de roupas bastante semelhantes, por uma linguagem própria, pela preferência por um tipo de música [...]. Essa estereotipia tem justamente a função de dar alguma segurança ao jovem, que, tendo destruído o código de valores dos pais que ele aceitou durante toda a infância e não tendo ainda encontrado o seu próprio, sente-se inseguro. As próprias mudanças corporais que dificultam a sua autopercepção são cuidadosamente observadas nos seus companheiros (notadamente os do mesmo sexo), pois é a partir do conhecimento das mudanças corporais no outro que o adolescente aceitará melhor as suas próprias.

Foram muito elucidativos os aspectos apontados pela autora no que concernem as relações entre pais e filhos adolescentes, assim como com os grupos de amigos.

Para concluir esse item, Rappaport nos deixa uma orientação sobre o acompanhamento de adolescentes:

> Neste sentido, um campo em que o psicólogo deve atuar incisivamente é o da orientação familiar, através de grupos de discussão de pais, pois a solução dos conflitos familiares é a melhor maneira de prevenir distúrbios, vícios e delinquência. E esta é uma conclusão a que chegaram todos aqueles que se dedicam ao trabalho com crianças e adolescentes, quer seja nas escolas, nas clínicas ou nas universidades, quer nos centros de pesquisas. E este é mais um ponto de concordância entre os teóricos da psicanálise e da aprendizagem social (RAPPAPORT, 1982, p. 106).

Para concluir o estudo da unidade

Acompanhamos até este momento o desenvolvimento humano a partir da leitura dos teóricos: Piaget, Vygotsky e Winnicott. Iremos agora trilhar o caminho das principais teorias da personalidade na Unidade 3.

Resumo

Na unidade 2 conhecemos as teorias do desenvolvimento dos principais teóricos da área. Pudemos compreender o desenvolvimento humano sob a perspectiva biológica, social e emocional.

A partir desse momento, verifique o conhecimento adquirido realizando as atividades propostas a seguir.

Atividades de aprendizagem

1. Explique os estágios de desenvolvimento segundo Piaget, exemplificando.

2. Destaque as principais diferenças entre a teoria de Vygotsky e Piaget.

3. Winnicott, com sua teoria, causou impacto decisivo sobre a visão do desenvolvimento infantil, na qual preconizou:

a) A importância de se pegar a criança no colo toda vez que ela chora.

b) A importância de se ter a figura materna e paterna compondo o núcleo familiar.

c) A importância dos primeiros anos de vida na estruturação da personalidade.

d) A importâncias dos avós na educação das crianças.

e) A importância de se oferecer à criança que chega, especificamente na pré-adolescência, atenção e carinho.

4. A preocupação central de Piaget foi a do "sujeito epistêmico", isto é, o estudo dos processos de pensamento presentes desde a infância inicial até a idade adulta, apresentando uma visão interacionista. Em outras palavras:

a) Ele demonstrou que a criança, para aprender, necessita da ajuda especificamente da mãe.

b) Ele apresentou uma teoria humanista.

c) Piaget apresentou aspectos aprendidos pela criança e negligenciou aspectos inatos do indivíduo.

d) Piaget utilizou a teoria do materialismo histórico para compreender o desenvolvimento.

e) Apenas as alternativas *d* e *c* estão corretas.

5. Entre os conceitos fundamentais de Piaget, está o processo de "equilibração", que é um processo em que a criança tenta equilibrar-se, adaptar-se à situações novas. Exemplo: quando a criança deixa de engatinhar e começa a dar os primeiros passos. A equilibração ocorre em função de duas ações que ocorrem em reciprocidade, são elas:

a) Criatividade e assimilação.

b) Observação e acomodação.

c) Observação e assimilação.

d) Assimilação e acomodação.

e) Maturidade e assimilação.

Unidade 3

As teorias da personalidade

Objetivos de aprendizagem: Na Unidade 3, você encontrará conteúdo de definições, explicações sobre o funcionamento da personalidade e teorias referentes a esse tema. Encontraremos também conceitos, definições e fatores de estudo das teorias da personalidade. Apresentamos também quais os determinantes na formação da personalidade e a importância de cada um na constituição do indivíduo. Ao final da unidade, você terá a oportunidade de validar seu aprendizado através dos exercícios disponíveis. Aprofunde seu conhecimento acessando os links sugeridos!

- **Seção 1:** **A teorias da personalidade**

  Nesta seção abordaremos a definição do conceito de personalidade e o processo de estruturação sob a influência genética, ambiental, cultural, familiar, dentre outras. Serão abordados os seguintes itens:

  1.1 Definição de personalidade

  1.2 A estruturação da personalidade

- **Seção 2:** **As principais teorias da personalidade do século XX**

  Nesta seção serão abordadas a teoria behaviorista, a *Gestalt*, a psicanálise, a humanista e a teoria da personalidade centrada na pessoa. Todas essas teorias têm o intuito de compreender a subjetividade humana. Serão abordados os seguintes itens:

2.1 O behaviorismo
2.2 A análise experimental do comportamento
2.3 A *Gestalt*
2.4 O objeto de estudo da *Gestalt*: a percepção
2.5 A boa forma
2.6 A teoria de campo de Kurt Lewin
2.7 Psicanálise
2.8 Estrutura da personalidade na psicanálise
2.9 Consciente e inconsciente
2.10 Mecanismos de defesa
2.11 Psicologia humanista: Maslow
2.12 Perspectiva centrada na pessoa: Carl Rogers
2.13 Psicologia contemporânea
2.14 O papel das emoções

Introdução ao estudo

Quando pensamos em personalidade, o que nos vêm à cabeça? Personalidade se refere às características das pessoas, à sua aparência, comportamentos, impressões e muitos outros elementos que a individualizam.

O psicólogo Gordon Allport (1937, apud PERVIN, 2004) classificou algumas categorias sobre a personalidade, conceituando-as através de alguns princípios, tais como: o princípio da globalidade em que ele conceitua personalidade como a junção de todas as experiências, traços, comportamentos e outros fatores; também a conceituou como princípio social, no qual revela que a personalidade em seu real conceito é revelada através ou diante de situações onde está envolvido o ambiente. Consta também o princípio da dinamicidade, que conclui a ideia de que a personalidade é que comanda o comportamento do indivíduo; compete ainda o conceito do princípio da individualidade, que compõe o fato de que é a personalidade que identifica cada homem e que o torna único.

Existem fatores diversificados que contribuem para a formação da personalidade que se resumem em genéticos e ambientais. Os fatores genéticos exercem influência no ser humano desde a concepção e duram por toda a vida. São os traços herdados que caracterizam o seu temperamento e as características que sofrem influências externas que caracterizam o caráter individual.

Cada indivíduo possui capacidades, habilidades e limitações e deve saber lidar com as diferenças que surgem constantemente. A hereditariedade é fator de eficiência na formação dessas características. Não se pode dizer que a herança genética é responsável pela personalidade. É cabível revelar que a genética influencia de forma indireta no interior das pessoas.

A herança genética é o temperamento do homem e ela pode ser classificada em hereditariedade da espécie e hereditariedade individual. A primeira contribui para as atribuições relacionadas a cada espécie, com relação às suas limitações, estruturas e possibilidades.

O desenvolvimento do ser humano resulta da mistura de vários fatores e elementos, estes por sua vez definem alguns traços que compreendem o caráter e o temperamento. A formação ocorre a partir do primeiro momento. Cada situação, cada relação é extremamente importante. Falar da personalidade é falar de toda uma estrutura, em que estão envolvidos os impulsos emocionais, as crenças, as normas, a diversidade cultural; o homem é treinado pela sua consciência para adaptar-se a estes poderosos contribuintes transformacionais. O homem, ao deparar-se com a realidade do ambiente, constrói o seu perfil.

O ser humano começa a formar sua personalidade a partir da emoção, pois é onde se desenvolve a relação interpessoal, o que geralmente influencia no convívio e na maneira de viver do indivíduo. A personalidade ocorre de acordo com a origem de cada um, educação, religião, nível econômico, dentre outros fatores.

O indivíduo como um ser racional deve ser respeitado e tratado com igualdade, reconhecendo os seus limites. No desenvolvimento de capacidades, como as relações interpessoais, éticas, amorosas e de aprendizagem, existe uma grande participação do meio, onde é permitido ao indivíduo escolher novas decisões e moldar seu modo de pensar e agir.

Entendendo que a personalidade determina as relações, o caráter, o temperamento e a afetividade do ser racional, é possível avaliar que todos os seres humanos foram criados com as mesmas capacidades e que essas capacidades florescem ou não de acordo com as influências do meio, por isso julga-se a ideia de que comportamentos, percepções, diferenças, ideias e tendências são também frutos das relações interpessoais.

A personalidade é o que o ser humano é. Nos seus mais variados aspectos, é ela que organiza o comportamento, a participação do homem no meio social e por esse motivo é inacabada, pois depende de transformações, seja com relação aos fatores genéticos ou ambientais. Sendo que as qualidades pessoais valem tanto ou mais que as técnicas, já que as emoções é que propiciam as relações.

A personalidade humana é associada ao desenvolvimento, que em seu conceito diz respeito ao processo de evolução, mudança, aprendizagem e crescimento. Ambos começam no início da vida e acabam com a morte.

É completamente relevante compreender a personalidade das pessoas porque dessa forma passa-se a identificar os seus modos de comportamento e suas atitudes. Contudo, é primordial reconhecer que cada pessoa tem o direito de ser quem ela é, de viver de acordo com as suas aspirações e oportunidades e objetivamente ser respeitada; sendo essa a sua principal arma de defesa, que protege sua identidade e seu "eu" de todos os contratempos do ambiente.

Piaget e Freud defendem a ideia de que tanto as heranças genéticas quanto as influências do meio são de suma importância na formação do indivíduo em todos os seus aspectos, principalmente no que diz respeito aos fatores cognitivos e psicossexuais, o que prevalece na melhor ou na pior formação de cada ser. Todos esses processos de desenvolvimento definem em partes o relacionamento, o comportamento e as atitudes do indivíduo.

Portanto, a **personalidade** é considerada um conjunto de valores ou termos descritivos usados para caracterizar o indivíduo estudado de acordo com as variáveis ou dimensões que ocupam posição central na teoria adotada (HALL; LINDZEY, 1984).

Embora as correntes de influência que determinam os primeiros passos da psicologia geral e da teoria da personalidade tenham importantes pontos em comum, persistem ainda diferenças significativas, principalmente no que se refere ao seu objeto de estudo. Destacamos nesta unidade a teoria behaviorista, a *Gestalt*, a psicanálise, a psicologia humanista de Maslow e a teoria centrada na pessoa de Rogers.

Seção 1 As teorias da personalidade

Antes de iniciarmos o estudo da personalidade, é importante compreendermos inicialmente o conceito de teoria. Você sabe o que é uma teoria?

Segundo Hall e Lyndzey (2000, p. 33):

> Em primeiro lugar, uma teoria é um conjunto de convenções criado pelo teórico. Compreender uma teoria como um 'conjunto de convenções' enfatiza o fato de que as teorias não são 'dadas' ou predeterminadas pela natureza, pelos dados, ou por qualquer processo determinante. Assim como as mesmas experiências ou observações podem levar um poeta ou um romancista a criar uma entre as múltiplas formas de arte diferentes, também os dados da investigação podem ser incorporados a um entre os incontáveis esquemas teóricos diferentes. O teórico, ao escolher uma determinada opção para representar os eventos em que está interessado, exerce uma escolha criativa livre que só é diferente da do artista nos tipos de evidência que focaliza e nos termos em que seu aproveitamento será julgado. Nós estamos enfatizando aqui a maneira criativa e, no entanto, arbitrária pela qual as teorias são construídas. Não existe nenhuma fórmula para a construção de uma teoria proveitosa, assim como não existe nenhuma fórmula para fazermos contribuições literárias duradouras.

E continuam o seu pensamento:

> Constatamos que uma teoria consiste em um conjunto de suposições relacionadas referentes que permitem que o usuário passe da teoria abstrata para a observação empírica. Por simples acréscimo, temos a implicação de que uma teoria da personalidade deve ser um conjunto de suposições relevantes para o comportamento humano, juntamente com as definições empíricas necessárias. Existe também a exigência de que a teoria seja relativamente abrangente. Ela deve estar preparada para lidar com uma ampla variedade de comportamentos humanos ou fazer predições sobre eles. De fato, a teoria deve estar preparada para lidar com qualquer fenômeno comportamental que possua significado para o indivíduo (HALL; LYNDZEY, 2000, p. 36).

Hall e Lyndzey (2000) nos fornecem uma ótima descrição do que seja uma teoria, e complementam essa descrição no que concerne à teoria da personalidade, vamos continuar a leitura de seus pensamentos:

> Assim como a maioria das pessoas sabe em que consiste a personalidade, também sabe o que é uma teoria! A convicção mais comum é a de que uma teoria existe em oposição a um fato. Nessa visão, ela é uma hipótese não comprovada ou uma especulação referente à realidade que ainda está definitivamente confirmada. Quando uma teoria é confirmada, ela se torna um fato. Existe certa correspondência entre essa visão e o uso que defendemos aqui, pois concordamos que não sabemos se uma teoria é uma verdade. Também existe um elemento de discordância, pois a visão do senso comum afirma que ela se tornará verdadeira ou factual quando

> os dados dos fenômenos empíricos e as definições empíricas relevantes que tiverem sido coletados. Na nossa visão, as teorias nunca são verdadeiras ou falsas, embora suas complicações ou derivações possam ser (HALL; LYNDZEY, 2000, p. 33).

1.1 Definição de personalidade

Quando nos referimos à determinada pessoa e queremos compreender algumas atitudes ou comportamentos, utilizamos uma argumentação e justificativa de que a pessoa "tem esse jeito" ou "é assim" devido às suas características, ou seja, como uma referência que a diferencia dos demais e a identifica como "pessoa única".

Para Hall e Lindzey (1984, p. 6):

> Poucas palavras são tão fascinantes para o público como o termo personalidade. Embora a palavra seja usada de várias maneiras, a maior parte dos significados de uso popular pode ser compreendida em uma destas duas conceituações. A primeira relaciona-se com habilidades sociais. Nesse caso a personalidade de um indivíduo poderia ser avaliada pela eficiência em produzir reações positivas em diversas pessoas e em diferentes situações. Também é neste sentido que o empregam os cursos de etiqueta social, quando se referem ao 'treino de personalidade'. Do mesmo modo, quando o professor diz que o estudante apresenta problemas de personalidade, quer indicar com isso que este não consegue manter relações satisfatórias com seus colegas e professores. A segunda conceituação avalia a personalidade pela impressão que o indivíduo causa em outras pessoas, podendo-se então falar em 'personalidade tímida', 'agressiva' etc.

Os seres humanos são iguais como espécie e funcionalmente diferentes, pois nos considerar iguais uns aos outros em relação à nossa essência humana, no entanto, funcionamos diferentemente uns dos outros (PERVIN; JOHN, 2004). Em um universo constituído de milhões de indivíduos, não há remota possibilidade de duas pessoas serem idênticas na sua personalidade — "cada um é cada qual".

Erroneamente dizemos que "a pessoa não tem personalidade", o fato é que ela existe para todos, pode ocorrer de "fulano ter o temperamento mais forte" ou "o temperamento mais moderado", referindo-se ao temperamento mais marcante ou menos marcante. "As pessoas funcionam **como um todo organizado**, e é à luz dessa organização que devemos compreendê-las" (MAGNUSSON, 1999 apud PERVIN; JOHN, 2004, p. 23, grifo do autor).

Links

Curiosidade sobre a personalidade. Veja o temperamento dessa personagem muito conhecida. Acesse o link: <http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%B4nica>.

No entanto, a **personalidade é uma estrutura interna**, formada por diversos fatores em interação, não se reduzindo apenas a um único traço, como a autodeterminação ou um valor moral.

De acordo com Hall e Lindzey (1984, p. 7):

> Personalidade é aquilo que ordena e harmoniza todas as formas de comportamento do indivíduo. Alguns teóricos dão ênfase à função da personalidade como uma mediadora no ajustamento do indivíduo. Nesse sentido, ela consiste nos diversos esforços que o indivíduo faz para ajustar-se. Segundo outras definições, a personalidade equivale a aspectos únicos ou individuais do comportamento. Nesse caso, o termo designa todos os aspectos próprios do indivíduo e pelos quais ele se distingue dos outros. Finalmente, alguns teóricos consideram que a personalidade representa a essência do homem. Essas definições indicam que a personalidade se refere ao que é mais representativo no indivíduo, não apenas ao que realmente ele é. Essa é a concepção de Allport. Para ele 'personalidade' é o que um indivíduo realmente é. Depreende-se disso que a personalidade consiste em última análise, naquilo que é mais típico e característico do indivíduo.
>
> O aspecto emocional da personalidade não tem menos importância que outros e constitui objeto e a preocupação da educação, na mesma medida que o intelecto e a vontade. O amor pode conter tanto talento e inclusive genialidade quanto a descoberta do cálculo diferencial. Em ambos os casos o comportamento humano adota formas excepcionais e grandiosas (VYGOTSKY, 1988, p. 122).
>
> **Personalidade é um tema complexo**, conceituá-la de modo útil e compreensivo é uma tarefa difícil, mas sabemos que **não há duas personalidades idênticas** como não existem duas pessoas idênticas, embora muitas pessoas possuam traços em comum. A personalidade é temporal, pertence a uma pessoa que nasce, vive e morre (PERVIN; JOHN, 2004, p. 60, grifo do autor).

Com isso, o estudo da personalidade busca descobrir sobre os indivíduos **o quê** eles são, **como** eles se tornaram daquela forma e **por que** eles se comportam de certa maneira.

A resposta ao **o quê** refere-se às características da pessoa e a forma como umas estão organizadas em relação às outras, se a pessoa é honesta, persistente e tem alta necessidade de realização, sensível, entre outras.

O **como** responde às perguntas sobre os determinantes da personalidade, em que nível e de que maneira as forças genéticas e ambientais interagem para produzir as características da pessoa.

Quanto ao **por que**, refere-se aos motivos, às razões do comportamento do indivíduo, em "nome de qual motivo" se faz ou se tem determinada atitude ou ação (PERVIN; JOHN, 2004).

Podemos dizer que a personalidade existe em função de um meio no qual procura adaptar-se, e pertencendo a um "ser vivo", passa por um processo de desenvolvimento, cada indivíduo tem sua história pessoal e esta é a unidade básica a ser considerada no estudo da personalidade (PERVIN; JOHN, 2004).

Importante ressaltar que ocorrem distúrbios na **personalidade humana** que se caracteriza por vários sintomas, que podem ser detectados em conjunto ou individualmente.

Esses **distúrbios ou desvios** vão interferir no comportamento do indivíduo na sociedade em que está inserido, influenciando seus pensamentos e atitudes e como consequência facilitando ou dificultando, ou até mesmo impedindo seu convívio social.

1.2 A estruturação da personalidade

A **personalidade** não é a simples soma ou justaposição de elementos, mas **um todo organizado e individual** (PERVIN; JOHN, 2004). Na busca pela explicação do desenvolvimento do indivíduo como "ser único que é e com suas diferenças individuais" (PERVIN; JOHN, 2004, p. 27), os estudiosos da personalidade definiram como ponto de partida que sua formação recebe fortes contribuições de **determinantes genéticos e ambientais**, sendo ambos importantes e complementares.

Vamos conhecer características e particularidades desses determinantes, bem como a importância de cada um deles na constituição da personalidade. É importante ressaltar que existe uma relação de complementaridade entre eles, cada um com sua devida importância e função na formação do indivíduo.

1.2.1 Determinantes genéticos

Os **fatores genéticos** desempenham um papel importante na determinação da personalidade, particularmente em relação àquilo que é único no indivíduo, pois são responsáveis pelas características pessoais como o **temperamento e a inteligência**. Considerados menos importantes na formação da personalidade no que diz respeito às crenças, valores e ideias.

1.2.2 Determinantes ambientais

São considerados determinantes ambientais fatores que influenciam o comportamento, o pensamento e o sentimento humano e que resultam em semelhanças entre os indivíduos.

São quatro os determinantes ambientais: cultura, classe social, família e pares (PERVIN; JOHN, 2004). A seguir vamos conhecer detalhadamente a estrutura de cada um desses determinantes.

1.2.2.1 Cultura

As experiências vividas pelo indivíduo como pertencente a uma **cultura são determinantes significativos na personalidade**. Cada cultura tem seus próprios padrões institucionalizados de **crenças**, **rituais**, **valores**, significando que a maioria dos membros daquela cultura apresentará algumas dessas características. São exemplos de como os indivíduos expressam seus sentimentos, como se relacionam com os outros, o que considerar triste ou engraçado, como lidar com a vida e a morte, enfim, considerações sobre o que é saudável ou aceitável.

1.2.2.2 Classe social

Poucos aspectos da personalidade podem ser compreendidos sem conhecer **o grupo ao qual o indivíduo pertence**.

Os fatores relacionados são referentes aos **papéis** que ele desempenha, ***status*, deveres e privilégios**. Estes fatores influenciam a maneira como os indivíduos veem a si mesmo e percebem os membros de outras classes sociais; também influenciam a maneira como as pessoas definem situações e como respondem a elas. O grupo social do indivíduo, seja classe baixa ou alta, operária ou profissional, **tem importância particular** na **formação da personalidade** (PERVIN; JOHN, 2004).

1.2.2.3 Família

Chegamos ao terceiro fator determinante da personalidade. Provavelmente nesse momento você está se questionando sobre a sua formação, quais as influências que recebeu que contribuíram na constituição de sua personalidade e quais valores, crenças e atitudes você está transmitindo para seus filhos, no papel de pai ou mãe. Então, vamos conhecer a partir daqui, um dos fatores mais discutidos dentro da psicologia — **os fatores familiares**.

É um dos fatores mais importantes no funcionamento da personalidade. Os pais podem ser amorosos ou hostis, possessivos ou superprotetores, proporcionarem autonomia ou repreensão aos filhos. Cada padrão de **comportamento dos pais afetará o desenvolvimento da personalidade da criança**.

A família sempre será a base de uma sociedade e, principalmente, do ser humano no seu convívio em grupo e na constituição de suas atitudes como indivíduo. Anexados à família vêm também os problemas, as complexidades e a milagrosa dinâmica de estabelecer relacionamentos com um grupo de pessoas que estão ligadas por laços de parentesco. Qualquer indivíduo, por mais isolado que seja **jamais estará separado da experiência dele em sua própria família** (OSÓRIO; ZIMERMAN, 1997).

Segundo Osório e Zimerman (1997), a estrutura familiar pode variar conforme a latitude, as distintas épocas históricas e os fatores sócio-políticos, econômicos ou religiosos prevalentes num dado momento da evolução de determinada cultura.

Portanto, uma definição a ser considerada é que:

> A família é uma unidade grupal onde se desenvolvem três tipos de relações pessoais: aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consanguinidade (irmãos) e que, a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e **fornecer-lhe condições para a aquisição de suas identidades pessoais** desenvolveu, através dos tempos, funções diversificadas de **transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais** (OSÓRIO; ZIMERMAN, 1997, p. 50, grifo nosso).

1.2.2.4 Pares

O **ambiente dos pares** contribui no desenvolvimento da personalidade, ou seja, as experiências fora de casa, do ambiente familiar, têm grande influência, a **socialização que ocorre com os pares quando da aceitação de regras de comportamento** manifestará interferência na personalidade.

É possível identificar a interação desses fatores em diversos aspectos significativos da personalidade. Uma relação importante entre os fatores genéticos e ambientais é que a hereditariedade nos proporciona talentos que uma cultura pode ou não recompensar e cultivar (PERVIN; JOHN, 2004).

Seção 2 As principais teorias da personalidade do século XX

Vamos iniciar a explanação de algumas teorias da personalidade — o behaviorismo, a *Gestalt*, a psicanálise, autoatualização de Maslow e teoria centrada na pessoa de Rogers. Começaremos pela teoria behaviorista.

2.1 O behaviorismo

O termo **behaviorismo** foi utilizado pelo americano John B. Watson e teve um amplo desenvolvimento nos Estados Unidos. A teoria behaviorista também pode ser nomeada comportamentalista, teoria comportamental, análise experimental do comportamento e análise do comportamento. "O comportamentalismo, com acentuação no 'ismo', não é o estudo científico do comportamento, mas uma filosofia da ciência preocupada com o tema e métodos da psicologia" (SKINNER, 1978, p. 339).

E o teórico Baum (2006, p. 17) complementa:

> Sendo um conjunto de ideias sobre essa ciência chamada de análise comportamental, e não a ciência em si, o behaviorismo não é propriamente uma ciência, mas uma filosofia da ciência. Como filosofia do comportamento, entretanto, aborda tópicos que muitos prezamos e que nos tocam de perto: por que fazemos o que fazemos, e o que devemos e não devemos fazer. Oferece uma visão alternativa que muitas vezes vai contra o pensamento tradicional sobre o agir, já que as visões às vezes ele nos leva em direção radicalmente diferente do pensamento convencional.

A teoria terá como objeto de estudo o comportamento observável. Devido às aplicações práticas da teoria, a mesma transformou-se em uma teoria importante, pois definiu o fator psicológico, de modo concreto, a partir da noção de comportamento.

Segundo Baum (2006, p. 25):

> Na ideia de que é possível uma ciência do comportamento está implícito que o comportamento, como qualquer objeto de estudo científico, é ordenado, pode ser controlado desde que se tenham os meios necessários. Chama-se a isso determinismo, a noção de que o comportamento é determinado unicamente pela hereditariedade e pelo ambiente.

Segundo Todorov (2012, p. 1):

> Similarmente, a análise experimental do comportamento não é uma área da psicologia, mas uma maneira de estudar o objeto da psicologia. Este trabalho é uma tentativa de esclarecer os significados dos termos 'behaviorismo', 'análise experimental do comportamento' e 'psicologia', e uma tentativa baseada principalmente nas contribuições de B. F. Skinner e de Harzem e Miles (1978).

E Skinner continua o seu pensamento:

> A análise do comportamento, que não se limita à análise experimental do comportamento, como veremos a seguir, origina-se de uma posição behaviorista assumida por Skinner por motivos mais históricos que puramente lógicos. Skinner parte da constatação de que há ordem e regularidade no comportamento. Um vago senso de ordem emerge da simples observação mais cuidadosa do comportamento humano. Estamos todos continuamente analisando circunstâncias e predizendo o que os outros farão nessas circunstâncias, e nos comportamos de acordo com nossas previsões. Fosse possível, isto é, se as interações entre os indivíduos fossem caóticas, simplesmente não estaríamos aqui. O estudo científico do comportamento aperfeiçoa e completa essa experiência comum, quando demonstra mais e mais relações entre circunstâncias e comportamentos, e quando demonstra as relações de forma mais precisa (SKINNER, 1978, p. 45).

O estudioso **Watson** trilhou a construção de uma psicologia sem alma e sem mente, suprimindo conceitos mentalistas e de métodos subjetivos utilizados por outros teóricos da época, como os processos inconscientes. No entanto, uma teoria psicológica que não perderia a capacidade de prever e controlar o comportamento humano.

Para saber mais

Behaviorismo: tradução da palavra: comportamento.

Para saber mais

John Broadus Watson (1878-1958) é o fundador do behaviorismo. Dedicou-se à psicologia animal e da aprendizagem e ao estudo de crianças recém-nascidas. Para ele, a psicologia deveria estudar as relações entre os eventos do meio ambiente (estímulos) e o comportamento (respostas).

Para Baum (2006, p. 49):

> O termo mentalismo foi adotado por B. F. Skinner para se referir a um tipo de 'explicação' que na verdade não explica nada. Suponha que você pergunte a um amigo por que ele comprou um par de sapatos e a resposta seja 'comprei porque quis', ou 'comprei por impulso'. Embora essas afirmações soem como explicações, você na verdade não avançou nada em relação à sua pergunta. Essas 'não explicações' são exemplos de mentalismo.

A teoria behaviorista nesse contexto tem como objetivo estudar as interações entre o indivíduo e o **ambiente**, ou seja, entre as ações do indivíduo, suas respostas, o ambiente, e as estimulações envolvidas que desencadearam o seu comportamento.

> As variáveis externas, das quais o comportamento é função, dão margem ao que pode ser chamado de análise causal ou fundamental. Tentamos prever e controlar o comportamento de um organismo individual. Esta

> é a nossa "variável dependente" — o efeito para o qual procuramos a causa. Nossas "variáveis independentes"— as causas do comportamento — são as condições externas das quais o comportamento é função. Relações entre as duas — as "relações de causa e efeito" no comportamento — são as leis de uma ciência (SKINNER, 1978, p. 45)

Para saber mais

Ambiente: corresponde tanto aos aspectos físicos quanto aos sociais.

O indivíduo nessa teoria psicológica é visto como parte da natureza, que age e modifica o mundo e é modificado pelas consequências de sua ação.

De acordo com o teórico Baum (2006, p. 67):

> A palavra consciente é usada de várias maneiras. 'Ter consciência' vem a ser o mesmo que 'estar consciente' pois consciência não é uma coisa, mas uma propriedade. Pode-se dizer que uma pessoa tem consciência ou perdeu a consciência, está consciente ou inconsciente; as duas dicotomias referem-se às mesmas possibilidades. Dizemos que uma pessoa está consciente ou inconsciente dependendo do que ela faz particularmente em resposta a eventos ambientais como perguntas e estimulações. De vez em quando alguém pergunta depende do que o animal faz e do que aceitaremos como evidência de consciência. Alguns atos são considerados conscientes, outros não. Os membros de um júri frequentemente têm de julgar se uma pessoa decidiu cometer um crime conscientemente ou não.

Para saber mais

Entre as obras de Skinner destacam-se: **Ciência e comportamento humano**, **O comportamento verbal** e **Análise do comportamento**.

2.2 A análise experimental do comportamento

O mais importante dos teóricos behavioristas que sucedem Watson é B. F. **Skinner** (1904-1990). A sua linha teórica ficou conhecida por behaviorismo radical, termo designado pelo próprio Skinner, no ano de 1945. Uma linha teórica que designava uma filosofia da ciência do comportamento, por meio da **análise experimental**. Freire nos fornece uma boa descrição do trabalho do teórico:

> Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), norte-americano. Sua teoria comportamental e da aprendizagem baseou-se nos estudos de Pavlov sobre o comportamento reflexo ou involuntário e nos princípios de condicionamento do mesmo. Foi influenciado, também, pelo hedonismo e por Thorndike, utilizando, deste último, tanto a lei do

> exercício como a do efeito. A partir daí, formulou o seu primeiro princípio sobre o reforço na aprendizagem (FREIRE, 2007, p. 111).

Vamos entender o que é análise experimental do comportamento.

Questões para reflexão

Você sabia que Burrhus Frederic Skinner foi influenciado pelos trabalhos de Pavlov e Watson? E que Skinner passou a estudar o comportamento operante, desenvolvendo intensa atividade no estudo da psicologia da aprendizagem?

Para saber mais

Skinner iniciou os seus estudos a partir da montagem de uma caixa, nomeada caixa de Skinner. Em seus estudos principalmente realizados com ratos, Skinner construiu a sua teoria pela associação que fez com o comportamento humano. Esse aparelho, chamado caixa de Skinner, consiste em uma caixa retangular, à prova de luz e de som. Em uma das paredes dessa caixa há um orifício para fornecimento de água, uma pequena bandeja e uma barra horizontal. Do lado de fora, ligado à caixa, uma pequena bandeja e uma barra horizontal. Ainda do lado de fora, ligado à caixa, há um depósito de bolinhas de alimento; esse depósito deixa cair na bandeja uma bolinha todas as vezes que a barra for pressionada para baixo. Existe, ainda, fora da caixa experimental, um mecanismo de registro que anota cada vez que a barra é pressionada (e aparece alimento na bandeja).

A análise experimental do comportamento (análise do comportamento) tem o intuito de descrever os comportamentos humanos em qualquer situação, prevendo e os modificando.

Para Baum (2006, p. 93):

> A teoria da evolução é importante para a análise comportamental sob dois aspectos. Primeiro, muito do comportamento se origina da herança genética derivada da história de evolução da espécie (filogênese). A seleção natural fornece os reflexos e padrões fixos de ação, a capacidade de condicionamento respondente, a capacidade de aprendizagem operante, os reforçadores e punidores cuja eficácia muda com o tempo e o contexto, e as variações que favorecem determinados tipos de condicionamento respondente e operante. Segundo, a teoria da evolução fornece um modelo de explicação histórica, que é o tipo de explicação que se aplica ao comportamento operante. A história de reforço e punição é análoga à história de seleção natural, exceto que a primeira opera sobre um tipo de comportamento (população de ações) durante a vida de um indivíduo, enquanto a segunda

> opera sobre uma espécie (população de organismos) ao longo de muitas gerações. Ambos os conceitos substituem explicações não científicas que remetem a um agente inteligente e oculto, que guiaria a mudança evolutiva ou comportamental.
> Quando Skinner explicitou um programa de trabalho para o desenvolvimento de uma ciência do comportamento, previu uma análise experimental do comportamento como um dos aspectos de um empreendimento maior, vejamos o que diz em **Ciência e comportamento humano**, publicado originalmente em 1953 (SKINNER, 1978, p. 56, grifo do autor).

O behaviorismo preconiza a relação entre o comportamento (ambiente interno) e o seu ambiente externo. Ambos devem ser estudados diretamente sem a mediação de exemplos mentais.

Na análise experimental o comportamento é aprendido a partir do contexto socio-verbal em que o indivíduo está inserido. Dentro da variação comportamental que o indivíduo exibe, alguns comportamentos são selecionados e passam a caracterizar o seu repertório comportamental.

Segundo o teórico Baum (2006, p. 114):

> Os autorrelatos de sentimentos de intenção ou propósito têm como base eventos ambientais presentes e privados. Eles consistem em predições sobre quais eventos provavelmente serão reforçadores e qual comportamento provavelmente será reforçado. Essas predições sempre são baseadas na ocorrência passada de reforço. Embora os autorrelatos sobre a intenção experimentada possam dar a impressão como afirmação sobre as intenções de outra pessoa, na verdade, referem-se a seu passado. Quando atuam como 'dicas' para autorrelatos, os sentimentos são eventos de sentir privados. Eles são subprodutos devido ao condicionamento respondente, da mesma história de reforço e punição do comportamento operante a que os relatos se referem. Não têm uma relação causal com aquele comportamento operante, embora possam ser parte do contexto que explica o relato verbal de uma intenção experimentada.

A base da corrente teórica de Skinner está na formulação do comportamento operante, que significa um comportamento que tem efeito sobre o mundo e destacam os processos formulados pela teoria, como o **reforçamento**, o controle de estímulos, a discriminação, e a generalização dos comportamentos.

> As variáveis externas, das quais o comportamento é função, dão margem ao que pode ser chamado de análise causal ou fundamental. Tentamos prever e controlar o comportamento de um organismo individual. Esta é a nossa 'variável dependente' — o efeito para o qual procuramos a causa. Nossas 'variáveis independentes'— as causas do comportamento — são as condições externas das quais o comportamento é função. Relações entre as duas — as 'relações de causa e efeito' no comportamento — são as leis de uma ciência (SKINNER, 1978, p. 45).

Sobre a influência da cultura sobre a formação do indivíduo, Baum (2006, p. 165) acrescenta:

> Toda cultura tem suas regras. A criança que cresce em uma determinada cultura pode aprender a obedecer a algumas de suas regras sem que seja explicitamente instruída a fazê-lo. Eu não consigo lembrar de ninguém jamais ter me dito que eu devia vestir roupas para sair em público. Embora não consiga me lembrar, alguém deve tê-lo dito; provavelmente, a maioria das regras é ensinada explicitamente. Aprender regras de um falante (ou professor) requer exercer o papel de ouvinte. A maior parte das crianças primeiro aprendem, por intermédio de seus pais, a fazer o papel de ouvinte a discriminar com base no comportamento verbal do falante. Mais tarde, essa eficácia dos estímulos discriminativos verbais se generaliza para outras pessoas: professores, treinadores, patrões, etc.
>
> Como escola psicológica, o behaviorismo começa o seu declínio final da década de 30. No entanto, continuou existindo através de teorias e modelos que, ainda hoje, são aceitos e utilizados nas mais variadas áreas e segmentos da sociedade, tais como: educação, indústria, comércio, militarismo, propaganda, etc (FREIRE, 2007, p. 114).

Para saber mais

Para complementar o estudo do capítulo, leia:

BAUM. **Compreender o behaviorismo**: comportamento, cultura e evolução. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 73-94.

MOREIRA, Marco Antonio et al. **Aprendizagens**: perspectivas teóricas. Porto Alegre: EDURGS, 1987.

Links

Para entender um pouco mais sobre a teoria behaviorista, leia o texto a seguir extraído da biblioteca científica eletrônica Scielo:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000100022&lng=pt&nrm=iso>.

2.3 A *Gestalt*

2.3.1 A psicologia da forma

Gestalt vem de um termo em alemão e pode ser traduzida como forma ou configuração. Os teóricos Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang **Kohler** (1887-1967)

e Kurt **Koffka** (1886-1941), baseados nos estudos psicofísicos relacionaram a forma e a percepção, construindo uma base eminentemente psicológica.

Para saber mais

Obras de Koffka: **The growth of the mind**, **Perception na introduction to the Gestalt — theorie**, **Principios de la psicologia de la forma**. Buenos Aires: Paidós, 1953. **Princípios da psicologia da Gestalt**. São Paulo: Cultrix, 1975.

Para saber mais

Kohler escreveu: **The Mentality of Apes**, **Psicologia da Gestalt**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968 e **Intelligency in Apes: aspect of Gestalt psychology**.

De acordo com Wolfgang (1980, p. 15):

> Os adeptos do behaviorismo podem acrescentar que não negam certas contribuições que, antes do seu tempo, as velhas formas de psicologia prestaram ao progresso dessa ciência, mas também dirão que, quando estudamos tais realizações, sob o ponto de vista atual, constatamos facilmente um fato: que quase todas elas foram alcançadas, não graças a introspecção e à descrição, mas sim à experimentação objetiva.

Os seus estudos foram dirigidos para a percepção e a sensação do movimento. Os gestaltistas buscavam compreender quais são os processos psicológicos envolvidos na ilusão de ótica, quando o estímulo físico é percebido pelo indivíduo como uma forma diferente da que ele tem da realidade (BOCK; FURTADO ; TEIXEIRA, 2002).

Para Wolfgang (1980, p. 11):

> Devemos observar aqui que o mesmo raciocínio se aplica ao organismo. Por um lado, nosso corpo se apresenta a nós como uma coisa particular na experiência sensorial. Por outro lado, essa experiência sensorial particular é causada por acontecimentos físicos ocorridos no objeto físico que chamamos de nosso organismo. Somente o corpo como parte da experiência sensorial nos é diretamente acessível. Só temos conhecimento do organismo, como de todas as outras coisas físicas, através de um processo de influência ou construção. Meu organismo reage ante a influência de outros objetos físicos, mediante processos que mantêm o mundo sensorial em torno de mim. Outros processos no organismo fazem surgir a coisa sensorial que chamo de meu corpo. Também aqui, outros são responsáveis pelo aspecto interior de minha experiência, por sensações como as de fome e fadiga, por emoções como as de medo e esperança, etc.

2.4 O objeto de estudo da *Gestalt*: a percepção

A **percepção** é o ponto de partida da teoria da *Gestalt*, sendo considerada um de seus pontos centrais. Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 60, grifos do autor):

> Os experimentos com a percepção levaram os teóricos da *Gestalt* ao questionamento de um princípio implícito na teoria behaviorista que há relação de causa e efeito entre os estímulo e a resposta porque, para os gestaltistas, entre o estímulo que o meio fornece e a resposta do indivíduo, encontra-se o **processo de percepção**. O que o indivíduo percebe e como percebe são dados importantes para a compreensão do comportamento humano.

Para os gestaltistas, o comportamento deveria ser estudado nos seus aspectos mais globais, levando em conta as condições que alteram principalmente a percepção do estímulo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

2.5 A boa forma

A boa forma, um dos fenômenos da percepção para a *Gestalt*, é analisada para compreender o comportamento humano. A premissa teórica preconiza que a maneira como se percebe um determinado estímulo desencadeará o comportamento do indivíduo.

Na teoria da *Gestalt* destacamos um importante teórico, Kurt Lewin (1890-1947). Lewin era alemão, considerado um dos maiores representantes da *Gestalt*, terminou seus dias nos Estados Unidos.

2.6 A teoria de campo de Kurt Lewin

De acordo com Freire (2007, p. 120, grifo do autor) "[...] durante 10 anos o teórico **Kurt Lewin** (1890-1947) trabalhou com Wertheimer, Koffka e Kohler na Universidade de Berlim, e dessa parceria com os pioneiros da *Gestalt* nasceu a sua teoria de campo". Entretanto, a partir de suas investigações, ele deixa a preocupação psicofisiológica (limiares de percepção) da *Gestalt*, para encontrar na física as bases metodológicas de sua psicologia.

Segundo Freire (2007, p. 120):

> Lewin foi o criador da teoria de campo e, em consequência, da dinâmica de grupo. Buscava estudar o comportamento individual a partir do grupo ou do todo que circunda o indivíduo. Esse todo é composto dos fatores psicológicos e das respectivas personalidades das pessoas que atuam naquele grupo ou naquele espaço vital, influenciando, num determinado momento, a um ou a outro elemento do grupo. No interesse de compreender a conduta individual, Lewin chegou ao grupo e explicou a interdependência que existe entre os seus membros. A partir do estudo da dinâmica de grupo, contribuiu muito na elaboração da teoria da motivação, da aprendizagem, da personalidade, da psicologia infantil e, sobretudo, da psicologia social.

Para saber mais

Livros de Lewin: **Princípios de psicologia topológica**. São Paulo: Cultrix, 1973. **The conceptual representation and the measurement of psychological forces**. Durham: Duke University, 1938; **Psychologie dynamique**. Paris: Press Universitaires de France, 1959. **Problemas da dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1973. **Teoria de campo em ciências sociais**. São Paulo: Pioneira, 1965.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 65, grifo do autor):

> O principal conceito de Lewin é o do **espaço vital**, que ele define como 'a totalidade dos fatos que determinam o comportamento do indivíduo num certo momento'. O que Lewin concebeu como **campo psicológico** foi o espaço de vida considerado dinamicamente, onde se levam em conta não somente o indivíduo e o meio, mas também a totalidade dos fatos coexistentes e mutuamente interdependentes.

"Como escola psicológica, a *Gestalt* deixou de existir desde meados do século XX. Continua presente, no entanto, nas mais diversas abordagens psicológicas e nos mais diversos campos de aplicação, principalmente na educação e psicoterapia" (FREIRE, 2007, p. 120).

Até agora estudamos a teoria comportamental que tem como objeto de estudo o comportamento humano e a teoria da ***Gestalt*** que enfoca a percepção humana. Passaremos para a próxima teoria, que compreende o indivíduo a partir de uma instância psíquica chamada inconsciente. Nesse sentido, a última teoria da personalidade a ser abordada neste livro é a psicanálise.

Para saber mais

Para se aprofundar mais sobre o tema da ***Gestalt***, sugiro o livro:

CIORNAI, Selma (Org.). **Vinte e cinco anos depois**: gestaltterapia, psicodrama e terapias não reichianas. São Paulo: Summus, 1991.

Veja também o artigo extraído da biblioteca científica eletrônica Scielo:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000100002&lng=pt&nrm=iso>.

2.7 Psicanálise

A **psicanálise** tem como estrutura funcional o inconsciente e a estrutura de personalidade formada pelo ID, EGO e SUPEREGO. Em contrapartida, existe a corrente filosófica **behaviorista** de Skinner, que define o comportamento como reação do indivíduo ao ambiente, reconhecido pela teoria comportamentalista como meio de conhecer a natureza humana.

Contudo, cada um dos pensadores oferece algo de especial valor e relevância, apontando e esclarecendo diferentes aspectos da natureza humana. Neste contexto, abordaremos algumas das teorias que estudam o comportamento humano, entre elas, a psicanálise elaborada por Sigmund Freud e seus seguidores.

Uma das maiores contribuições de Freud foi insistir que os **eventos mentais são regidos por regras e por uma estrutura de causa e efeito**. Ele observou os pensamentos e comportamentos irracionais e inconscientes de seus pacientes e percebeu que eles se enquadravam em certos padrões. Freud inaugurou, assim, uma ciência do irracional (FADIMAN; FRAGER, 2004).

O mesmo autor considera que, através da psicologia cognitiva, se tivermos mais compreensão do como pensamos, observamos, nos comportamos, nos ocupamos e lembramos, seremos capazes de entender melhor como blocos de construções cognitivas acarretam medos, ilusões, criatividade e todos os comportamentos e eventos mentais que nos fazem ser quem somos.

2.8 Estrutura da personalidade na psicanálise

A estrutura de personalidade proposta por Freud é formada por três componentes básicos estruturais da psique: o ID, EGO e SUPEREGO.

O **ID** é a estrutura da personalidade original, básica e central do ser humano, **contém tudo o que é herdado**, onde reina o princípio do prazer, a **busca do prazer e a evitação da dor**. Operando de forma a buscar a liberação imediata e total de seus desejos e pulsões (PERVIN; JOHN, 2004).

Os conteúdos do **ID** são quase todos inconscientes, são materiais que foram considerados inaceitáveis pela consciência, incluem também **desejos e configurações mentais** que nunca se tornaram conscientes, bem como um pensamento ou uma lembrança reprimida (situações e sentimentos que não queremos lembrar) excluídos da consciência, mas localizados na área do ID.

Esse material contido no ID será **capaz de influenciar toda a vida mental de uma pessoa**, muitas vezes sem que ela tenha consciência que age de forma impulsiva, descontrolada, sem limites, o que pode "comprometer" as relações interpessoais na sociedade ou acometer o indivíduo de distúrbios de personalidade.

Ao contrário do ID, está o **SUPEREGO** que "atua como um **juiz ou censor** sobre as atividades e pensamentos do EGO. É o depósito dos códigos morais, modelos de conduta e dos parâmetros que constituem as inibições da personalidade" (FREUD, 1923 apud PERVIN; JOHN, 2004).

Essa estrutura funciona para **controlar o comportamento de acordo com as regras da sociedade** — oferece recompensas para o "bom" e punições para o "mau" comportamento.

Quando o indivíduo é incapaz de distinguir entre o pensamento e a ação, sentindo-se culpado por pensar algo, mesmo que isso não leve a nenhuma ação, se limitando em demasia por julgamentos, críticas e busca pela perfeição, diz-se que o indivíduo tem um **superego rígido**. As pessoas podem ser capazes de perdoar a si mesmas ou a alguém mais; as crianças aprendem a fazer essas distinções importantes e a ver as coisas não apenas em termos de tudo ou nada, certo ou errado, preto ou branco (PERVIN; JOHN, 2004).

> O **EGO** é a parte do aparelho psíquico que está em **contato com a realidade externa**. O EGO se desenvolve a partir do ID, à medida que a pessoa vai tomando **consciência de sua própria identidade**, vai aprendendo a aplacar as constantes exigências do ID. Como a casca de uma árvore, o EGO protege o ID, mas extrai dele a energia suficiente para suas realizações. Ele tem a **tarefa de garantir a saúde, segurança e sanidade da personalidade**. O **EGO** representa o que pode ser chamado de **razão e senso comum** (FREUD, 1923 apud PERVIN; JOHN, 2004, p. 160, grifo do autor).

Freud considerava o EGO como uma estrutura fraca, uma pobre criatura que servia a três senhores severos — o ID, a realidade e o SUPEREGO. O "pobre" EGO passa trabalho para servir a esses senhores e deve reconciliar as reivindicações e exigências de cada um (PERVIN; JOHN, 2004).

Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 47, grifo do autor):

> [...] torna-se importante considerar que o sistema estrutural — **ID, EGO e SUPEREGO** — não existem enquanto uma estrutura vazia, mas são sempre habitados pelo **conjunto de experiências pessoais e particulares de cada um**, que se constitui como sujeito em sua relação com o outro e em determinadas circunstâncias sociais. O significado disso é que, **para compreender alguém é necessário resgatar sua história pessoal**, que está ligada a **história de seu grupo** e da **sociedade** em que vive.

2.9 Consciente e inconsciente

Os pensamentos que dão início ao arsenal da teoria freudiana partem do pressuposto que:

> [...] não há nenhuma descontinuidade na vida mental. Ele afirmou que ***nada ocorre ao acaso***, tão pouco, os **processos mentais.** Há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento ou ação. Cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam (FREUD, 1923 apud PERVIN; JOHN, 2004, p. 35).

Segundo a teoria psicanalítica, a **vida psíquica pode ser descrita com relação ao grau de consciência** que temos de fenômenos vivenciais.

O **consciente** relaciona-se com fenômenos que temos consciência em um dado momento.

O segundo nível é o **pré-consciente**, refere-se aos fenômenos que podem estar conscientes se prestarmos atenção a eles.

E enfim, o **inconsciente**, onde estão elementos instintivos não acessíveis à consciência. Além disso, há também fenômenos que foram excluídos da consciência, censurados e reprimidos, porém não esquecidos nem perdidos, mas não é permitido ser lembrado. E **quando se tornam conscientes vêm com a mesma força emocional do momento em que aconteceram** (FREUD, 1923 apud PERVIN; JOHN, 2004).

Por isso diz-se que o **inconsciente é alógico, desrespeita o tempo e o espaço** (FREUD, 1923 apud PERVIN; JOHN, 2004).

Em suas raízes, a teoria psicanalítica sugere que grande parte do nosso **comportamento** é **motivada por influências inconscientes**, ou seja, sentimentos e motivos estão no inconsciente por razões motivadoras, permitir que viessem à consciência poderia causar dor e desconforto. Por exemplo, lembraríamos de memórias dolorosas do passado, reconheceríamos sentimentos de hostilidade e inveja, desejo em "causar danos às pessoas" etc. Assim, de acordo com nossa **busca de prazer e esquiva da dor**, procuramos manter esses pensamentos, sentimentos e motivos fora de nossa consciência (PERVIN; JOHN, 2004). Claro que, mais uma vez, de **forma inconsciente**.

2.10 Mecanismos de defesa

A percepção de um acontecimento, "do mundo externo ou do mundo interno, pode ser algo muito constrangedor, doloroso, desorganizador. Para evitar este desprazer, a pessoa utiliza de **mecanismos para se defender**" (PERVIN; JOHN, 2004, p. 40, grifo do autor).

Às vezes, elimina da memória algum episódio, ou deixa de registrar alguma percepção, nega situações ou interfere no pensamento.

A palavra-chave para compreender melhor os mecanismos de **defesa** é o conceito de **ansiedade**. Na teoria psicanalítica, "a ansiedade é uma experiência emocional dolorosa que representa ameaça ou um perigo para a pessoa. Em um estado de ansiedade livre, os indivíduos são incapazes de relacionar o seu estado de tensão com um objeto externo; por outro lado, em um estado de medo, a fonte de tensão é conhecida" (PERVIN; JOHN, 2004, p. 85, grifo do autor).

A ansiedade é um estado tão doloroso que **não somos capazes** de suportá-la por muito tempo, por isso que, **inconscientemente**, desenvolvemos formas de distorcer a realidade ou excluir sentimentos da consciência para minimizar ou eliminar a ansiedade.

São vários os mecanismos de defesa que o indivíduo utiliza para realizar as estratégias de deformar a realidade, negar ou distorcer; eles **são processos realizados pelo EGO** e ocorrem independentemente da vontade do indivíduo, por isso são considerados inconscientes.

Na descrição de Freud, defesa é a operação pela qual o EGO **exclui da consciência os conteúdos indesejáveis**, **protegendo o aparelho psíquico**. O ego — uma das estruturas da personalidade que está a serviço da realidade externa — é a **sede dos processos defensivos**; ele mobiliza os mecanismos para dissimularem ou suprimirem a percepção do perigo interno, em função de perigos reais ou imaginários localizados no mundo exterior (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, grifo do autor).

Questões para reflexão

Como podemos identificar os mecanismos de defesa do ego nos conteúdos dos sonhos?

Sobre os mecanismos de defesa do ego, você verá na unidade que trata especificamente sobre a psicanálise.

Para conhecermos um pouco mais sobre a psicanálise, recorremos aos escritos de Freud (**Obra completa, 2004**), que traça as diferenças entre luto e melancolia. Sabe-se que a **depressão** é um dos grandes males que vêm atingido a sociedade a cada ano. Há muitas dúvidas a respeito das diferenças entre uma tristeza acometida por uma perda e um quadro depressivo. O texto nos elucida essas diferenças. Vamos à sua leitura!

2.11 Psicologia humanista: Maslow

Os principais teóricos da psicologia humanista foram Carl Rogers e Abraham Maslow, e essa abordagem da psicologia é centrada na pessoa e não no comportamento; seus pressupostos visam à compreensão e o bem-estar da pessoa não o controle. Caracteriza-se também, pela crença que o indivíduo tem responsabilidades e capacidade de prever os passos que o levarão a um "enfrentamento" mais decisivo com sua realidade.

Maslow (apud FREIRE, 2007, p. 357) escreveu:

> Nessas passagens eloquentes e representativas, Maslow fez algumas suposições surpreendentes em relação à natureza humana, entre as quais a de que as pessoas tem uma natureza inata que é essencialmente boa ou pelo menos neutra. Ela não é inerentemente má. Não é verdade que os instintos são maus ou antissociais e precisam der domados pelo treinamento e pela socialização.

Na psicologia humanista, "o indivíduo é o único que tem potencialidade de saber a totalidade da dinâmica de seu comportamento e das suas percepções da realidade e de descobrir comportamentos mais apropriados para si" (PERVIN; JOHN, 2004, p. 41).

Freire (2007, p. 357) complementa o pensamento acima:

> À medida que a personalidade se desdobra, pela maturação em um ambiente benigno e pelos esforços ativos por parte da pessoa

> para realizar a sua natureza, os poderes criativos do ser humano se manifestam miseráveis ou neuróticos, é porque o ambiente os tornou assim por meio da ignorância e da patologia social, ou porque eles distorceram seu pensamento. Maslow acreditava que muitas pessoas temem e resistem a tornar-se seres humanos completos (autorrealizados). A destrutividade e a violência, por exemplo, não são inatas nos seres humanos. Eles se tornam destrutivos quando sua natureza interior é distorcida, negada ou frustrada. Maslow distinguia entre a violência patológica e a agressão sadia que luta contra a injustiça, o preconceito e outros males sociais.

A teoria psicanalítica, a antropologia social e a *Gestalt* influenciaram a caminhada de **Maslow** nos estudos da psicologia. O autor definiu vagamente autoatualização como o uso e a exploração plenos de talentos, capacidades, potencialidades etc.

> Eu penso no homem que se autoatualiza não como um homem comum a quem alguma coisa foi acrescentada, mas sim como o homem comum de quem nada foi tirado. O homem comum é um ser humano completo com poderes e capacidades amortecidos e inibidos (MASLOW, 1970 apud FADIMAN; FRAGER, 2004, p. 392).

Segundo Freire (2007, p. 358):

> Maslow propôs uma teoria da motivação humana com base em uma hierarquia de necessidades. [...] À medida que as necessidades são satisfeitas, emergem necessidades novas e superiores. Além disso, as necessidades dos níveis inferiores da hierarquia trazem uma motivação de deficiência, porque são acionadas por um déficit ou falta na pessoa, enquanto as necessidades nos níveis superiores trazem uma motivação de crescimento, porque fazem a pessoa buscar metas e crescimentos pessoais. Essa progressão é análoga, em muitos aspectos, à progressão do funcionamento oportunista ao funcionamento próprio descrita por Allport.

Pressupostos do pensamento da teoria da autoatualização (MASLOW, 1970 apud FADIMAN; FRAGER, 2004, p. 30, grifo nosso):

> 1. **Autoatualização** significa experienciar de modo pleno, intenso e desinteressado com plena concentração e total absorção;
> 2. Pensando na vida como um processo de escolhas, autoatualização significa **fazer de cada escolha uma opção para o crescimento**;
> 3. Atualizar é **tornar verdadeiro**, existir de fato e não somente em potencial, é aprender a sintonizar-se com sua própria natureza íntima;
> 4. A honestidade e o assumir a **responsabilidade de seus próprios atos são elementos essenciais** na autoatualização, as respostas devem ser procuradas em nós mesmos;
> 5. Aprende-se a **confiar no próprio julgamento e nos próprios instintos** e a agir em termos deles se os quatro primeiros passos acontecerem, ajudando a desenvolver a capacidade de 'melhores escolhas de vida';

> 6. Autoatualização é também um **processo contínuo de desenvolvimento das próprias potencialidades**, isto significa usar as habilidades e inteligência e fazer bem aquilo que se quer fazer;
> 7. As experiências culminantes retratam momentos onde se está mais inteiro, mais integrado e consciente de si mesmo e do mundo, isto **contribui para clarificar o pensamento e a ação**, e;
> 8. Um passo além na autoatualização é reconhecer as próprias defesas e trabalhar para abandoná-las.

A grande contribuição dessa teoria tem sido na descrição da **hierarquia de necessidades**, na qual ele considera a **fome, a sede e o sono como necessidades básicas e fisiológicas**. A privação leva de modo claro a uma consequente doença e a satisfação dessas necessidades é a única cura para a doença. Ele define ainda a neurose e o desajustamento como doenças de carência.

Para saber mais

Hierarquia de Necessidades: conhecida como pirâmide da hierarquia de necessidades de Maslow.

> [Esta teoria aborda o] **crescimento psicológico** em termos de satisfação bem-sucedida de necessidades mais elevadas e satisfatórias. A frustração precoce de uma necessidade pode fixar o indivíduo naquele nível de funcionamento, por exemplo, alguém que quando criança não foi muito popular, pode continuar a se preocupar profundamente com necessidades de autoestima por toda a vida (PERVIN; JOHN, 2004, p. 30, grifo do autor).

A busca de necessidades mais elevadas é, em si, **um índice de saúde psicológica**. **O crescimento ocorre através do trabalho de autoatualização**, que representa um compromisso em longo prazo com o crescimento e desenvolvimento do potencial das pessoas. O trabalho de autoatualização envolve a escolha de problemas criativos e valiosos. Pervin e John (2004, p. 41) identificam "[...] que **indivíduos autoatualizados são atraídos por problemas mais desafiantes e intrigantes**, por questões que exigem os maiores e mais criativos esforços. Estão dispostos a enfrentar a incerteza e a ambiguidade e preferem o desafio a soluções fáceis".

Outra contribuição da teoria de Maslow foi o estudo intensivo de **indivíduos saudáveis, satisfeitos consigo mesmo e autorrealizados**. A partir desse estudo, ele concluiu que essas pessoas tinham as seguintes características:

- Elas aceitam a si mesmas e aos outros pelo que são;
- Podem estar preocupadas consigo mesmas e com as necessidades e os desejos dos outros;
- São capazes de responder à singularidade de pessoas e situações, ao invés de responder de maneira mecânica e estereotipada;

- Elas podem formar relacionamentos íntimos com pelo menos algumas pessoas especiais;
- Podem ser espontâneas e criativas, e;
- Elas podem resistir à conformidade e se afirmar enquanto respondem às exigências da realidade.

Essas pessoas são especiais, e segundo Maslow (1954 apud PERVIN; JOHN, 2004, p. 176) "todos nós temos o potencial de avançar progressivamente na direção dessas qualidades".

Maslow censurava a psicologia por sua "concepção pessimista, negativa e limitada" do ser humano:

> Segundo ele, a psicologia detivera-se mais nas fragilidades do que nas forças humanas, explorava mais minuciosamente os pecados enquanto negligenciara as virtudes. A psicologia vira a vida em termos de um indivíduo tentando desesperadamente evitar a dor em vez de agir ativamente para obter prazer e felicidade. Onde está a psicologia, perguntava Maslow, que leva em conta a alegria, a exuberância, o amor e o bem-estar na mesma extensão em que trata da miséria, do conflito, da vergonha e da hostilidade? A psicologia 'restringiu-se voluntariamente apenas à metade de sua legítima jurisdição, e à pior metade, à metade mais sombria'. Maslow tentou suprir a outra metade do quadro, a metade melhor e mais favorável, e oferecer um retrato da pessoa completa (FREIRE, 2007, p. 356).

2.12 Perspectiva centrada na pessoa: Carl Rogers

A abordagem fenomenológica enfatiza uma compreensão da maneira **como as pessoas experimentam a si mesmas e o mundo ao seu redor**. A teoria centrada na pessoa de Carl Rogers ilustra essa abordagem. Durante sua vida, Rogers tentou integrar o intuitivo e o objetivo, combinando uma sensibilidade às nuanças da experiência com uma apreciação pelos rigores da ciência.

O conceito fundamental para Rogers era o ***SELF*** — a organização de percepções e experiências associadas ao "*self*", ao "mim" ou ao "eu". Importante o conceito de ***self ideal***, ou a autoimagem que a pessoa **mais gostaria de possuir**. Ele enfatiza as qualidades positivas e de autorrealização da pessoa como o motivo humano central. A autorrealização envolve a **abertura contínua** à experiência e a **capacidade de integrar** experiências em um senso de *self* mais amplo e diferenciado (PERVIN; JOHN, 2004).

Para saber mais

Self refere-se ao conceito estrutural fundamental da teoria rogeriana.

Self ideal é o autoconceito que o indivíduo mais gostaria de possuir.

Rogers (apud PERVIN; JOHN, 2004, grifo do autor) também sugeriu que as pessoas funcionam para perceber a autoconsistência e para manter a congruência entre percepções do *self* e a experiência. Contudo, as **experiências que são percebidas como ameaçadoras** ao autoconceito podem, através de processos defensivos como a distorção e a negação, ser impedidos de chegar à consciência. Uma variedade de estudos sustenta a visão de que as pessoas irão se comportar de maneira que mantenham e confirmem a percepção que possuem de si mesmas. **As pessoas têm uma necessidade de aceitação** e em condições de **aceitação incondicional**, adultos e crianças são capazes de **crescer dentro de um estado de congruência e de se autorrealizar**. Por outro lado, as pessoas podem impedir o acesso de certas experiências à consciência e limitar o seu potencial para a autorrealização (PERVIN; JOHN, 2004).

Enquanto **Freud** dava grande ênfase às pulsões, para **Rogers** não havia motivação, no sentido da pulsão em si, ao invés disso, a tendência básica das pessoas é rumo à autorrealização: "[...] o organismo possui uma **tendência e empenho** básico — **realizar, manter e promover** o organismo que se encontra em processo de vivência" (ROGERS, 1951 apud PERVIN; JOHN, 2004, p. 152, grifo nosso).

Rogers decidiu postular uma única motivação para a vida e permanecer próximo a essa ideia, em vez de ficar preso a conceitualizações abstratas de muitos motivos.

Em um trecho poético, ele descreve a vida como um processo ativo, comparando-a com o tronco de uma árvore na beira do oceano, permanecendo ereta, firme e resiliente, mantendo-se e evoluindo no processo de crescimento:

> Aqui, nessa planta marinha, está a tenacidade da vida, a força da vida, a capacidade de abrir caminho em um ambiente incrivelmente hostil, e não apenas de se sustentar, mas de adaptar-se, desenvolver-se, vir a ser ela própria (ROGERS, 1963 apud PERVIN; JOHN, 2004, p. 152).

O conceito de **autorrealização** envolve a tendência de um organismo de crescer a partir de uma entidade simples até uma entidade complexa, de **dirigir-se da dependência para a independência**, da fixidez e rigidez para um processo de mudança e liberdade de expressão. O conceito inclui a tendência de cada pessoa em reduzir as necessidades ou a tensão, mas enfatiza os prazeres e as satisfações que derivam de atividades que melhorem o organismo (PERVIN; JOHN, 2004).

Contudo, das diferentes concepções e teorias da personalidade todas buscam uma melhor compreensão do ser humano, do indivíduo nas suas relações sociais,

na construção de sua história individual e coletiva, apontando similaridades quanto às necessidades de motivação ou autorrealização, mas sempre na direção de evitar o sofrimento e atingir a satisfação, seja na vida pessoal ou profissional.

Portanto, conhecer um pouco da formação e do desenvolvimento da personalidade contribui com a possibilidade de uma melhor compreensão do ser humano, das suas reações, dos seus motivos e desejos, principalmente para aqueles que, no seu cotidiano de trabalho, interagem e são gestores de pessoas nas organizações. Esse é um desafio constante. A busca pela melhor compreensão do ser humano é um aprendizado contínuo e inacabado.

2.13 Psicologia contemporânea

Seguindo a linha teórica do behaviorismo, nasceram as teorias do behaviorismo radical (B. F. Skinner) como também do behaviorismo cognitivista (A. Bandura). Teóricos como K. Hawton e A. Beck representam as teorias contemporâneas.

A teoria da *Gestalt* seguiu pelo campo da fenomenologia, como tradição filosófica que a fundamenta. Esta busca compreender o ser humano no mundo e, de certa forma, associou-se ao campo da psicologia existencialista.

Atualmente, essa linha teórica da psicologia discute as bases da consciência através dos pressupostos de **Jean Paul Sartre** e **Pearls** com a *Gestalt* Terapia.

Da teoria psicanalítica surgiram inúmeras abordagens, como a Psicologia Analítica, de **Carl G. Jung e a reichiana, com W. Reich**. Dissidências que construíram suas próprias bases de conhecimento, como a psicanálise kleiniana, com **Melanie Klein**, e lacaniana, com **Lacan**, que deram continuidade à teoria freudiana. De acordo com Hall e Lyndzey (2000, p. 155, grifo do autor):

> Após a morte de Freud em 1939, seus seguidores se defrontaram com a difícil tarefa de decidir o que fazer com relação ao futuro desenvolvimento da teoria psicanalítica. O curso escolhido foi amplificar aspectos do sistema de Freud, tornar mais explícitos alguns de seus postulados, esclarecer as definições de alguns dos conceitos básicos, ampliar a variedade de fenômenos explicados pela psicanálise e empregar métodos observacionais diferentes da entrevista psicanalítica para validar proposições derivadas da teoria freudiana. [...]

O principal foco deste capítulo serão os textos de Erick Erickson. Ele, provavelmente mais do que qualquer outra figura contemporânea, exemplifica como a psicanálise clássica foi elaborada, ampliada e aplicada. Seus extensos textos também oferecem uma ponte entre a psicologia e a psicanálise.

2.14 O papel das emoções

As emoções que fundamentam as relações e interações sociais. O ser humano normalmente é definido como um animal racional, mas não se pode negar a grande influência que os aspectos emocionais desempenham em sua vida.

As sensações físicas, tanto prazerosas como desprazerosas, ao serem sentidas transformam-se em percepções, e essas percepções ao expressarem-se por meio de manifestações de contentamento ou de descontentamento, transformam-se em emoções e estas em afeto e, por fim, o afeto vai culminar na razão.

Além de estabelecer laços entre pessoas e os demais, inserindo-as no contexto social, as emoções impelem o indivíduo à ação, ao movimento, funcionando como motor e, também, como organizador do comportamento humano.

As emoções determinam o nosso foco de interesse e a direção de nossas ações. Já a inteligência é a atenção que a pessoa dirige para os componentes do mundo à sua volta, com o intuito de tentar compreender como as coisas funcionam para se adaptar a elas.

A razão está a serviço da emoção. É a inter-relação recíproca dessas duas instâncias, que se dá a formação e o desenvolvimento da personalidade.

> As emoções não desenvolvidas e sentidas no decorrer da vida encontram vazão e expressão numa combinação arbitrária de elementos da realidade, e antes de tudo na arte. Vale lembrar que arte não dá simplesmente vazão e expressão a esta ou aquela emoção, mas sempre resolve e libera o psiquismo de sua influência sombria (VYGOTSKY, 1988, p. 360).

Evidencia-se, então, que a personalidade e o desenvolvimento humano sofrem indiscutivelmente fortes influências genéticas moldadas ao longo da vida, dependendo das relações interpessoais e dos ambientes nos quais são inseridos.

O papel das emoções na vida humana é ligar e aproximar as pessoas, pois fundamentam as relações e interações sociais, graças às características que são o ponto de partida para a formação da personalidade.

Para saber mais

As emoções são explicadas pela psicologia como afetos e reações fora de ordem que se apresentam em nós quando em nosso ambiente ocorre alguma transformação radical e repentina à qual não podemos nos adaptar imediatamente. Exemplo de emoções: medo, cólera, alegria e tristeza.

Questões para reflexão

Cite algumas emoções que você identifica em seu dia a dia.

Para concluir o estudo da unidade

Concluímos mais uma unidade. Explanamos algumas teorias da personalidade — o behaviorismo, a *Gestalt*, a psicanálise, a autoatualização de Maslow e a teoria centrada na pessoa de Rogers, apontando particularidades e objetivos centrais de cada teoria. Ao final da unidade, exploramos o conceito das emoções para a psicologia. Agora você terá a oportunidade de fixar seu aprendizado através dos exercícios disponíveis. Aproveite para retomar as leituras, caso necessite aprofundar seu conhecimento! Desejo um bom trabalho.

Resumo

Na Unidade 3 conhecemos as várias teorias da personalidade, com destaque para o behaviorismo, a *Gestalt*, a psicanálise, a autoatualização de Maslow e a teoria centrada na pessoa de Rogers, apontando particularidades e conceitos centrais de cada teoria. A partir desse momento, verifique o conhecimento adquirido realizando as atividades propostas a seguir.

Atividades de aprendizagem

1. Faça uma análise crítica sobre a teoria behaviorista.
2. Pesquise a respeito das teorias da personalidade, buscando conhecer uma teoria que não foi trabalhada nessa unidade.
3. Aponte o objeto de estudo da teoria psicanalítica.
4. O que mais lhe chamou a atenção na teoria de Maslow?

Leia o trecho abaixo e responda à questão.

> Podemos afirmar que os seres humanos são essencialmente iguais e funcionalmente diferentes, ou seja, podemos nos considerar iguais uns aos outros quanto à nossa essência humana (ontologicamente), entretanto, funcionamos diferentemente uns dos outros. Todas as tendências ideológicas que enfatizam a igualdade dos seres humanos, num total descaso para com as diferenças funcionais, ecoam aos ouvidos despreparados com eloquente beleza

> retórica, romântica, ética e moral, porém, falsas. As teorias sobre igualdade plena entre seres humanos, sem que se reconheçam as diferenças funcionais sucumbem diante de incontáveis evidências em contrário: não resistem à constatação das flagrantes e involuntárias diferenças entre os indivíduos, bem como não explicam a indomável característica humana que é a perene vocação das pessoas em querer destacarem-se dos demais (TEORIA..., 2005, p. 1).

5. Com base no texto, assinale a alternativa correta:

a) Quando se fala em essência humana, quer dizer temperamento, personalidade e características pessoais;

b) As pessoas somente se diferenciam umas das outras devido aos fatores culturais e familiares;

c) Os seres humanos são, incontestavelmente, iguais.

d) Os seres humanos são considerados iguais na essência humana, mas funcionalmente diferentes;

e) Todas as alternativas estão corretas.

Unidade 4

A psicanálise

Objetivos de aprendizagem: Na Unidade 4, você encontrará definições e explicações sobre o funcionamento da teoria psicanalítica. Abordaremos a construção psíquica do indivíduo e as etapas do desenvolvimento humano segundo a psicanálise. Ao final da unidade, você terá a oportunidade de validar seu aprendizado através dos exercícios disponíveis. Aprofunde seu conhecimento acessando os links sugeridos!

- **Seção 1:** **A psicanálise**

  Nesta seção abordaremos o processo de construção da teoria psicanalítica. Serão trabalhados os seguintes itens:

  1.1 O método investigativo

- **Seção 2:** **A descoberta do inconsciente**

  Nesta seção poderemos observar a descoberta do inconsciente e o estabelecimento da estruturação psíquica. Serão abordados os seguintes itens:

  2.1 Algumas considerações sobre o inconsciente

  2.2 A descoberta da sexualidade infantil

  2.3 Primeiro aparelho de funcionamento psíquico: funcionamento da psique segundo Freud

  2.4 A segunda teoria do aparelho psíquico: modelo diâmico

Seção 3: **As fases do desenvolvimento segundo a psicanálise**

Nesta seção poderemos observar as fases de desenvolvimento da psicanálise da fase oral até a genital- fase adulta. Serão abordados os seguintes itens: as fases do desenvolvimento segundo a psicanálise, complexo de édipo, latência, fase genital, psicanálise: aplicações e contribuições sociais.

3.1 Fase oral

3.2 Fase anal

3.3 Fase fálica

3.4 O complexo de Édipo

3.5 Período de latência

3.6 Fase genital

Seção 4: **Psicanálise: aplicações e contribuições sociais**

Nesta seção iremos abordar as características da psicanálise e suas contribuições sociais. Como pudemos observar nas demais seções, os conteúdos sem elaboração e inconscientes definem em grande parte a conduta do indivíduo e dos grupos na sociedade, ou seja, o sentido das coisas humanas. Fazem parte os seguintes itens desta seção:

4.1 A finalidade do trabalho psicanalítico

4.2 Uso prático da psicanálise

Introdução ao estudo

Sobre as diferenças da psicologia e da psicanálise, Hall e Lyndzey (2000, p. 160) nos fornecem o caminho percorrido pelas mesmas:

> A psicanálise e a psicologia tiveram um *background* comum na ciência do século XIX, mas permaneceram independentes por muitos anos em virtude de seus interesses diferentes. Em seus primeiros anos, a psicologia estava preocupada em investigar os elementos e os processos da consciência. A sensação, a percepção, a memória e o pensamento eram os tópicos que mais a interessavam. A psicanálise, por outro lado, era uma psicologia do inconsciente; seus interesses estavam nas áreas de motivação, emoção, conflito, sintomas neuróticos, sonhos e traços de caráter. Além disso, a ciência da psicologia cresceu em um ambiente acadêmico e de laboratório, enquanto a psicanálise cresceu em um ambiente clínico. Portanto, os representantes das duas disciplinas tiveram pouco contato uns com os outros.

Gradualmente, a lacuna entre as duas disciplinas começou a diminuir e, após a Segunda Guerra Mundial:

> [...] a interpenetração da psicologia e da psicanálise cresceu em um ritmo acelerado. Shakow e Rappaport (1964) e Hall e Lyndzey (1968) discutiram as razões da aproximação entre elas. Por um lado, a psicanálise, que Freud sempre considerou um ramo da psicologia, passou a interessar-se mais pelo comportamento 'normal', culminando na criação de uma psicologia do ego. A extensão em que progrediu a 'psicologização' da psicanálise é indicada pelo título do livro de ensaios em homenagem ao pai da psicologia do ego, Heinz Hartmann: **Psicanálise**: uma psicologia geral. Rotular a psicanálise de 'uma psicologia geral' vai além da afirmação de Freud de que ela era uma parte, mas não o todo da psicologia (HALL; LYNDZEY, 2000, p. 160, grifo do autor).

A psicanálise teve como fundador Sigmund Freud. Vamos conhecer um pouco a seu respeito:

> O teórico Sigmund Freud (1856-1939) considerado o pai da psicanálise foi um médico vienense que modificou radicalmente a forma como se analisava a vida psíquica dos indivíduos. O teórico Freud investigou processos de um psiquismo, onde se encontravam 'regiões obscuras' até então não estudadas, como as fantasias, sonhos, esquecimentos, o mundo interior do homem, como problemas científicos. A partir da investigação sistemática desses problemas Freud cria a **psicanálise**. Freud publicou uma extensa obra, durante toda a sua vida, divulgando suas descobertas e formulando leis gerais sobre a estrutura e o funcionamento da psique humana (FREIRE, 2007, p. 45, grifo do autor).

Para saber mais

Você sabia que antes de Sigmund Freud (1856-1939), pensava-se que tínhamos a grande capacidade de perceber tudo que ocorria em nossa mente? Com as descobertas de Freud soube-se que uma parte de nossas vontades e ações tem motivos inconscientes.

Sobre as obras de Freud, destaca-se: **Estudo sobre a histeria**; **A interpretação dos sonhos**; **O ego e o id** e **O mal estar da civilização**.

Freud concluiu o curso de medicina na Universidade de Viena, no ano de 1881 e optou pela especialização em psiquiatria. Na época de sua residência, percebeu que muitas das causas dos sintomas dos pacientes eram comandados por forças psíquicas. Na época todos os comportamentos que não eram explicados por causas orgânicas eram avaliados pelas equipes médicas como fingimento do paciente. Freud não aceitava aquela explicação tão simplista e iniciou os seus estudos.

De acordo com Brenner (1987, p. 17):

> A psicanálise é uma disciplina científica instituída por Sigmund Freud há cerca de sessenta anos. Como qualquer outra doutrina científica, deu origem a certas teorias que se derivam de seus dados de observação e que procuram ordenar e explicar esses dados. Aquilo que chamamos de teoria psicanalítica é, portanto, um corpo de hipóteses a respeito do funcionamento e do desenvolvimento da mente no homem. É uma parte da psicologia geral e compreende aquelas que são, sem dúvida, as mais importantes contribuições que se realizaram até em reação à psicologia humana.

O jovem Freud chega a conclusões em seus estudos de que o ser humano possui regiões obscuras, sem acesso à consciência e que hipoteticamente se localizam no cérebro. Boa parte de sua teoria foi fundamentada em experiências pessoais, com destaque para a teoria da interpretação dos sonhos, psicopatologia da vida cotidiana, dentre outras. Essas conclusões foram também obtidas nos atendimentos realizados aos seus pacientes.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 70, grifo do autor):

> O termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria, a um método de investigação e a uma prática profissional. Enquanto **teoria** caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica. A psicanálise, enquanto método de investigação, caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos.

A psicanálise enquanto prática profissional refere-se à forma como se desenvolve o tratamento, a análise do indivíduo, a busca do autoconhecimento ou/e de sua cura.

Para Brenner (1987, p. 17):

> É importante compreender que a teoria psicanalítica se interessa tanto pelo funcionamento mental normal como pelo patológico. De forma alguma, constitui apenas uma teoria de psicopatologia. É verdade que a prática da psicanálise consiste no tratamento de pessoas que se acham mentalmente enfermas ou perturbadas, mas as teorias psicanalíticas se referem tanto ao normal quanto ao anormal, ainda que se tenham derivado essencialmente do estudo e do tratamento da anormalidade.

A psicanálise como pressuposto teórico é utilizada como base para psicoterapias, aconselhamento e orientação psicológica, sendo aplicada em trabalhos com o indivíduo, em grupos ou instituições. Podendo auxiliar na compreensão de fenômenos sociais e de sofrimentos psíquicos desencadeados pelo mundo contemporâneo.

Seção 1 A psicanálise

1.1 O método investigativo

Freud descobre que o médico Jean Charcot, um psiquiatra francês que trabalhava com mulheres histéricas através do **método hipnótico** para a eliminação do sintoma dos distúrbios nervosos, utilizava-se da sugestão hipnótica por intermédio do método catártico.

O método catártico possibilitava a liberação de afetos e aspectos emocionais vinculados a acontecimentos traumáticos que não tiveram oportunidade de ser expressos na ocasião em que ocorreram. Com este "[...] método conseguia-se a liberação de afetos que levava à eliminação dos sintomas" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 72).

Desde o início de sua prática médica, Freud usara a hipnose não apenas com o objetivo da sugestão, mas também para identificar o histórico da origem dos sintomas do comportamento humano.

Para saber mais

O método hipnótico foi utilizadono passado pelo médico Charcotpara fazer com que seus pacientes narrassem fatos de seu passado. A hipnose é um estado semelhante a um transe, no qual o paciente age por sugestão externa. Na época se compreendia que o conhecimento de certos episódios emocionais da infância dos indivíduos ajudaria o médico a descobrir as causas de suas doenças psíquicas.

Já em Viena, continuou os seus estudos com o médico Josef Breuer — o caso clássico desse período foi o de Anna Ó, uma paciente que apresentava um conjunto de sintomas, como paralisia e deficiência de pensamento, que sob hipnose relatava a origem de cada um deles. Freud descobriu que as causas de seus sintomas estavam ligadas a vivências anteriores.

Freud deixou de aplicar o método catártico — a hipnose, pois percebeu que não eram todos os seus pacientes que se prestavam a ser hipnotizados. A partir daí, Freud

elaborou outra técnica, a técnica de "concentração", na qual percebeu que a rememoração sistemática poderia ser empregada através de uma conversação simples. Aos poucos ele foi abandonando as perguntas dirigidas e permitiu a "fala desordenada" de seus pacientes.

> A psicanálise, que se inicia com a hipnose, vai, aos poucos, buscando outra metodologia. Freud abandona a hipnose por ser um método que se baseia na sugestão. Prefere o método da conversação, pois acha que o sujeito não precisa da hipnose para se lembrar dos traumas que ficaram esquecidos. Com um pouco de esforço, essas lembranças seriam revividas (catarse). Assim, se inicia um método verdadeiramente psicológico — o da conversação, com interpretação do psicanalista. A partir daí, Freud evolui e chega à livre associação. Com ela, o paciente fala espontaneamente de todas as lembranças, quaisquer que sejam, incluindo sonhos, recalques, desejos reprimidos, etc., fontes ou causas das neuroses (FREIRE, 2007, p. 122).

Freud inicia a técnica da livre associação, a qual permitia o paciente falar livremente. Por intermédio da leitura da fala desordenada do paciente, Freud tinha acesso ao conteúdo inconsciente.

De acordo com Hall e Lindzey (1984, p. 45):

> No método da Associação Livre, solicita-se ao paciente que relate tudo quanto lhe venha à mente, mesmo aquilo que lhe pareça ridículo ou impróprio. Contrariamente ao método catártico, o da Associação Livre não para na origem dos sintomas; ele permite — exige na verdade — que o paciente fale sobre tudo o que lhe ocorre, sem restrição e sem preocupação de fazer uma exposição lógica, organizada e significativa.

Para Hall e Lindzey (1984, p. 45):

> Após breve tentativa no uso do método da hipnose (18887- 1889) em voga especialmente na França, Freud ouviu falar do novo método usado com sucesso por seu amigo e colega Dr. Breuer no caso de um tratamento de histeria. Esse método, que Breuer chamou de catarse ou cura 'pela fala', consistia em o paciente relatar os pormenores do primeiro aparecimento do sintoma, após o que o sintoma desaparecia. A partir desse método Freud desenvolveu seu método da Associação Livre, que Ernest Jones considerou ser 'uma das duas maiores contribuições científicas de Freud'. A outra foi a sua autoanálise.

Vamos procurar compreender alguns **conceitos** (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000):

- Freud inicialmente entendia que todas as cenas relatadas pelos pacientes tinham de fato ocorrido. Posteriormente, descobriu que poderiam ter sido imaginadas da mesma forma que a realidade;
- Funcionamento psíquico é concebido a partir de três pontos de vista: econômico, quantidade de energia, tópico e lugar psíquico e o dinâmico (existem forças que entram em conflito e estão permanentemente ativas). A origem dessas forças é a pulsão;

- Pulsão é um estado de tensão que busca, através de um objeto, a desaparecimento deste estado. Destacam-se a pulsão de vida: pulsões sexuais e as de autoconservação (ex: fome), e a pulsão de morte: comportamentos agressivos, autodestrutivos;
- Ao longo da trajetória de Freud, houve cisões teóricas, das quais destacamos Jung e Lacan.

Seção 2 A descoberta do inconsciente

Freud se perguntava: qual poderia ser a causa dos pacientes esquecerem uma grande quantidade de situações presentes em sua vida interior? (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000).

Para Freud, o esquecido estava muitas vezes relacionado a algo penoso para a pessoa e era exatamente por isso que a mesma havia esquecido. Entretanto, o conteúdo penoso não condiz consequentemente com algo ruim, mas podia ser algo bom, um desejo.

Em suas análises, Freud detectou que as pessoas possuíam uma instância psíquica que denominou **inconsciente**. Uma instância psíquica que opera na mente das pessoas, um lugar **hipotético**, apenas por necessidade teórica na qual continham conteúdo reprimido que acabavam comandando as ações dos indivíduos.

Esse conteúdo acaba sendo encaminhado para o inconsciente porque, para Freud, o princípio básico do funcionamento mental é evitar o desprazer. "Se sinto ódio pela minha mãe, começo a me sentir culpado" porque no processo de socialização do indivíduo são transmitidos valores e normas sociais que não permitem determinadas ações e pensamentos. Certos desejos ferem à consciência, há uma censura interna que lhes proíbe o acesso à consciência. Esse processo faz com que eu reprima ideias que não são permitidas socialmente.

Porém, o conteúdo reprimido pressiona o consciente para que este realize seus desejos. O consciente acaba buscando válvulas de escape para a manifestação do desejo, que é por intermédio dos sonhos, dos atos falhos, dos sintomas neuróticos.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Hall e Lindzey (1984, p. 46) complementam:

> A análise dos sonhos não é um método separado da Associação Livre: é uma consequência natural da instrução que se dá ao paciente, no sentido de relatar tudo o que lhe vier à mente. Os primeiros pacientes de Freud espontaneamente lembravam seus sonhos e procediam a associações livres a eles relacionadas constituíam ricas fontes de informação sobre a personalidade. Como resultado dessa descoberta, testada em seus próprios sonhos, Freud formulou a famosa teoria segundo a qual o sonho é uma expressão dos conteúdos de modos de funcionar mais primitivos da mente humana.

Ou seja, são formas de o reprimido explanar ideias inconscientes, ou seja, a manifestação do inconsciente.

Freud denominou termos como resistência e repressão como mecanismo de defesa psíquica do indivíduo. O termo resistência foi definido como uma força psíquica que se opõe a tornar consciente, a revelar um pensamento presente em nossa inconsciência.

> É repressão o processo psíquico que visa encobrir, fazer desaparecer da consciência, uma ideia ou representação insuportável e

> dolorosa que está na origem do sintoma. Para Freud, estes conteúdos psíquicos 'localizam-se' no inconsciente (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000, p. 34).

Como foi abordado anteriormente, Freud abandonou as perguntas dirigidas no trabalho terapêutico com os pacientes e os deixou com liberdade de direcionamento de suas ideias, definindo esta técnica como **Associação Livre**.

Para saber mais

Associação Livre: sobre o trabalho analítico, assista ao filme **Voltando a Viver** (2002), que retrata esse processo de imersão do indivíduo ao seu inconsciente.

2.1 Algumas considerações sobre o inconsciente

Os comportamentos são motivados tanto pelo consciente quanto pelo inconsciente.

- Os sonhos, atos falhos e associação livre são tentativas de realização do desejo inconsciente;
- O inconsciente tem regras e uma lógica própria. Lógica essa que opera sem termos conhecimento enquanto está operando. Não adianta dizer à psique: "quero ser feliz agora!";
- O inconsciente não é um sistema de explicação para o inexplicável.

2.2 A descoberta da sexualidade infantil

Freud foi corajoso ao investigar o processo de desenvolvimento psicossexual dos indivíduos, na qual descobriu a sexualidade infantil. Percebeu que nos primeiros tempos de vida do ser humano, a função sexual está ligada à sobrevivência, e, portanto, o prazer é identificado no próprio corpo. Um corpo erotizado, que possui excitações sexuais localizadas e que sofre por um processo de desenvolvimento progressivo, nomeado por Freud como fases do desenvolvimento: oral, anal, fálica, latência e genital.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 75, grifo do autor) "no decorrer dessas fases, vários processos e ocorrências sucedem-se. Desses eventos, destaca-se o **complexo de Édipo**, pois é em torno dele que ocorre a estruturação da personalidade do indivíduo".

Agora passaremos a compreender como é processada a estruturação do aparelho psíquico. Didaticamente, conforme a teoria psicanalítica, o aparelho psíquico pode ser compreendido por intermédio do modelo topológico (primeiro aparelho) e do modelo dinâmico (segundo aparelho).

2.3 Primeiro aparelho psíquico: funcionamento da psique segundo Freud

No artigo "A interpretação dos sonhos", escrito em 1900, Freud revela a primeira concepção estrutural e funcional da personalidade. Freud compreende a psique humana por intermédio de três estruturas psíquicas: consciente, pré-consciente e inconsciente (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000).

Freire (2007, p. 124) complementa:

> O que quer dizer que a vida psíquica tem graus de consciência. Freud distinguiu três graus: o inconsciente — como a própria palavra indica, contém os fenômenos dos quais não se tem nenhum conhecimento no momento, mas são passíveis de ser atingidos, revividos e analisados; e o subconsciente, que se situa entre o consciente e o inconsciente, e contém fatos ora mais próximos, ora mais distantes da consciência. Existem, pois, no psiquismo humano, níveis ou graus de consciência: o conscientes, pré-consciente ou subconsciente e o inconsciente.

Freud compreende esses três sistemas — tópico (lugar) como uma lógica operante da nossa mente. Vamos à descrição de funcionamento dessas três instâncias:

"**Inconsciente**: conteúdos não presentes no campo atual da consciência. É constituído por conteúdos reprimidos que não têm acesso aos sistemas pré-consciente e consciente pela ação de censura" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000, p. 55, grifo nosso).

Pela culpa e vergonha deixamos esses conteúdos reprimidos. Ele é atemporal (não há noção de passado e presente). O inconsciente é uma lógica de concepção que desconhecemos enquanto ele opera. Essas ideias não ficam inertes. Assim, o inconsciente, mesmo que não expresso pelas ideias conscientes, determina sua forma de distribuição e concentração.

> Para Freud, o inconsciente é o responsável por certas formas de conduta inexplicáveis, pois é o depositário de toda a experiência desagradável, reclamada pelo indivíduo e condenada ao esquecimento. De fato, essas lembranças não morrem, elas continuam, aparentemente esquecidas, atuando e perturbando o psiquismo e produzindo, assim, um comportamento neurótico. Daí, a importância no tratamento preconizado por ele, de se chegar ao inconsciente e se atingir as causas desse comportamento, a fim de se eliminar os efeitos (FREIRE, 2007, p. 124).

Pré-consciente: entre o consciente e o inconsciente existe o sistema pré-consciente. Lugar teórico em que estariam as ideias que não sendo conscientes podem vir a sê-lo, basta que o indivíduo se interesse por elas. Ideias esquecidas. Trata-se de algo que pode não estar presente na consciência neste instante, mas no seguinte pode estar. Refere-se a um sistema em que permanecem aqueles conteúdos que podem ser acionados pela consciência.

Consciente: sistema que recebe a informação do mundo exterior e interior. Destaca-se o fenômeno de percepção, atenção e raciocínio. O consciente é a percepção

que temos do mundo, as lembranças, sonhos, memória. As ideias inconscientes são capazes de gerar desprazer ou dor psíquica, e por isso são impedidas de vir à luz da consciência. A consciência toma em conta a realidade consensual, ou seja, o consciente trabalha só de acordo com princípios do prazer-desprazer: como uma espécie de máquina de reduzir tensões psíquicas — excessos de tensão são experimentados como desprazer.

Para a psicanálise, alguns conteúdos emocionais sofridos pelo indivíduo não são percebidos pela sua consciência. Eles passariam direto para o inconsciente, lá permanecendo enquistados e sem elaboração. Para Freud, existe uma força que ele nomeou como resistência, que mantém este conteúdo em nível inconsciente. A **repressão** fica demonstrada como consequência lógica da resistência. Diante da perspectiva de um forte sentimento de dor, acontecimentos são reprimidos e fogem à percepção do consciente. Mas a repressão não os elimina. O conteúdo acaba se ligando a outro elemento, formando o sintoma psíquico. Por exemplo: numa pessoa com mania de limpeza, o sintoma é expresso pela obsessão em limpar a casa o tempo todo, porém, o que a motiva a limpar, pode estar sendo motivado por um conteúdo inconsciente.

De acordo com Brenner (1987, p. 94, grifo do autor):

> O **mecanismo** que foi primeiro reconhecido e que tem sido mais extensamente comentado pela literatura psicanalítica é o que designamos como **repressão** (Freud, 1915 b). A repressão consiste em uma atividade do ego que barra da consciência o impulso indesejável do id ou qualquer de seus derivados, sejam eles recordações, emoções, desejos ou fantasias de realização de desejos. No que diz respeito à vida consciente do indivíduo, são todos como se não existissem. Uma lembrança reprimida é uma lembrança esquecida do ponto de vista subjetivo do indivíduo em que deu a repressão. Na verdade, podemos observar, de esquecimento além da repressão.

O conteúdo reprimido tentará constantemente ocupar a consciência. A resistência o impedirá, mas, como consequência da luta, se tem a formação dos sintomas neuróticos. Freud entendia que quando havia recordação consciente do trauma com a correspondente descarga de emoções reprimidas, os sintomas desapareciam.

Para Hall e Lindzey (1984, p. 46):

> Essas recordações permitiam que Freud tivesse seu primeiro *insight* verdadeiro sobre a formação da personalidade e sua posterior evolução. Esse método de reconstruir o passado através de verbalizações pode ser constatado com o método de acompanhar o crescimento da personalidade desde a infância até a maturidade.

A descoberta da resistência e repressão marca também a introdução do conceito de mecanismo de defesa.

2.3.1 Mecanismos de defesa

Os mecanismos de defesa são os diversos tipos de processos psíquicos, "[...] cuja finalidade consiste em afastar um evento gerador de angústia da percepção consciente.

Os mecanismos de defesa são funções do ego e, por definição, inconscientes" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000, p. 28). O ego localiza-se de modo distribuído, parte no consciente e parte no inconsciente. Ele retira conteúdos indesejáveis da consciência como forma de proteger o aparelho psíquico. O ego constitui-se em uma instância em prol da realidade externa e age como alicerce aos processos de defesa interna do indivíduo.

Além da resistência e da repressão trabalhados anteriormente, podemos destacar:

Identificação: caracteriza-se pela internalização das características de alguém valorizado, passando a sentir-se como ele. A identificação é um processo importante no início da vida. Ao longo de nossa vida sempre estamos nos identificando com pessoas que são relevantes no contexto em que estamos inseridos, seja aquela professora que despertava admiração, a figura do próprio pai ou da mãe, e assim por diante.

Regressão: a regressão é definida como um retorno a níveis anteriores de desenvolvimento, que em geral se caracterizam por respostas menos maduras, frente a uma frustração evolutiva (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000). Um exemplo em que podemos ilustrar esse mecanismo é na situação em que a família decide ter outro filho. Com a chegada do bebê, os outros filhos podem apresentar comportamento regressivo, como voltar a fazer "xixi" na cama, ou chupar o dedo, situação que já havia sido superada.

Isolamento: este mecanismo se caracteriza em isolar um pensamento, atitudes ou comportamentos, das conexões que teriam com o resto da elaboração mental. Este comportamento isoladamente não gera ameaça porque está separado e não mais vinculado a desejos iniciais (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000).

Sublimação: é considerado o mecanismo de defesa mais evoluído, fazendo parte da característica do indivíduo normal. A energia é canalizada para atividades intelectuais, como a escola, as artes, o trabalho, ou seja, tudo que possa trazer para o indivíduo uma satisfação e uma realização pessoal.

Projeção: considerado um dos mecanismos de defesa mais primitivos. Na projeção, o que é interno e **inaceitável é projetado** para fora e considerado externo. Exemplo: em vez de reconhecer a sua hostilidade, o indivíduo considera os outros hostis. A maioria de nós age dessa forma eventualmente. Existem evidências empíricas de que muitas pessoas que **negam traços desfavoráveis em si mesmas projetam esses traços nos outros**. Quando esse padrão se desenvolve e se torna extremo, os indivíduos podem projetar todos os seus sentimentos inaceitáveis nos outros, que são considerados maus, enquanto os indivíduos se consideram como virtuosos e bons (PERVIN; JOHN, 2004).

Para o teórico Brenner (1987, p. 105, grifo do autor):

> A **projeção**, portanto, é um mecanismo de defesa que, normalmente, desempenha seu principal papel nos primórdios da vida. A criança muito pequena, naturalmente, atribui a outros, quer sejam pessoas, animais, ou mesmo objetos inanimados, os sentimentos e reações que ela própria experimenta, mesmo quando não está

> empenhada em uma luta defensiva contra seus próprios sentimentos e desejos, e a tendência a repudiar impulsos, ou comportamentos indesejáveis, os atribuindo a outros, é claramente evidente nos primeiros anos de vida.

Negação: pode ser a negação da realidade. O ato de **negar a realidade** é comum quando as pessoas tentam **evitar reconhecer o grau de uma dada ameaça**. Uma situação que pode caracterizar a negação é quando as pessoas dizem ou supõem que "isso não está acontecendo comigo", apesar de evidências claras do perigo iminente.

Para Brenner (1987, p. 103, grifo do autor):

> Outro importante **mecanismo de defesa** é o da negação. Anna Freud (1936) empregou esta palavra para se referir à negação de uma parte da realidade externa desagradável ou indesejável, quer por meio de uma fantasia de satisfação de desejos, quer pelo comportamento. Por exemplo, um menino pequeno que tinha medo do pai poderia se gabar de ser ele próprio o homem mais forte do mundo e que acabava de ganhar o campeonato mundial dos pesos-pesados e poderia andar pela casa usando uma faixa simbólica de seu campeonato. [...] Esses fatos da realidade são rejeitados e substituídos por uma fantasia e um comportamento que gratificam o desejo do menino de ser fisicamente superior ao pai.

Recalque: a pessoa "não vê", "não ouve" o que acontece. Ela suprime uma parte da realidade e o resultado disso é a distorção do fato, da situação e da própria realidade. Um exemplo é quando alguém está dizendo algo e quem estaria "escutando" apaga ou realmente "não ouve" uma parte do que foi dito, e aquilo fica sem sentido, incompleto. Ao eliminar a percepção do que está ocorrendo, o recalque trata-se do mais radical entre os mecanismos de defesa.

Racionalização: ocorre quando o indivíduo constrói argumentos com base intelectual convincente e aceitável, buscando justificar os desvios da consciência, ou seja, uma defesa que justifique as outras racionalmente. Desta forma, nesse mecanismo de defesa, o **ego** coloca a razão a serviço do irracional e utiliza o material fornecido pela cultura ou pelo saber científico.

Segundo **Freud,** há dois modos de diminuir a ansiedade: o primeiro é identificado como um enfrentamento, o indivíduo passa a lidar diretamente com a situação. Desta forma, **resolveria** seus problemas, superaria os obstáculos, **enfrentaria** ou fugiria das ameaças, e talvez chegasse ao ponto de minimizar o impacto desses problemas. Luta-se para **eliminar as dificuldades** e **diminuir probabilidades** de sua repetição, reduzindo, assim, possíveis perspectivas de ansiedade para o futuro.

Outro formato de ação na **defesa contra a ansiedade** ocorre quando o Ego protege a personalidade contra a ameaça, utilizando os **Mecanismos de Defesa** que foram apresentados.

2.4 A segunda teoria do aparelho psíquico: modelo dinâmico

2.4.1 Id, ego e superego

Durante a construção de sua teoria, Freud chega ao conceito tópico de consciente e inconsciente e cede lugar a três constructos psicanalíticos que constituirão o modelo dinâmico da estruturação da personalidade: id, ego e superego, que se referem às instâncias psicodinâmicas (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Elas podem ser assim compreendidas:

a) **O Id**: de onde provêm os impulsos, conteúdos que nunca chegaram à consciência ou aqueles reprimidos. O id é constituído pelo conjunto dos impulsos instintivos, inatos, que impulsionam o relacionamento do indivíduo com o mundo. Ao nascer, o indivíduo é puro id — aos poucos, vai havendo uma organização sexual da periferia do id, formando o ego. O id supre energia libidinal, que o ego, autorizado pelo superego transforma em pensamentos conscientes, projetos, ações a serviço dos fins instintivos de maneira adequada à realidade. O organismo desde o momento do nascimento "[...] é uma fonte de energia que se mobiliza em direção ao mundo, buscando a satisfação do que necessita para seu desenvolvimento. Funciona pelo princípio do prazer" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000, p. 59).

b) **O ego**: o ego surge como instância intermediária entre o desejo (id) e a realidade (superego). É o setor mais organizado e atual da personalidade. Domina a capacidade de síntese, domínio e motilidade, organizando a simbolização, sede da angústia moral; sede de quase todas as funções mentais, consciências (percepção, pensamento, juízo). O ego busca o comportamento socialmente aceitável. Podemos dizer que é o motorista do carro de nossa personalidade, o nosso eu.

c) **O superego**: a terceira instância dinâmica da personalidade é o superego. "Ele é responsável pela estruturação interna dos valores morais, ou seja, pela internalização das normas referentes ao que é moralmente proibido e o que é valorizado e deve ser ativamente buscado" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 38). Censor das funções do ego — estimula o que se deve processar, proíbe o resto. Legado da resolução do complexo de Édipo — nasce como herdeiro da resolução.

O Id: (reservatório) e o ego (influência moralizadora do contexto social). O Superego seria o conflito entre o id e o ego (o princípio do prazer em face da consciência coletiva).

Diante de um impulso do id que o superego desaprova, o ego se vê pensado entre as exigências impossíveis de serem inteiramente satisfeitas. Se o impulso é aceito, representado conscientemente, é posto em ação a condensação do superego. Se o acesso do impulso é inteiramente proibido, este continuará a insistir, a pedir passagem.

Por isso o ego acaba por barganhar: aceita parcialmente o impulso instintivo, porém modificado, disfarçado. Trata-se de um compromisso: o superego fecha um pouco os olhos e o id cede quanto à forma e todos ficam realizados. Felizes, mas

nem tanto, porque para poder impedir que um impulso penetre na consciência, os processos defensivos do ego, a repressão e os mecanismos de defesa, necessitam usar um tanto de energia para se opor.

No funcionamento adequado do psiquismo, quando tudo vai bem, é formado um todo harmonioso.

Para saber mais

Exemplo do funcionamento psíquico: ID, EGO e SUPEREGO:

Em um dia chuvoso e frio, o despertador toca, são 5h30, hora de acordar e trabalhar e você debaixo das cobertas, bem quentinho. Seu ID manifesta o desejo de permanecer ali, usufruindo do prazer da situação, porém o EGO manifesta-se lembrando que é dia de trabalho, não é feriado nem domingo, e você não está de férias; esta é a realidade. Seu ID insiste e você permanece mais 5 minutos, quando, num impulso, seu SUPEREGO faz com que saia correndo para não chegar atrasado, censurando pelo comportamento "preguiçoso", lembrando que você tem um compromisso com o trabalho, e como "chefe" deve dar exemplos, e assim por diante.

2.4.2 Sexualidade e libido

Para compreender o conceito de libido na psicanálise, ela refere-se a uma energia afetiva original que sofrerá progressivas organizações durante o desenvolvimento do indivíduo, sendo, é claro, suportada por uma organização biológica emergente no período. "Cada nova organização da libido, apoiada numa zona erógena corporal, caracterizará uma fase de desenvolvimento segundo a psicanálise" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000, p. 70).

Ao organizar-se progressivamente em torno de zonas erógenas definidas, a libido caracterizará três fases de desenvolvimento infantil: oral, anal, fálica e um período intermediário sem novas organizações, o período de latência, e uma fase final de organização adulta, que é a fase genital (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

O ego é também um depositário da energia original e mobiliza energias que são estancadas nos mecanismos de defesa. Isto cria um ponto de fixação, ou seja, um momento no processo evolutivo na qual se para, por não poder satisfazer um desejo, e onde o indivíduo também fica paralisado, porque deixou muita energia imobilizada. O ego torna-se mais frágil em seu processo evolutivo porque parte de sua energia permanece ligada a este momento. Por estar frágil, terá dificuldades em enfrentar novos momentos críticos e, se nesses momentos a angústia for muito forte, o ego regredirá para estes pontos de fixação (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Um exemplo de situação em que a pessoa, ao ter vivenciado um momento difícil, regride à fase oral (no seu caso, o seu ponto de fixação): na sua vida adulta, a comida pode significar a busca da satisfação imediata, ou seja, nos momentos em que o indivíduo se sentir triste ou ansioso ele buscará a comida para aliviar o seu sofrimento.

Para a psicanálise, o percurso que a libido realiza sobre o corpo humano marcará as fases do desenvolvimento humano, assunto que será abordado logo a seguir.

Seção 3 As fases do desenvolvimento segundo a psicanálise

3.1 Fase oral

A criança ao nascer apresenta como estrutura mais desenvolvida a boca. Portanto, será pela boca que se mobilizará a luta pela preservação do equilíbrio homeostático. A boca do bebê será a ponte de acesso ao mundo, provando-o e o conhecendo. O seio materno é o primeiro objeto de ligação infantil. É o depositário de seus primeiros amores e ódio.

3.2 Fase anal

Para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 35)

> No início do segundo ano de vida, a libido passa da organização oral para a anal. Nesse sentido, a psicanálise deve ser vista dentro de um modelo analítico, ou seja, sempre há organizações biológicas de base sobre as quais os modelos psicológicos são organizados. [No segundo e terceiro ano de vida], dá-se a maturação do controle muscular na criança, isto é, dá-se a organização psicomotora de base. É o período em que se inicia o andar e o falar e em que se estabelece o controle de esfíncteres. O período é denominado fase anal porque a libido passa a organizar-se sobre a zona erógena anal. A fantasia básica estará ligada aos primeiros produtos notadamente ao valor simbólico das fezes. Duas modalidades de relação serão estabelecidas: a projeção e o controle. Assim, todos os mecanismos psicológicos que surgem são necessários e adaptativos dentro de certo momento da vida, mas na medida em que um mecanismo psicológico infantil se fixar e se tornar o centro da organização afetiva, se tem a configuração de um quadro sintomático definido e estruturado por este mecanismo.

3.3 Fase fálica

Inicia em torno dos três anos de idade, em que a libido inicia um novo processo de organização. A erotização é direcionada aos **genitais**, despertando o interesse infantil por eles e a preocupação com as diferenças sexuais entre meninos e meninas (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Para Freud, esse processo primitivo do pensamento sexual infantil abastecerá as bases diferenciais das organizações psicológicas masculinas e femininas do adulto. A erotização genital do adulto criará a necessidade de buscar o objeto que permitirá a obtenção de prazer, neste sentido, um elemento do sexo oposto (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

3.4 O complexo de Édipo

O ponto central da organização afetiva dentro do modelo psicanalítico é o complexo de Édipo, denominado por Freud como complexo nuclear, período de vida de cerca de dois anos e meio a seis anos de idade. O indivíduo manifesta, metodicamente, fantasias de incesto com o genitor do sexo oposto, associadas ao ciúme e a raiva contra o genitor do mesmo sexo.

Em virtude da analogia entre essas fantasias e a lenda grega de Édipo, que, sem saber, matou o próprio pai e se casou com a mãe, Freud denominou este movimento de **complexo de Édipo**. O complexo de Édipo envolve vários elementos evolutivos, alguns dos quais se tornaram pontos de dissidência dentro do campo psicanalítico. Alguns teóricos, como Jung, discordaram desse ponto da teoria e seguiram outros caminhos no estudo da psique humana por não compartilharem da mesma opinião de Freud.

Segundo Brenner (1987, p. 126):

> No decorrer da própria fase edipiana, as coisas começam a mudar a esse respeito e, por volta dos cinco ou seis anos, a moralidade passa a ser uma questão íntima. É aí, acreditamos, que a criança começa a sentir pela primeira vez que os padrões morais e a exigências de que o mau procedimento deve ser punido, suscitar arrependimento e corrigido, vêm de dentro de si própria e não de outra pessoa a quem deve obedecer. Além disso, cremos que não é senão aos nove anos ou dez anos de idade que esse processo de internalização se torna bastante estável para ser absolutamente permanente, mesmo que, de maneira normal, ainda esteja sujeito a ampliações e modificações durante toda a adolescência e, talvez, até certo ponto, na idade adulta.

O **complexo** tem sido reconhecido como o conflito central na psique humana, portanto, o centro do trabalho psicanalítico.

Questões para reflexão

Qual é o papel do complexo de Édipo no processo de estruturação da personalidade segundo a psicanálise?

3.5 Período de latência

Nesta fase, com a repressão do Édipo, a energia da libido fica temporariamente deslocada dos seus objetivos sexuais. Não há como meramente eliminar ou reprimir esta energia, já que é constantemente gerada. Estando esses desejos infantis vedados, a energia é **canalizada** para o desenvolvimento intelectual e social da criança (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Portanto, o período de latência caracteriza-se pela canalização das energias sexuais para o aperfeiçoamento social, por intermédio de um dos mecanismos de defesa dos indivíduos que são as sublimações.

3.6 Fase genital

A fase genital é a puberdade, na qual o objeto de erotismo ou de desejo não está no próprio corpo e sim no outro.

A psicanálise entende que ao atingir a fase genital é alcançado o completo **desenvolvimento** do adulto normal. As adaptações biológicas e psicológicas foram realizadas, o ser humano aprendeu a amar e a competir. É capaz de amar num sentido genital mais amplo. Discriminou o seu papel sexual e desenvolveu-se intelectualmente e socialmente. Chegou o momento de suas realizações e escolhas de adulto.

Algumas considerações sobre as fases do desenvolvimento humano (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000):

- A primeira fase da libido caracteriza-se por esse tipo peculiar de satisfação. Objeto: é o próprio corpo;
- Com a formação das estruturas e com a formação do psiquismo essa energia vai se dirigindo a outros objetos;
- A libido desempenha o papel de motor de inúmeros processos mentais;
- Não considerar sexualidade de forma restrita à relação sexual. A descoberta freudiana da sexualidade infantil deve ampliar o sentido;
- Há libido envolvida em todos os aspectos psíquicos;
- Por essa razão, diz-se que a evolução individual da mente é um processo psicossexual. Compreender esse processo nos possibilita entender melhor o desenvolvimento infantil;
- Aquela satisfação extra que vimos ligar-se à amamentação vai se modificando grandemente até chegar a sexualidade adulta;
- A significação das fases do desenvolvimento libidinal não se esgota nesses primeiros passos de sucessivas superações. Como a vida mental é neles formada, fica sempre a marca característica das primeiras fases e de como elas foram vividas. Há prazeres orais, o fumar, o beijar e, mais agressivamente, o morder, o prazer de atacar e destruir;
- Cada fase, cada estágio do crescimento infantil, apenas pode ser superada se um prazer equivalente ao que nela se desfrutava for obtido na fase anterior. Quando há problemas graves, como, por exemplo, há muita frustração durante o desmame, ou exigências extremas na educação para a higiene anal, o desenvolvimento poderá ficar comprometido. A criança então passará a repetir a última forma libidinal que lhe proporcionou adequada satisfação. É como se ficasse em parte lá, onde foi bom. Chama-se ponto de fixação. Se ocorre mais tarde na vida uma satisfação maior com as circunstâncias reais, o sujeito tenderá

a voltar aos padrões que lhe foram satisfatórios, isto é, regredirá aos pontos de fixação, como um livro que marcamos por a haver achado interessante;

- O selo dos pontos de fixação fica visível no caráter do indivíduo;
- O importante é que você note como as fases do desenvolvimento da libido não são realmente abandonadas. Superação, nesse caso, significa apenas integração numa estrutura superior;
- Na fase fálica o interesse erótico concentra-se nos órgãos genitais, e os objetos de amor são os pais — o genitor do sexo oposto. Busca agradar o sexo oposto, e tem-se rivalidade com o mesmo sexo — ambivalência —, um grande problema da fase fálica;
- Essa relação triangular carregada de ciúmes conhece-se por complexo de Édipo. As fantasias edipianas dão culpa, os limites e frustrações impostos pelos pais parecem castigos por tais culpas;
- Vence o desejo de paz; a criança aceita renuncia ao objeto de amor, por medo da poderosa rivalidade do genitor de mesmo sexo e pelo repúdio que experimenta de seu amado;
- Em troca, não pretendido permanecer em luta com o pai, ou com a mãe, trata de imitá-lo, identifica-se com as qualidades;
- De qualquer forma, em ambos os sexos há uma aceitação forçada da castração e renúncia provisória da satisfação genital, o que permite direcionar o interesse mental para outras atividades, como, por exemplo, o brinquedo e o estudo. Na psicanálise esse período é conhecido como latência;
- A introjeção das proibições paternas, uma das causas da repressão, fixa-se nessa fase, e que a identificação com o genitor de mesmo sexo deixa um ideal e uma fonte de censura. Como já vimos, essa fonte de ideal e de censura consolida-se numa estrutura permanente, conhecida como superego;
- O período de latência vai até a puberdade. Na adolescência renascem os interesses eróticos, já voltados para os substitutos dos pais. Esta é a fase genital propriamente dita, onde a maior parte do que importa para o psiquismo já está determinado.

Seção 4 Psicanálise: aplicações e contribuições sociais

A psicanálise tem como principal característica de seu trabalho a compreensão do inconsciente, integrando os seus conteúdos na consciência. Pois serão estes mesmos conteúdos sem elaboração e inconscientes que definirão, em grande parte, a conduta do indivíduo e dos grupos na sociedade, ou seja, o sentido das coisas humanas.

4.1 A finalidade do trabalho psicanalítico

A finalidade do trabalho psicanalítico, para Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 80):

> [...] é o autoconhecimento, pois por intermédio dele que há a possibilidade de lidar com o sofrimento, criar mecanismos de superação das dificuldades e dos conflitos em direção a uma produção humana mais autônoma, criativa e gratificante de cada indivíduo, dos grupos, das instituições.

O psicanalista buscará juntamente com o paciente a desestruturar, aos poucos, as resistências inconscientes, trazendo esse conteúdo ao nível da consciência. O método psicanalítico utilizado para compreender o sintoma individual ou social e suas determinações é o método interpretativo.

A psicanálise pode ser compreendida como uma teoria, uma técnica, um método interpretativo utilizado para compreender os indivíduos, os processos sociais, as instituições, enfim, as práticas humanas cotidianas. Um método interpretativo para descobrir novos sentidos. Para a psicanálise, há sempre uma intenção na palavra ou ação do indivíduo que pode ser motivada por conteúdos conscientes ou inconscientes. Enfim, a psicanálise é mais uma teoria para compreender o comportamento humano.

4.2 Uso prático da psicanálise

Faremos algumas considerações sobre o uso prático da psicanálise:

- O método de investigação é interpretativo. A prática profissional refere-se à forma de tratamento — a análise — que busca o autoconhecimento ou a cura, que ocorre através desse autoconhecimento, não apenas na clínica, mas sim também na leitura de todos os fenômenos sociais;
- A psicanálise busca em seu processo uma produção humana mais autônoma, criativa e gratificante de cada indivíduo;
- O psicanalista ajuda a desmontar as resistências inconscientes que obstaculizam a passagem dos conteúdos inconscientes para a consciência;
- É significativa a contribuição da psicanálise e dos psicanalistas nas diversas áreas da saúde mental;
- Contribui para a pesquisa e produção de conhecimento que possam ser úteis na compreensão de fenômenos sociais graves, ou seja, com o surgimento de

> novas formas de sofrimento produzidas pelo modo de existência no mundo contemporâneo. Visa superar o mal-estar da civilização.

A seguir, Freire (2007, p. 126, grifo do autor) elenca alguns dados sobre as novas tendências da psicanálise:

> A psicanálise teve muito adeptos e críticos, resultando num número bem diversificado de tendências, fazendo-a passar por variadas reformulações [...]
>
> Pode-se, perceber que a psicanálise teve importantes representantes nos mais diversos países. Adler e Jung foram os mais influentes;[...]
>
> **[...] Carl Gustav Jung** (1875-1961). Jung, por sua vez, questionou alguns aspectos da teoria de Freud, ao dar menos importância aos aspectos sexuais. [A] energia motivadora da ação (libido), para Jung, era apenas uma energia vital, que poderia estar direcionada para qualquer necessidade e não simplesmente uma energia sexual. Enquanto Freud dava ênfase ao passado, Jung o dava ao presente e ao futuro como perspectivas de vida e ajuda da terapia. Outro aspecto relevante do seu sistema foi a descoberta do inconsciente coletivo. Jung distingue dois inconscientes: o individual e o coletivo. O inconsciente individual é fruto dos conflitos da vida particular de cada um. Enquanto o coletivo seria a parte mais profunda do inconsciente, onde estariam armazenadas as experiências, que foram, ao longo do tempo, acumuladas pela espécie humana. Essas experiências foram chamadas de arquétipos, que seriam quase como o instinto evolucional, considerado pelos associacionistas e que fornece certa predisposição para se comportar de uma determinada forma. O sistema de Jung foi chamado de psicologia analítica ou complexa.

Para saber mais

Ficaram curiosos para saber mais sobre as obras do teórico Jung?

Veja as obras que ele escreveu: **Tipos psicológicos**, **Psicologia e religião**, **As relações entre o eu e o inconsciente** e **Das raízes da consciência**.

A psicanálise influenciou consideravelmente a vida no século XX, com destaque para as ciências humanas, oferecendo subsídios para a compreensão das questões cotidianas.

Para saber mais

Para saber mais a respeito das teorias de Freud, sugiro a leitura de **As obras completas de Freud**.

Para concluir o estudo da unidade

Concluímos mais uma unidade. Explanamos sobre uma importante teoria da personalidade — a psicanálise. Compreendemos os seus conceitos, a sua fundamentação teórica e sua aplicação.

Resumo

Na Unidade 4 conhecemos com maior profundidade essa importante teoria que é a psicanálise. Entramos em contato com conceitos fundamentais e compreendemos o processo de estruturação da personalidade de acordo com a psicanálise. Ao final da unidade foram abordadas as principais contribuições e aplicações sociais da teoria. Agora é o momento de verificar o conhecimento adquirido desenvolvendo as atividades propostas a seguir.

Atividades de aprendizagem

1. A psicanálise pode ser compreendida como uma teoria, uma técnica, um método interpretativo utilizado para compreender os indivíduos, os processos sociais, as instituições, enfim, as práticas humanas cotidianas. Um método interpretativo para descobrir novos sentidos. Para a psicanálise, há sempre uma intenção na palavra ou ação do indivíduo que pode ser motivada por conteúdos. Assinale a alternativa correta:

a) Familiares.

b) Sociais.

c) Relacionais.

d) Conscientes ou inconscientes.

e) Expressivos.

2. A finalidade do trabalho psicanalítico é o____________________, pois é por intermédio dele que há a possibilidade de lidar com o sofrimento, criar mecanismos de superação das dificuldades e dos conflitos, em direção a uma produção humana mais autônoma, criativa e gratificante de cada indivíduo, dos grupos, das instituições. Assinale a alternativa correta:

a) Autoconhecimento.

b) Pensamento.

c) Processo grupal.

d) Núcleo social.

e) Processo hipnótico.

3. Nesta fase, com a repressão do Édipo, a energia da libido fica temporariamente deslocada dos seus objetivos sexuais. Como esta energia é permanentemente gerada, ela não pode ser simplesmente eliminada ou reprimida. Estando esses desejos infantis vedados, a energia é ______________ para o desenvolvimento intelectual e social da criança. Assinale a alternativa correta:

a) Estratificada.

b) Canalizada.

c) Refeita.

d) Eliminada.

e) Verificada.

4. Terceira instância dinâmica da personalidade. Ele é responsável pela estruturação interna dos valores morais, ou seja, pela internalização das normas referentes ao que é moralmente proibido e o que é valorizado e deve ser ativamente buscado. Assinale a alternativa correta:

a) Superego.

b) Ego.

c) Id.

d) Fase oral.

e) Fase latente.

5. Explique o conceito de libido segundo a teoria psicanalítica.

Unidade 5

A fundamentação teórica da psicologia social

Objetivos de aprendizagem: Nesta unidade vocês conhecerão a área de conhecimento da psicologia social, principalmente identificando o seu objeto de estudo. Nesse sentido, a proposta desta unidade, para o aluno(a) de Serviço Social, é apresentar, em linhas gerais, os principais pressupostos teóricos da psicologia social.

A psicologia social enquanto área de estudo da psicologia irá contribuir na compreensão do comportamento dos indivíduos, suas interações, e o processo grupal.

Para compreender o fazer, o pensar e o agir dos homens em nossa sociedade, esta área de estudo irá recorrer aos conceitos de percepção social, atividade, consciência, identidade dentre outros conceitos.

Em suas investigações a respeito dos indivíduos, a psicologia social faz a distinção de dois níveis de análise, a primeira refere-se ao contexto social, suas estruturas e suas relações, e a segunda diz respeito ao indivíduo que é formado a partir deste contexto social. Como seres sociais, somos agentes formadores e transformadores da história de nossa sociedade, ou seja, possuímos uma natureza sócio-histórica.

A primeira seção propõe refletir sobre a formação do psiquismo humano e o quanto esta formação está atrelada aos grupos a qual fazemos parte. Reconhecer que o indivíduo não pode ser estudado de forma isolada e sim em seu contexto social.

Em seguida veremos os aspectos da socialização e a função principal dos papéis sociais. Nesta seção, contempla-se a explanação de temas como identidade e representações sociais. Logo em seguida, abordaremos

os aspectos do processo ideológico, finalizando a Unidade 5 explorando tanto o conceito quanto o processo de alienação.

Esperamos que ao final da leitura desta unidade, você possa conhecer um pouco mais sobre esta área de estudo que é a psicologia social, pois o conhecimento desta área no campo profissional do serviço social pode contribuir para uma visão crítica da realidade cotidiana, buscando ir além do aparente, do que está posto. Enfim, esta unidade, caro aluno(a) tem o intuito, a partir da leitura dos principais teóricos da área de permitir esse desvelamento sobre nossa realidade. Ao final da unidade, você terá a oportunidade de validar seu aprendizado através dos exercícios disponíveis.

Seção 1: O psiquismo humano e o determinismo social

Nesta primeira seção você conhecerá a área de conhecimento da psicologia social, principalmente identificando o seu objeto de estudo, proporcionando uma reflexão sobre a formação do psiquismo humano e o quanto esta formação está atrelada aos grupos a qual fazemos parte. Reconhecer que o indivíduo não pode ser estudado de forma isolada e sim em seu contexto social.

1.1 Percepção social

1.2 Atividade humana

1.3 Subjetividade

Seção 2: Somos todos seres sociais

Nesta segunda seção você conhecerá os aspectos teóricos do processo de socialização e formação dos grupos, proporcionando uma reflexão sobre os papéis sociais que desempenhamos são previamente prescritos antes mesmo de nascermos.

2.1 Grupos sociais

2.2 Processo grupal

2.3 Instituições

Seção 3: Identidade

O objetivo desta seção é levar o leitor a compreender conceitos como representação social, papéis sociais e instituições. Perceber que as representações sociais enquanto comportamentos sociais são criadas e re-criadas constantemente e neste processo ocorre a influência no indivíduo e na sociedade. Nesta seção também será possível compreender todos os aspectos presentes na formação da identidade e o quanto ela é composta pela articulação dos vários personagens que desempenhamos ao longo da vida.

3.1 Identidade

3.2 Papéis sociais

3.3 Representações sociais

Seção 4: Ideologia e alienação

O objetivo desta seção é proporcionar ao aluno(a) conhecer os processos ideológico que permeiam toda a nossa sociedade. Também será possível entender e discernir sobre o processo de alienação.

4.1 Ideologia

4.2 Alienação

Seção 1 O psiquismo humano e o determinismo social

Você já parou para pensar como estruturamos o nosso mundo interno, a nossa subjetividade? Será que as interações que temos com pessoas com as quais convivemos, familiares, amigos, vizinhos, são preponderantes na estruturação do nosso "eu", de nosso mundo interno, da nossa subjetividade?

A resposta é sim. Todas as pessoas que passam por nossa vida de certa forma contribuem para a formação de nossa subjetividade. E a psicologia social vai nos dizer a partir desse momento de que maneira isso acontece. Desejamos um bom estudo!

1.1 Percepção social

Para compreender esse campo de estudo, iniciamos com um questionamento da teórica Silvia Lane (1985). Será que toda psicologia pode ser considerada social? Podemos responder que sim, pois de acordo com Lane (1985, p. 41):

> A análise ideológica é fundamental para o conhecimento psicossocial pelo fato de ela determinar e ser determinada pelos comportamentos sociais do indivíduo e pela rede de relações sociais que, por sua vez, constituem o próprio indivíduo.

Não queremos de forma alguma apresentar um reducionismo a respeito das teorias psicológicas, mas dar destaque a importância da natureza histórico-social do ser humano na análise de seu comportamento.

Então, podemos considerar que todo indivíduo é um ser social e histórico, e compreender, segundo Codo (1985, p. 140):

> Ao declararmos que o homem é um ser histórico, estamos afirmando que a sua relação com o meio ambiente se dá de uma maneira permeada socialmente. No dizer de Engels, o único fato histórico que existe é que o homem precisa sobreviver. E o que muda não é que se produz num determinado período histórico, são as relações de produção, são as relações sociais que permeiam ou que significam *stricto sensu*, a relação entre homens.

A psicologia social é, portanto, uma das áreas da psicologia que busca compreender o encontro social, ou seja, a interação dos indivíduos, e suas relações.

Para Rodrigues (apud BOCK, 2002, p. 135) a psicologia social "é o estudo das manifestações comportamentais suscitadas pela interação de uma pessoa com outras pessoas, ou pela mera expectativa de tal interação".

Nesse sentido, o objeto de estudo da psicologia social é a interação social e suas dinâmicas interdependentes. Procurando compreender a natureza social do fenômeno psíquico.

Seguindo essa linha de pensamento sobre o fenômeno psíquico, Bock (2002, p. 140) afirma que a subjetividade humana irá surgir do "contato entre os homens e dos

homens com a natureza, isto é, esse mundo interno que possuímos e suas expressões são construídos nas relações sociais".

O estudo do psiquismo humano deve, nesse sentido, buscar compreender como se dá a construção desse mundo interno a partir das relações sociais vividas pelo homem. "O mundo objetivo passa a ser visto não como fator de influência para o desenvolvimento da subjetividade, mas como fator constitutivo" (BOCK, 2002, p. 14).

Nós não nascemos homens e mulheres, e sim nos tornamos homens e mulheres a partir do que aprendemos das nossas gerações anteriores, da história e do contexto social a qual estamos inseridos. Mas isso não é estático, não somos indivíduos passivos, estamos em constante movimento, em transformação, somos agentes ativos de nossa história pessoal e social.

Mas e a atividade do homem, seja na produção de uma mercadoria ou a execução de um oficio, será que a atividade do homem tem relação na formação de seu psiquismo? Vamos agora buscar essa resposta.

1.2 Atividade humana

A relação da atividade na formação do psiquismo

Vocês sabiam que a atividade desenvolvida pelas pessoas é considerada a unidade básica fundamental na estruturação do mundo interno do indivíduo? "É por intermédio da atividade que o homem se apropria do mundo, ou seja, é a atividade que propicia a transição daquilo que está fora do homem para dentro dele" (BOCK, 2002, p. 143).

Nesse sentido, para a psicologia social a formação do mundo interno é baseada no processo de internalização do que é vivenciado em suas atividades, seja explorando o ambiente, conversando com os amigos, trabalhando, enfim, tudo é transformado em ideias, imagens que passam a habitar seu mundo interno.

Para Bock (2002, p. 143):

> A atividade humana é a base do conhecimento e do pensamento do homem. Estamos considerando que os indivíduos apresentam uma necessidade de manter uma relação ativa com o mundo, transformando-o de acordo com nossas necessidades. Ao fazer isso, estamos construindo a nós mesmos.

Cada indivíduo constrói o seu mundo interno, na medida em que atua e transforma o mundo externo. Este processo é contínuo e muito dependente. Esta é uma das conclusões da psicologia social.

1.3 Subjetividade

A construção da subjetividade humana

É válida toda esta discussão e reflexão, uma vez que a disciplina de Psicologia Social nos apresenta elementos para a compreensão do homem, e como este homem chega aos assistentes sociais, é apresentado enquanto demanda, ou seja, usuário do serviço social.

Considerando as discussões tidas até o momento, vamos analisar agora um ponto muito presente em nossas vidas. Procure considerar as reflexões enquanto, pessoa, aluno, trabalhador, pai, mãe, etc. e depois transfira as reflexões para as pessoas à sua volta, e procurando entender o usuário do serviço social, a demanda que chega até o assistente social. Uma vez que este deve ser visto e entendido em sua totalidade como sujeito de múltiplas relações e situações.

Sendo assim, vamos lá, mãos à obra e bom trabalho a todos.

Para saber mais

Essência: é o núcleo básico, conjunto de características que fazem com que uma coisa seja o que ela é; é o que define e especifica a natureza dessa coisa. A essência de um ser é aquilo que é fundamental e imprescindível para que ele seja o que é, em sua especificidade e identidade, distinto de outros seres (SEVERINO,1994, p. 76).

Podemos concluir que o objeto de estudo da psicologia social são as interações sociais e que a formação do psiquismo humano depende em grande parte desta convivência social. Chegamos à conclusão que toda psicologia é social. Todos somos seres sociais. A formação do psiquismo humano está atrelado aos grupos a qual fazemos parte.

Links

Para que o seu conhecimento seja ampliado, busque artigos no site da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social): <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/>. No site você encontrará vários artigos que tratarão sobre o assunto que acabamos de abordar.

Seção 2 Somos todos seres sociais

Vocês já se perguntaram como se dá o processo de socialização dos indivíduos? E os grupos da qual fazemos parte, como eles são formados? E os papéis sociais? Como ser mãe, pai, filho, etc., na verdade são aprendidos ou nascemos com estas habilidades?

Para todos esses questionamentos buscaremos respostas nesta seção. Desejamos uma boa reflexão sobre esses assuntos!

2.1 Grupos sociais

2.1.1. A socialização

Para a teórica Lane (1985), a socialização pode ser dividida didaticamente entre primária e secundária. A socialização primária irá ocorrer no espaço privado, na família, na qual os aspectos internalizados "serão aqueles decorrentes da inserção da família numa classe social, através da percepção que seus pais possuem do mundo e do próprio caráter institucional da família" (LANE, 1985, p. 84).

A socialização secundária, por sua vez, decorre do âmbito público, ou seja:

> [...] da própria complexidade existente nas relações de produção, levando o indivíduo a internalizar as funções mais específicas das instituições as subdivisões do mundo concreto e as representações ideológicas da sociedade, de forma a incorporar uma visão de mundo que o mantenha 'ajustado' e, consequentemente, alienado das determinações concretas que definem suas relações sociais (LANE, 1985, p. 84).

Cada encontro social, cada momento de comunicação e interação entre as pessoas são sempre processos de socialização, que é ininterrupto no decorrer de nossas vidas.

2.1.2 Grupos sociais

A vida cotidiana dos indivíduos é marcada pela vida em grupo. Estamos sempre nos relacionando, seja com os nossos pais, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e assim por diante.

Todo ser humano, antes de ser um indivíduo, é sempre um grupo, mas não no sentido de pertencer a um grupo, mas no sentido de que a sua personalidade é um grupo (BLEGER, 1991).

Grupo é definido por Bleger (1991, p. 59) "como um conjunto de individualização que interagem partilhando determinadas normas na realização de uma tarefa".

Para Bock (2002, p. 139) os grupos sociais:

> São pequenas organizações de indivíduos que, possuindo objetivos comuns, desenvolvem ações na direção desses objetivos. Para garantir essa organização, possuem normas; formas de pressionar seus integrantes para que conformem às normas; um funcionamento

> determinado, com tarefas e funções distribuídas entre seus membros; formas de cooperação e de competição; apresentam aspectos que atraem os indivíduos, impedindo que abandonem o grupo.

A coesão é uma das formas que o grupo encontra para que seus participantes obedeçam as normas e valores estabelecidas. Alguns grupos podem mostrar maior ou menor coesão, tudo vai depender de suas características grupais (BOCK, 2002).

O processo grupal é um dos temas de grande interesse da psicologia social, tópico que será analisado a seguir.

2.2 Processo grupal

Para compreendermos o funcionamento dos grupos, não podemos esquecer as suas determinações sócio-historicas no processo grupal. Lane (1985, p. 81) afirma:

> [...] todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção, e sob estes aspectos, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, reproduz ideologia que, sem um enfoque histórico não é captada.

Nesse sentido, o grupo não pode ser considerado dicotômico pois "toda ação transformadora da sociedade só podem ocorrer quando os indivíduos se agrupam" (LANE, 1985, p. 78).

E seguindo essa linha de pensamento, é correto afirmar que as relações de produção é que estruturam a sociedade, fazendo a mediação entre o homem e o seu ambiente.

Por esta contextualização, Lane sugere alguns aspectos para analisar o indivíduo inserido num processo grupal, a partir dos pressupostos do materialismo dialético:

a) O primeiro aspecto levantado pela autora é a de que não podemos esquecer que o indivíduo que buscamos entender é um indivíduo alienado. E este estado de alienação pode se apresentar de maneiras e graus diferentes. Em outras palavras, significa que as representações dos indivíduos, a sua autoconsciência e a consciência do outro, são desencontradas das determinações concretas que a produzem. A subjetividade vivenciada pelos indivíduos é marcada pela ideologia, que nos faz acreditar que somos pessoas livres e conscientes de nossos papéis sociais, porém, a nossa realidade objetiva se apresenta de outra maneira. De acordo com Lane (1985, p. 84-85):

> As ações e interações estão sempre comprimidas e amalgamadas por papéis sociais que restringem essas interações ao nível do permitido e do desejado (em função da manutenção do *status quo*). O nível de vivência subjetiva reproduz a ideologia do capitalismo (o individualismo, o *self-made-man*), o nível da realidade objetiva reproduz o cerne do sistema, ou seja, a relação dominador-dominado, explorador-explorado. [...] a emergência da consciência histórica, portanto, de uma ação social como práxis transformadora, significaria o nível das determinações concretas rompendo

> as representações ideológicas e se fazendo consciência, momento em que a dualidade desapareceria.

b) O segundo aspecto levantado pela autora é a de que todo grupo está inserido no interior das instituições, instituições essas que podem ser a família, a empresa onde você trabalha, a escola e até o próprio Estado. Nesse sentido, segundo suas palavras "é fundamental a análise do tipo de inserção do grupo no interior da instituição" (LANE, 1985, p. 85).

c) O terceiro aspecto refere-se a história de vida de cada membro do grupo, que na compreensão da autora também tem importância fundamental no desenrolar do processo grupal.

> Para fins de observação e análise, entretanto, poder-se-ia dizer que a história de cada uma acha-se condensada, no grupo, pelo sistema de papéis que ele assume e desempenha no decorrer do processo (LANE, 1985, p. 85).

d) O quarto aspecto está relacionado à importância de se compreender os dois níveis de análise do processo grupal, que são o da vivência subjetiva e o das determinações concretas do processo grupal. Os dois níveis se codeterminam e se engendram reciprocamente ao longo do processo.

> [...] ao nível do desempenho dos papéis que se reproduz a relação dominador-dominado, a luta pelo poder, e que, portanto, nesse nível que podem emergir os processos de oposição, negação, contradição e negação da negação, que constituem qualquer processo dialético (LANE, 1985, p. 85).

e) O último aspecto está relacionado aos papéis sociais. Para a autora eles surgem enquanto interação efetiva no nível das determinações concretas, na qual reproduz a estrutura relacional característica do sistema (relação dominador-dominado), e também existe o nível das vivências subjetivas, enquanto representação ideológica (LANE, 1985).

Podemos concluir que o grupo social possibilita tanto a conscientização do indivíduo, como a produção das relações sociais historicamente engendradas para que sejam mantidas as relações de produção em uma dada sociedade.

A ação social transformadora se dará em nossa sociedade quando os indivíduos perceberem a função ideológica e maquiadora dos seus papéis assumidos dentro de um contexto histórico que leva os indivíduos a se desalienarem, a abrirem mão desta individualização institucionalizada para efetivamente assumirem uma identidade grupal e, consequentemente, uma ação grupal (LANE, 1985).

2.3 Instituições

Uma ideia de instituição nos é dada por Serra (1982), que, respaldada na obra de Madel Luz, concebe instituição como:

> [...] 'um conjunto articulado de saberes (ideologias) e práticas (formas de intervenção normalizadora na vida dos diferentes grupos e

> classes sociais)'. Madel considera que esses saberes e práticas têm efeitos políticos e envolvem uma luta entre grupos e classes sociais que compõem estas instituições e que estão inseridos em um bloco histórico. Madel considera que é imprescindível compreender '[...] o aspecto estrutural (conjunto de normas de conduta, de regras de organização dos comportamentos) e o aspecto da prática institucional (conjunto de relações sociais institucionais) como dois aspectos de um mesmo núcleo de poder, mediados por um discurso institucional (SERRA,1982, p. 26-27).

Perceba que a citação acima promove a reflexão acerca do **poder institucional** e de como as **relações sociais são afetadas** pelo mesmo. De acordo com Serra, "[...] a dominação se caracteriza principalmente em forma de autoridade e obediência", que em uma relação entre "dominação X dominados" representaria, segundo Madel, apud Serra (1982), a hierarquia, a relação de poder, que é um dos componentes do "triedro do poder institucional" (hierarquia, ordem e disciplina) que segue explicitado na citação a seguir.

> A ordem que garante a estrutura e a disciplina que assegura as relações sociais [...], a ordem, fixação do lugar das normas e dos agentes da instituição no conjunto hierárquico e disciplina, entendida como prática de obediência à hierarquia das relações sociais constituídas (MADEL apud SERRA,1982, p. 28).

De acordo com a citação anterior, a **ordem**, a **hierarquia** e a **disciplina** são os valores que no campo de força institucional **resultariam no poder**. Cabe ressaltar que para Madel as instituições teriam um caráter controlador, repressor e de formação sob o ângulo de uma linguagem funcionalista, como reflete Serra:

> O controle das instituições completa a função formativa, uma vez que significa a criação de mecanismos que transformem os indivíduos em dóceis e submissos às regras institucionais; é a função que assegura de fato a manutenção da estrutura e relações sociais vigentes (SERRA,1982, p. 28-29).

Porém, é necessário dizer que existem instituições que são menos autoritárias, o que possibilita que as relações institucionais sejam um tanto quanto **mais flexíveis**, **horizontais**. É claro que isto depende diretamente da formação **histórica de cada instituição** e principalmente de como pensam a respeito do assunto os seus dirigentes.

Caro aluno, outro fator relevante para ser refletido é que estes "outros poderes institucionais" (o presidente, os diretores, os chefes de setores, etc. de uma instituição) muitas vezes buscarão, como diz Serra (1892), impor as regras/normas da instituição por fazerem parte da mesma, pelo interesse em cumprir com os objetivos desta e por estarem divididos em dois grupos.

> De um lado, aqueles que estamos chamando de instituintes, isto é, os responsáveis diretos pela instituição; os que mandam ou delegam poderes e, de outro lado, os que denominamos agentes instituídos, que podem ser considerados sob dupla dimensão: primeiro, os agentes que podem ser chamados de subordinados, ou

> seja, os profissionais e os funcionários intermediários; segundo, a clientela efetiva ou em potencial para sê-lo (SERRA,1982, p. 36).

Cabe ressaltar que estes atores encontrarão resistência ao tentarem se impor, portanto, nem sempre será possível efetivar todas as regras/normas institucionais.

> [...] **a prática institucional é o resultante da relação dos atores que a compõe.** Pois bem! Na medida em que há diferença substantiva entre esses atores, ou seja, entre quem manda e quem executa e quem é beneficiado, é evidente que as relações por si só são contraditórias. E, como afirma Albuquerque, "[...] a prática institucionalizada é, portanto, o resultante das práticas conflitantes dos diversos atores" (SERRA, 1982, p. 38, grifo nosso).

Considerando a definição de Lapassade sobre instituição, e a de Serra e Souza sobre a prática institucionalizada do serviço social, pode-se compreender, assim, que a:

Para saber mais

Instituição é a junção articulada de saberes, práticas interventivas/controladoras, normas, que são produzidas nas relações entre os indivíduos. Tem por finalidade regular o funcionamento da vida dos diversos tipos de pessoas nas mais diversas classes sociais às quais pertencem, além de ser um espaço propício a contradições devido às relações de poder inerentes à mesma.

Bleger (1991, p. 67) compreende a instituição como "o conjunto de normas, das regras e das atividades agrupadas em torno dos valores e das funções sociais". Ou seja, a instituição pode ser entendida na prática como um guia de normas e regras sociais que são reproduzidas na realidade cotidiana das pessoas. E Bock (2002, p. 217) complementa:

> Atravessa, de forma invisível, todo tipo de organização social e toda a relação de grupos sociais. Só recorremos claramente a estas regras quando, por qualquer motivo, são quebradas ou desobedecidas.

A instituição se realiza por intermédio do grupo, é a através dele que se determina e realiza as regras. O grupo é o sujeito que reproduz e que, em outras oportunidades, reformula tais regras. E também o sujeito responsável pela produção dentro das organizações e pela singularidade, ora controlado, submetido de forma acrítica a essas regras e valores, ora sujeito da transformação, da rebeldia, da produção do novo (BOCK, 2002, p. 217).

As instituições acabam assumindo a função de realizar a mediação das estruturas sociais, definindo papéis para a reprodução das relações sociais, de acordo com o que está previsto pelo contexto social a qual a instituição está inserida. Podemos nomear a família e a escola exemplos de instituições que assumem a perpetuação do

aparelho ideológico de uma determinada sociedade. Como já abordamos, a família será a primeira instituição que irá nos transmitir os valores presentes na sociedade.

Agora convidamos vocês a conhecerem um pouco mais sobre a instituição familiar.

2.3.1. A instituição familiar

Ao longo do processo histórico, a estrutura familiar passou por muitas transformações sociais, culturais e políticas.

No Brasil, durante todo o período colonial, compatível com a ética religiosa e social da colônia, os casamentos aconteciam sob razões ou interesses familiares. O casamento nessa época era considerado uma engrenagem essencial para a manutenção e transmissão do patrimônio.

"Pais, tutores ou outros responsáveis decidiam que alianças seriam contraídas pelos filhos ou tutelados, considerando apenas os benefícios econômicos e sociais do grupo familiar. Os motivos de ordem afetiva raramente pesavam na determinação de uma união conjugal" (COSTA, 1989, p. 17).

A partir da terceira década do século XVIII, de acordo com Costa (1989), dá-se início no Brasil o sanitarismo. O objetivo do sanitarismo era acabar com a desordem higiênica dos velhos hábitos coloniais. A mortalidade infantil era alta e as condições higiênicas precárias. O Estado começa a intervir nas famílias brasileiras, educando de acordo com os preceitos sanitários da época. Esse fato iria transformar os costumes e hábitos familiares.

O sanitarismo desarticulou as razões familiares e impôs novas regras ao contrato conjugal. O casamento como instituição higiênica, por amor à sua pátria, tinha agora um compromisso com os filhos, não mais com seus pais.

Um dos pressupostos incutidos pela higiene, foi determinar que o amor fosse necessário para uma ligação conjugal. Para Costa (1989):

> o amor tornou-se necessário à higiene porque era um dos poucos estandartes morais disponíveis na luta contra os valores patriarcais do período colonial, em particular, na luta pelo direito de escolha afetiva e pessoal do cônjuge contra as razões do grupo familiar. Outro sentido da recuperação e utilização higiênica do amor foi seu alto valor enquanto padrão moral da vida familiar. O amor tornou-se o substituto da ética religioso-patrimonial. Criou-se o novo código coercitivo das relações entre homens e mulheres (COSTA, 1989, p. 232).

Estabeleceram-se obrigações entre os cônjuges permeados pelo contrato conjugal. Esse padrão de controle era superior à instituição religiosa porque depositava no indivíduo a culpa por eventuais fracassos da relação conjugal. Se o pressuposto do casamento por amor era uma escolha individual, livre das interferências familiares, cabia ao indivíduo toda a responsabilidade pela dissolução da família. "O infrator sentia-se, agora, duplamente coagido. Sofria a reprovação social e padecia o remorso de trair as expectativas amorosas do parceiro" (COSTA,1989, p. 233). O amor foi utilizado pela higiene para estimular a responsabilidade do casal na manutenção

do casamento. Estabeleceu-se uma simbiose entre sexo e amor. O sexo precisava do amor para permanecer nos limites do lar.

Finalmente, o amor executava uma outra importante tarefa higiênica: a criação e a regulação dos novos papéis sociais do homem e da mulher no casamento. A reformulação da vida do casal deu-se a partir da nova conceituação imposta ao homem e à mulher pela higiene (COSTA, 1989, p. 234).

O autor afirma que para compensar a perda do antigo poder social (escravos, crianças, mulheres), numa forma substitutiva, a higiene oferece ao homem o poder sexual sobre a mulher. "A honra e o poder do patriarca colonial repousavam no nome de família e na posse de terras e escravos. A honra e o poder do 'pai higiênico' vão depender sobretudo da posse da mulher e da respeitabilidade sexual" (COSTA, 1989, p. 252). Devido às normas sexuais, a independência da mulher não podia passar os limites da casa e do consumo de bens, como também da imagem da mulher-mãe.

Para cumprir o dever de pai, o homem recebeu a autorização para ser macho. O machismo de certa forma foi dado ao homem numa forma de compensar a perda de seu tradicional poder.

Com a higiene, a vida do cidadão, habitante comum da grande cidade brasileira do século XIX, vai girar em torno dos filhos: "[...]vai casar para ter filhos, trabalhar para manter os filhos; ser honesto para dar bom exemplo aos filhos; investir na saúde e educação dos filhos; poupar pelo futuro dos filhos; submeter-se a todo tipo de opressão pelo amor dos filhos; enfim ser acusado e aceitar a acusação, ser culpabilizado e aceitar a culpa, por todo tipo de mal físico, moral ou emocional que ocorresse aos filhos" (COSTA, 1989, p. 251).

Nas sociedades urbanas ocidentais, inclusive no Brasil, as capacidades femininas para o trabalho fora do âmbito doméstico somadas às necessidades de sobrevivência ditadas pelas circunstâncias iniciaram uma reviravolta nas expectativas sociais, familiares e pessoais acerca do sexo que até então estivera confinado nos resguardo do espaço doméstico e no cumprimento da função reprodutiva. A dominação do homem sobre a mulher começa a diminuir com a participação da mulher na produção e sua progressiva emancipação. Novos valores surgem para orientar as relações na família.

Ocorreram mudanças significativas no âmbito familiar, a partir da redefinição do poder autoritário na relação entre o homem e a mulher. A época moderna levou à ruptura desses papéis, provocando mudanças nas relações afetivas. De acordo com Vaitsman (1994, p. 16) , a crise da família e do casamento moderno foi provocada:

> [...] pelo abalo de seus fundamentos: a divisão sexual do trabalho e a dicotomia entre público e privado atribuída segundo o gênero. Desempenhando múltiplos papéis na esfera pública e em suas vidas cotidianas, muitas mulheres deixaram de restringir suas aspirações ao casamento e aos filhos. Desafiaram a dicotomia entre público e privado, conquistaram direitos como cidadãs. O individualismo patriarcal foi abalado e a igualdade entre homens e mulheres colocou-se como possibilidade social. Com isso, explodiu o conflito entre o 'indivíduo' e o 'coletivo' no casamento e na família.

As normas e valores como "até que a morte os separe" e "felizes para sempre", que organizavam e legitimavam o casamento e a família conjugal, desenvolvidas no Brasil urbano a partir das últimas décadas do séc. XIV, havia se tornado instáveis e frágeis. Até mais ou menos os anos 1960, a única forma aceita de institucionalizar as relações afetivo-sexuais, pelo menos entre as camadas médias urbanas, era por intermédio do casamento legal e indissolúvel. Depois de duas décadas, o que se percebia "é que a heterogeneidade quanto aos padrões de família e casamento haviam se instituído e ganho legitimidade social e cultural" (VAITSMAN, 1994, p. 13).

A diferença entre os papéis de homem e de mulher tende a desaparecer, confundindo-se ou multiplicando-se, sendo o determinante principal a diferença de opção de cada indivíduo. Não obstante, segundo Vaitsman (1994), essa possibilidade de 'nova família' dá-se num plano idealizado, pois, na realidade, na família atual brasileira o moderno convive muitas vezes de modo sutil ou angustiante com o arcaico" (VAITSMAN,1994, p. 14).

A ruptura da dicotomia e da ideia de unidade e a pluralidade do indivíduo não resolveram os dilemas das desigualdades e diferenças entre homens e mulheres e tampouco eliminaram a divisão sexual do trabalho, sobretudo na esfera doméstica. De acordo com Vaitsman (1994) os fundamentos de legitimação da desigualdade se modificaram radicalmente. Em sua visão progressista:

> o corolário da crítica da noção patriarcal de indivíduo seria uma concepção de igualdade que incluísse a diferença; uma narrativa onde as diferenças não mais se traduzissem em desigualdades, mas em pluralidades e singularidades, irredutíveis entre si. É nessa pedra angular na reconstrução cultural, política e institucional das formas de organização da vida cotidiana (VAITSMAN, 1994, p. 19).

Na verdade, a desigualdade entre homens e mulheres na sociedade contemporânea persiste, e se verifica nas relações de poder que se estabelecem no nível dos indivíduos. Relações sexuais não consentidas, maus tratos, abandono material ou emocional, violência física e simbólica permeiam as relações entre homens e mulheres. Um tipo de exercício de poder do homem sobre a mulher, o machismo, apoiado na configuração atual das relações entre os gêneros. Toda essa velocidade das mudanças sociais acelera a alteração dos padrões de comportamento, aumentando a distância existente entre o que o homem vive e o que foi aprendido e internalizado na infância.

Os homens, como parte deste processo, também são presas das armadilhas do gênero, e a obrigação de cumprir alguns dos estereótipos da masculinidade poderia ser tão opressivo para eles quanto o cumprimento dos estereótipos do feminino é para muitas mulheres. Para Bordieu (1998): "O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contenção permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade" (BORDIEU, 1998, p. 64).

São homens que foram educados para serem grandes, porém acabam vítimas de um modelo de educação que busca a perfeição e que os prepara para não errar

jamais, para vencer sempre, fazendo com que não sobrevivam às experiências de fracasso. Para Caldas (1997):

> As dificuldades de exposição e de comunicação ainda não permitiram tempo suficiente para as mudanças; é por isso que os comportamentos afetivosexuais guardam um ranço das ideias antigas. Muitos homens sentem as vantagens de ser do sexo masculino, pois dentro do que aprenderam, são os mais fortes, os todo—poderosos, e contam com isso para sobressair numa relação afetiva e sexual. Eles extrapolam os limites aceitos pelo social (CALDAS,1997, p. 100).

A experiência de submissão para a mulher, embora a ofusque-se, era curiosamente e diretamente responsável por intensificar o brilho do homem. Com a mudança de foco, torna-se insuportável para o homem dividir o papel principal, ou alterná-lo eventualmente com sua parceira. Os homens acabam por se perder nas relações. Sem perceber, resistem às variações de comportamento, assumindo um jogo de poder, acabando por desprezar as mudanças.

A mulher cresceu, tem seu lugar na sociedade, mas ainda resiste, ora pelo sentimento de culpa, ora pelas restrições à sua liberdade. São mulheres que têm consciência de seus direitos. Para integrar-se no processo de modernidade, consequência natural da História, de acordo com Caldas (1997):

> Homens e mulheres devem acompanhar o curso das mudanças sociais, sem perder o seu referencial interno. Deve ser assertivo em suas relações a ponto de se expressar para sentir-se bem, construindo um referencial externo a partir disso. Só assim conseguirá viver e lidar com as situações externas e a adversidade das mudanças (CALDAS, 1997, p. 118).

Há uma demanda social que exige a construção de novos sentidos sociais para o feminino e o masculino, a partir da desconstrução e reelaboração de significados.

Assim, afirmamos ser possível homens e mulheres se relacionarem de forma respeitosa e igualitária, onde suas insígnias de gênero possam ser isoladas no sentido de crescimento mútuo. Trilhando uma relação mais igualitária, em que a diferença não tenha que significar desigualdade.

Nesta seção foram discutidos os aspectos teóricos do processo de socialização e a formação dos grupos. Esse estudo proporcionou uma reflexão sobre a reprodução dos papéis sociais que permeiam a nossa sociedade e o quanto eles são previamente prescritos antes mesmo de nascermos.

Seção 3 Identidade

O que nos torna únicos? Será que é o nome que os nossos pais escolhem quando descobre que vão ter um filho ou filha? Será a história pessoal de vida, suas experiências? Ou a história de toda a sociedade na qual o indivíduo está inserido?

Vamos em busca dessas respostas a partir deste momento.

3.1 Identidade

Para compreender o conceito de identidade, buscamos a definição de Bock (2002, p. 145) :

> A denominação dada às representações e sentimentos que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio, a partir do conjunto de suas vivências. A identidade é a síntese pessoal sobre o si-mesmo, incluindo dados pessoais (cor, sexo, idade), biografia (trajetória pessoal), atributos que os outros lhe conferem, permitindo uma representação a respeito de si.

Podemos referenciar o nome pessoal como uma das primeiras formas de identificação. "Nós nos identificamos com nosso nome, que nos identifica num conjunto de outros seres" (CIAMPA, 1985, p. 63).

Nesse sentido, Ciampa (1985) complementa o seu pensamento, destacando que será na diferença e na igualdade que surgem a nossa primeira noção de identidade. E explica:

> Sucessivamente, vamos nos diferenciando e nos igualando conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte: brasileiro, igual a outros brasileiros, diferente dos estrangeiros, homem ou mulher (CIAMPA, 1985, p. 63).

A identidade vai sendo construída a partir das vivências nos grupos a qual fazemos parte, na forma como vivemos nossa prática, e nosso modo de agir.

Podemos afirmar seguindo esta linha de raciocínio que os indivíduos se constituem por suas ações e, portanto, a nossa identidade é determinada. De acordo com Ciampa (1985, p. 66):

> O caráter temporal da identidade fica restrito a um momento originário, quando no tornamos algo, por exemplo, sou professor (tornei-me professor) e desde que essa identificação existe me é dada uma identidade de professor como uma posição. Eu como ser social sou um ser posto.

Por sermos seres sociais, cada identidade é perpapassada por outra identidade, por outras histórias de vida, como, nas palavras do autor, há uma:

> [...] intrincada rede de representações que permeia todas as relações, onde cada identidade reflete outra identidade, desaparecendo qualquer possibilidade de se estabelecer um fundamento originário para cada uma delas (CIAMPA, 1985, p. 67).

E Ciampa (1985) continua a sua reflexão compreendendo que as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social ao mesmo tempo em que reagem sobre ela, conservando-a ou a transformando-a.

Nesse sentido, identidade pode ser considerada movimento e transformação. "Identidade é metamorfose. É sermos o um e um outro, para que cheguemos a ser um, numa infindável transformação" (CIAMPA, 1985, p. 74).

Somos indivíduos atores e autores de nossa história e da sociedade a qual estamos inseridos. "A nova psicologia social o concebe como um ser social, que constrói a si próprio, ao mesmo tempo que constrói, com os outros homens, a sociedade e sua história" (BOCK, 2002, p.146).

Portanto, a identidade dos indivíduos não é algo acabado, estático e sim em constante transformação, perpassado por representações sociais, redefinindo-se em cada momento de vida ou contexto social.

Nas palavras de Bock (2002, p. 207):

> É importante que tenha ficado claro que a identidade é um processo de construção permanente, em continua transformação — desde antes de nascer até a morte — e, neste processo de mudança, o novo — quem sou, agora — amalgama-se com o velho — quem fui ontem, quando era adolescente, criança! É isto que dá o fio da história de cada um [...].

Para saber mais

A **identidade** é ponto fundamental na formação do ser humano. Não existe nenhum tipo de relação que estabeleçamos sem que a nossa identidade se manifeste, pois esta é manifestada inconscientemente pelo sujeito. A identidade fala do ser do ente (o íntimo do sujeito), tanto que diz Parmênides: o ser faz parte da identidade e esta determina o ser.

A identidade é resultado de um processo de mediação que conduz a uma síntese, isto é, um processo de captação do externo que acaba por formar a identidade.

Contudo, a identidade não é e não pode ser considerada um ponto estático do ser, justamente porque as relações não são estáticas.

3.2 Papéis sociais

Quando o indivíduo nasce, há toda uma expectativa social de como ele deve se comportar. Os papéis sociais que os indivíduos desempenham, já foram prescritos pelos grupos a qual faz parte.

A enorme plasticidade como seres humanos e os diferentes papéis sociais que desempenhamos permitem que nos adaptemos às diferentes situações sociais e que

sejamos capazes de nos comportar diferentemente em cada uma delas. Quando aprendemos os nossos papéis sociais, estamos na realidade aprendendo o conjunto de rituais que nossa sociedade criou.

Para que nós possamos neste momento entender melhor a questão dos papéis sociais, vamos abordar o que vem a ser ***status*.**

> *Status* refere-se à posição mantida ou à função desempenhada por uma pessoa em dada ocasião. Papel é o conjunto de comportamentos esperados de uma pessoa que detém um certo *status* (nota: a palavra *status* tem um segundo significado, implicando prestígio ou posição. Os dois significados de *status* não são necessariamente os mesmos, embora a posição de um indivíduo possa lhe dar prestígio) (WITTING, 1981, p. 260).

Logo espera-se que cada pessoa aja de acordo com o papel que assumiu. Algo é esperado dela, uma vez que ela assumiu determinado papel. Algo é esperado de nós, uma vez que assumimos determinado papel.

> Em alguns casos, isto é exatamente o que acontece; a pessoa age de acordo com o papel que aceitou. A pesquisa sobre papéis sociais já demonstrou que estes podem influenciar significativamente o comportamento. Uma pessoa em um dado papel pode ter expectativas baseadas nele, as quais podem causar certas espécies de comportamento (WITTING, 1981, p. 260).

É importante ressaltar que nós não detemos um único papel. Assumimos em nossa vida vários papéis, que logo pedem comportamentos compatíveis com tais papéis.

Assumimos o papel de filho, de marido ou esposa, de profissional, de amigo, de chefe ou empregado, de paroquiano, de pastor, de sócio de um clube, tesoureiro, secretário, enfim, no decorrer de nossa existência vamos assumindo inúmeros papéis.

Questões para reflexão

Quais os papéis que hoje você assume em sua vida? Como os desempenha? Existem conflitos entre eles?

Assim, desempenhando vários papéis ao longo de nossa vida podemos em algum momento entrar num conflito de papéis. Como segue no exemplo abaixo:

> Muitas organizações patrocinam competições de aptidão física. O objetivo é conseguir tantos participantes quanto seja possível e frequentemente há alguma espécie de distinção concedida a cada pessoa que completa o curso. Contudo, em algumas dessas competições, pode-se ver que os participantes usam atalhos para chegarem à frente de outros competidores. Aparentemente, o papel de um participante que está na competição para o propósito declarado — aptidão física — é importante para algumas pessoas. Mas

> o papel do competidor (com uma forte necessidade de 'ganhar') parece ser mais importante para outros, e desse modo, leva à fraude por parte de alguns (WITTING, 1981, p. 260).

Em certas ocasiões, um único papel pode solicitar mais do que um comportamento possível, e estes comportamentos podem estar em conflito. A situação chama-se conflito intrapapéis. Como podemos perceber no exemplo que segue:

> Os supervisores nas fábricas amiúde têm conflitos intrapapéis. Um aspecto de seu trabalho é orientar os trabalhadores e procurar auxiliá-los a ter satisfação no cargo. Um outro aspecto, no entanto, é manter um nível de produção que satisfaça a administração. Estes dois propósitos nem sempre estão em concordância, de modo que o supervisor tem de escolher qual a meta a perseguir em uma dada situação e, a longo prazo, encontra o equilíbrio apropriado entre satisfazer a administração e satisfazer aos trabalhadores (WITTING, 1981, p. 260).

Nossos comportamentos estão sujeitos à influência dos grupos aos quais pertencemos, os quais emitem opiniões acerca do seu desempenho. Logo, é possível compreender que uma pessoa que age conforme a determinação de um determinado grupo sem qualquer questionamento encontra-se num estado de conformidade perante o mesmo.

O contrário também pode ocorrer, ou seja, o estado de inconformidade, que significa que o indivíduo age de modo oposto àquilo que o grupo anseia, contudo existe um terceiro tipo de ação, que é quando a pessoa não age influenciada pelas expectativas sociais e sim de acordo com as suas convicções, estes apresentam independência no papel que desempenham.

Importante:

Faz-se necessário frisar que todos sofremos influência e somos influenciados, mesmo que não percebamos.

> A opinião do grupo exerce um efeito poderoso sobre a maneira de uma pessoa se vestir. Algumas das modas apresentadas pelos figurinistas 'pegarão' se muitas pessoas se conformarem ao estilo do momento; outros desenhos serão rejeitados pelo público e se tornarão desastres financeiros para os figurinistas e fabricantes de roupas. Na indústria da moda, o êxito financeiro depende em grande parte de quantas pessoas se conformarão ao novo estilo ou 'aparência' (WITTING, 1981, p. 260).

Lane (1985) complementa este pensamento dizendo que o estabelecimento de papéis a serem desempenhados socialmente leva a sua cristalização, e nos dá um exemplo, o papel da mulher nas suas formas de ser e agir. "Essa cristalização faz com que os papéis sejam vistos como tendo uma realidade própria, exterior aos indivíduos que têm de se submeter a eles, incorporando-os" (LANE, 1985, p.83).

O papel social e a ideologia nesse sentido apresentam uma certa identidade, e será na família o lugar privilegiado de reprodução ideológica que se desenvolve o aprendizado do nosso primeiro papel social, o de ser filho.

Portanto, a família burguesa inserida nas relações sociais mais amplas vai modelar o desenvolvimento dos papéis sociais de seus membros em função das determinações sócio-históricas que transcedem.

Chegamos à conclusão que os papéis sociais presentes em nossa sociedade, como ser mãe, pai, filho, dentre outros, são aprendidos. Quando desempenhamos esses papéis em nosso cotidiano estamos na realidade aprendendo o conjunto de rituais que nossa sociedade criou. E será por intermédio primeiramente da família que reproduziremos esses papéis pré-determinados. Uma prática transformadora se dará em nossa sociedade quando percebermos e questionarmos a função ideológica e maquiadora dos papéis assumidos dentro de um contexto histórico.

Agora chegou o momento de abordarmos a temática das representações sociais. E a primeira pergunta que precisamos responder é: será que aquilo que tomamos como real, objetos, situações de nosso cotidiano, nada mais é do que uma interpretação dessa realidade, uma representação social? Vamos buscar as respostas a esses questionamentos.

3.3 Representações sociais

O conceito de representação social tem sua origem na definição de representação coletiva, utilizada por Durkheim. É o teórico Moscovici que retoma e dá novos contornos ao conceito, em 1961.

As representações sociais podem ser compreendidas como formas de conhecimento prático, o saber do senso comum, que é socialmente construído para dar sentido à realidade da vida cotidiana. Em outras palavras, representação social é uma forma de interpretar o mundo social.

Para Arruda (1992, p. 120), representação social é definida como:

> [...] uma proliferação de conceitos, imagens, que nascem e evoluem sob nossos olhos, sem terem tempo de se transformarem em tradições. Eles determinam nossa visão de mundo e nossa reação às pessoas e coisas. Seus impactos não provêm da sua consistência, mas da penetração que tem a visão que transmitem e da ação que encorajam.

Codo busca a definição de Spink para explanar sobre as representações sociais, de acordo com a autora, o saber tem dupla função: "estabelece uma ordem que permita aos indivíduos orientarem-se em seu mundo material e social e dominá-lo; e possibilita a comunicação entre os membros de um determinado grupo" (SPINK apud CODO, 1995, p. 2).

Nesse sentido, Jodelet (1984 apud ARRUDA, 1992) explica que a noção de representação social se encontra na interface do psicológico e do social, pois nós, enquanto sujeitos sociais, aprendemos os fatos da vida cotidiana, informações de nosso meio e das pessoas que nos cercam.

Um conhecimento prático que leva à construção social da realidade. E, nesse sentido, é um conhecimento socialmente elaborado e partilhado.

O conhecimento prático, para Codo (1995), assume expressões criativas, não sendo, portanto, apenas cópias da realidade objetiva, nem tampouco um produto exclusivo da imaginação. De acordo com o autor, sua construção dá-se na interface objetivo-subjetivo, coletivo-individual e cita a conceituação de Jodelet para representação social:

> [...] o conceito de representação social designa uma forma de conhecimento específico, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente caracterizados. Em sentido mais amplo, designa uma forma de pensamento social (JODELET apud CODO, 1995, p. 50).

A palavra "social" já nos indica que as representações são fruto de um diálogo constante entre indivíduos e grupos, portanto, a função principal das representações é a comunicação e a ação, processos pelos quais elas são geradas.

Arruda (1992) referencia Moscovici para explicar os dois processos principais (ancoragem e a objetivação) para compreender como o social transforma um conhecimento em representação, e como essa representação, por sua vez, transforma o social.

A **ancoragem** "refere-se à inserção orgânica do que é estranho no pensamento já construído, ancoramos, portanto, o desconhecido em representações já existentes" (SPINK apud CODO, 1995, p. 2).

Observa-se a necessidade dos indivíduos de tornar o que é estranho em familiar. A integração da novidade é uma função básica da representação social. Podemos exemplificar com o descobrimento da AIDS na década de 1980, até então uma doença que estava matando e a medicina não tinha um conhecimento a respeito das causas.

O segundo processo, a **objetivação**, diz respeito à cristalização de uma representação, "a constituição formal do conhecimento. A objetivação é essencialmente uma operação formadora de imagens [...]" (SPINK apud CODO, 1995, p. 51).

Em relação a este fato, Codo (1995, p. 51) afirma que neste processo, ainda que as representações sociais se cristalizem, "isto não quer significar que sejam imutáveis pois sofrem modificações".

É importante compreender que as representações sociais não são um conceito fechado, uma teoria acabada, mas algo sempre em construção.

Dessa forma, o conteúdo, as construções e as modificações das representações sociais estão sempre localizados no contexto social em que estão inseridas.

3.3.1 Consciência

A linguagem do ser humano nada mais é que um produto histórico, que carrega representações, valores, códigos e significados dos grupos sociais dos quais os indivíduos fazem parte.

Para se chegar ao nível de consciência e alienação dos indivíduos, é necessário estudarmos as representações sociais. Tanto nos aspectos da linguagem-pensamento, quanto às ações dos sujeitos.

Mas você deve estar se perguntando: como surge o processo de consciência do indivíduo?

Para Bock (2002, p. 144):

> A consciência, como produto subjetivo, como apropriação pelo homem do mundo objetivo, produz-se em um processo ativo, que tem como base a atividade sobre o mundo, a linguagem e as relações sociais.

A consciência pode ser analisada por intermédio de suas mediações, ou seja, na realidade observável, com suas representações sociais, veiculadas pela linguagem, que são expressões da consciência. Bock (2002, p. 144) nos exemplifica:

> Quando alguém discursa ou simplesmente fala sobre algum assunto, está se referindo ao mundo real e expressa sua consciência através das representações sociais. A representação social é a denominação dada ao conjunto de ideias que articula os significados sociais, isto é, o sentido construído coletivamente para o objeto, com o sentido pessoal. Envolve crenças, valores e imagens que os indivíduos constroem, no decorrer de suas vidas, a partir da vivência na sociedade.

No entanto, o indivíduo também atua no mundo objetivo, compreendendo-o e ao mesmo tempo transformando-o. A consciência, portanto, é um certo saber, reagimos ao mundo compreendendo-o, "sabendo-o". Para Bock (2002, p.144) a consciência não vai se limitar apenas ao saber lógico, mas também está incluso " [...] o saber das emoções e sentimentos do homem, o saber dos desejos, o saber do inconsciente". E a autora conclui que a maneira de reagir dos indivíduos ao mundo, a consciência, não é algo imutável, ela estará em permanente movimento.

A consciência é um:

> [...]termo empregado em psicologia e filosofia para designar, por um lado, o pensamento em si e a intuição que a mente tem de seus atos e seus estados, e, por outro, o conhecimento que o sujeito tem de seu estado e de sua relação com o mundo e consigo mesmo. Por extensão, a consciência é também a propriedade que tem o espírito humano de emitir juízos espontâneos (ROUDINESCO; 1998, p. 130).

Podemos concluir nesta seção que as representações sociais enquanto comportamentos sociais são criadas e recriadas constantemente e neste processo influenciam o indivíduo e a sociedade. É muito importante uma análise crítica a respeito das representações e a realidade a qual estão submetidas.

Nesta seção foi possível conhecer os aspectos presentes na formação da identidade e o quanto ela é composta pela articulação dos vários personagens que desempenhamos ao longo da vida (papéis sociais). Chegamos à conclusão, também, que a consciência é um certo saber, reagimos ao mundo compreendendo-o, "sabendo-o". E que a consciência não é algo imutável, ela estará em permanente movimento.

A compreensão da construção da consciência nos auxilia na própria autocompreensão e daquele que a pouco será nosso usuário. Entender o homem e a sua relação com a sociedade nos possibilita a decodificação de problemáticas na vida de cada indivíduo que chega até nós. Isto significa sair do senso-comum e avançar para o senso-crítico, revelando um profissional atento às particularidades de cada ser humano.

Seção 4 Ideologia e alienação

Ao analisarmos o processo ideológico, poderemos compreender melhor a realidade em que vivemos, tal processo se dando muitas vezes de forma inconsciente, determina todo o processo histórico de uma sociedade e a forma de agir de uma população. São vários os determinantes que compõem tal processo e influenciam na vida do indivíduo. Representando, assim, uma forma de poder instituído em uma sociedade.

A ideologia faz parte de um processo de reprodução, em que veremos que a família é um dos seus reprodutores assume um papel significativo na formação da vida de todo e qualquer indivíduo. A presença da família também determina características de uma sociedade e o seu processo histórico. Podemos perceber isso ao analisarmos as configurações familiares ao longo do tempo, sua composição, arranjos e rearranjos ao longo da história humana.

Em seguida refletiremos sobre o processo de alienação na sociedade, a sua relação com o sistema capitalista e o mundo do trabalho. Como pode o homem alienar-se? Considerando que também existe uma possibilidade de desalienação.

Considerando as diversas instituições sociais, avançamos em nossa leitura percebendo as divisões sociais, que perpassam e formam a vida social humana, verificando os tipos de alienação presente no mundo atual.

Sendo assim, faça a sua leitura, reflita e contextualize os elementos trazidos até você através deste material. Será agradável e enriquecedor. Bom trabalho!

4.1 Ideologia

A ideologia pode ser compreendida como um sistema de representações e normas que “ensinam” os indivíduos a conhecer e agir. No entanto, a ideologia enquanto processo universaliza o que é particular, no sentido do apagamento das diferenças e contradições individuais (CHAUI, 1982).

As ideias da ideologia estão fora do lugar, e do tempo, pois não correspondem à realidade. Apresenta-se na forma imediata, não tem história, fora de seu contexto real, para uso da dominação vigente.

Para Chaui (1982) a ideologia incorpora e consome as novas ideias desde que tenham perdido as amarras com o tempo. O movimento ideológico teme tudo que possa ser instituinte, fundador e só pôde incorporá-lo quando perdeu a força inaugural e tornou-se algo já instituído (CHAUÍ, 1982).

Nesse sentido, o discurso competente (que pode ser dito, ouvido e aceito como verdadeiro), se torna realmente competente porque perdeu os laços com o lugar e o tempo de sua origem. Os interlocutores já foram autorizados a falar e ouvir, porém em lugares e momentos já determinados. Para a autora haverá tantos discursos competentes quantos lugares hierárquicos autorizados a falar e a transmitir ordem aos degraus inferiores e aos demais pontos da hierarquia.

A família como instituição tem a primeira e importante função de reprodução da ideologia. Partimos agora para conhecer um pouco da história do uso da terminologia.

4.1.1 Aspectos históricos da ideologia

A terminologia "**ideologia"** é utilizada pela primeira vez no livro de **Destutt** de Tracy, *Eléments d'Idéologie* (Elementos de Ideologia) no ano de 1801. Este teórico pretendia elaborar uma ciência da gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que expressam a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. No entanto, será com Marx que **ideologia** passa a indicar um sistema de ideias condenadas a desconhecer sua relação com o real.

Karl Marx: a ideia da ideologia usada em um contexto político em um sentido mais amplo foi utilizada pelo teórico há mais de 100 anos. Karl Marx, pensador e militante político alemão, lutava pela causa operária da época. Em sua produção escrita, identificou a sociedade como sendo dividida em dois grandes blocos opositores: uma chamada burguesia (patrões, proprietários), e o outro, proletariado, que trabalhavam mais de 14 horas/dia, nas indústrias da Europa, sem qualquer direito.

Se a sociedade era dessa forma dividida, haveria também, na consciência dessas classes, uma divisão da mesma natureza.

Karl Marx falava que a luta existente entre a classe dos trabalhadores e a classe dos proprietários era uma luta que não ocorria somente na prática, ou seja, não ocorria somente pelo confronto e agressão física, mas também como uma divisão em relação às ideias que essas classes possuíam. A terminologia ideologia, para o teórico, era esse conjunto de ideias pertencentes a cada classe.

Para Marx e seu companheiro **Engels** não havia uma preocupação com essa questão das ideias. Eles estavam mais interessados no problema da prática política e econômica e das diferenças de classe e em como a classe proletária poderia ter a capacidade de chegar ao poder. A questão ideológica era um problema que existia para eles em um plano mais discreto. Em seus escritos, a ideologia era apresentada como uma "forma falsa" com a qual a classe dos proprietários tentava legitimar suas atitudes e suas políticas antioperárias. Neste aspecto, portanto, a palavra ideologia significava uma explicação errada, intencionalmente falsa, dos fatos que aconteciam na luta entre as classes.

As ideias de **Marx e Engels** ecoaram de forma muito forte, a ponto do movimento operário, no final do século passado, ter-se divulgado bastante e exigido transformações muito radicais na sociedade.

Após a morte de Marx e Engels, a transformação mais significativa que ocorreu, foi a Revolução Russa, liderada por Lênin em 1917.

Para **Lênin**, a questão das ideias já começava a ser um pouco mais preocupante. Lênin entendia que tanto os trabalhadores quanto os patrões possuíam ideias próprias, específicas, e para ele o conceito de ideologia era muito claro: havia duas ideologias na sociedade, a proletária e a burguesa.

O pensamento de que ideologia é uma coisa falsa, utilizada para enganar, para explicar os fatos de forma errada, não era aceito por Lênin. A ideologia foi adquirindo cada vez mais importância. Iniciava-se, em 1920, um apagamento daquilo que foi chamado de ideologia ou cultura proletária.

4.1.2 As mudanças no conceito

Os trabalhadores passaram a ganhar mais, a participar da vida burguesa, começaram a ter mais direitos, a poder comprar mais, e deixaram de morar em locais miseráveis e precários. No começo desse século, inicia-se uma chamada “integração” do operário na vida cultural da sociedade. As ideias dos burgueses começaram a fazer parte das ideias dos trabalhadores, sendo que o surgimento dos meios de comunicação, como rádio, cinema, jornal, cooperou muito para que isso acontecesse. Era o fim da história de que o operário formava um grupo à parte na sociedade.

Após a Revolução Russa, há um rápido desenvolvimento do capitalismo, principalmente na Europa. Um período marcado por uma discussão séria sobre a ideologia. **George Lukács,** pensador húngaro, foi o primeiro a declarar que o Movimento Operário alemão não conseguiu êxito e impor-se, porque o pensamento do trabalhador apresentava uma relação muito ambígua; havia certos pensamentos burgueses que se confundiam na consciência dos trabalhadores, fato que não desapareceu com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

4.1.3 O conceito foi ampliado

Marx via o conceito de ideologia como consciências separadas do proletariado e dos burgueses.

Lukács e os pensadores modernos olhavam a questão da consciência operária como alguma coisa misturada, um conjunto de ideias, às vezes até bem diferentes da sua realidade de classe.

A questão da ideologia, atualmente, é um pouco mais ampla do que isso. Não é apenas de fórum político, de ser contra ou a favor do proletariado, da burguesia, do capitalismo ou do socialismo. Ideologia hoje é definida como um estilo de vida.

Se olharmos a ideologia como o uso de formas simbólicas para criar ou reproduzir relações de dominação, podemos concluir que as representações sociais, pelo fato de serem simbólicas, podem ser ideológicas, mas não podemos deduzir isto *a priori*.

Para dizer que uma representação social é ideológica, precisamos primeiramente demonstrar que ela serve, em determinadas situações, para criar ou reproduzir relações de dominação.

Mas vocês devem estar se perguntando, afinal, o que são formas de dominação?

Podemos entender dominação como uma relação assimétrica, desigual, onde uns se apropriam da capacidade do outro.

A ideologia tem a função de nos impedir de pensar nos determinantes de nossas condições de vida.

Uma outra função da ideologia é ocultar e mascarar as divisões sociais e políticas, darem-lhes a aparência de indivisão e de diferenças naturais entre os seres humanos.

Sabe aquela ideia que é vendida que somos todos iguais? Será essa ideia verdadeira?

Muitas vezes o processo ideológico nos leva a crer que a desigualdade existe não por uma exclusão social e econômica e sim por culpa do próprio indivíduo. E isso é tão naturalizado, que acabamos acreditando que é uma verdade.

A ideologia diz a todo o momento que somos todos cidadãos e, portanto, temos todos os mesmos direitos. No entanto, na prática sabemos que isso de fato não acontece.

Para resumir, pessoal, ideologia é um conjunto de ideias, de procedimentos, de valores, de normas, de pensamentos, de concepções religiosas, filosóficas, intelectuais, que possui certa lógica, certa coerência interna e que orienta o sujeito para determinadas ações, de uma forma partidária e responsável.

4.2 Alienação

Para compreender o conceito de alienação, primeiramente precisamos entender como o homem se construiu, para compreender como ele se nega.

As relações de trabalho acabam determinando o comportamento das pessoas, ou seja, sua postura, suas expectativas, seu afeto, suas emoções.

Para o teórico Codo (1986, p. 20), é preciso entender que o homem se constrói por intermédio do trabalho, um processo que iguala e se diferencia de si e do outro, "transforma o outro e é transformado por ele."

Nas palavras de Codo (1986, p. 20): "[...] transformamos a natureza que também nos transformou. E estiveram presentes todos os trabalhos de todos os homens do mundo. O homem se hominiza pelo que faz."

Temos sempre que ter em mente que toda mercadoria ou objeto que compramos representa o trabalho de centenas de pessoas.

4.2.1 As formas de alienação

Para o autor Codo (1985), o trabalho atualmente é considerado um trabalho alienado, desligado do homem. Sobre esse ponto de vista, Codo afirma: "no trabalho organizado na sociedade capitalista, ocorre uma ruptura entre o produto e produtor, o trabalho produz o que não consome, consome o que não produz" (CODO, 1985, p. 48).

O autor faz uma explanação sobre o sistema capitalista para entendermos esse processo:

> O trabalho se transforma em mercadoria e passa a valer a quantidade de trabalho injetado, e não a qualidade do trabalho. A consequência é a eliminação das diferenças individuais no trabalho através da quantificação que a mercadoria promove. O trabalho não se perdeu,

> ganhou outro sentido, a mercadoria é mercadoria quando permite lucro. E qual é a mercadoria que permite o lucro, o trabalho humano contrato por um preço e vendido o mesmo trabalho por um preço maior. Apenas o trabalho humano pode ser explorado e transformado em lucro, exploração de um homem pelo outro (CODO, 1985, p. 45).

Primeiramente, a produção de mercadorias é totalmente coletivizada, mas os indivíduos não dominam o processo de produção. Os operários, nas palavras de Codo (1985, p. 46), "[...] produzem, mas não têm a mínima ideia de como se produz o produto que eles mesmos fazem".

> Quando o produto é rompido, este se apresenta estranho a nós, nos alienamos da nossa própria humanidade. O capital rouba do homem o reconhecimento de si mesmo como ser histórico (CODO, 1985, p. 50).

O sistema capitalista está centrado na mercadoria, por intermédio da venda do trabalho, na qual o valor pode gerar mais valor. Mais-valia dividida. O meio de produção é individido e o trabalho (força) é coletivo. O valor apenas se realiza quando atende a necessidade humana. Necessidade humana atendida, encerra-se o sistema. Dá-se início a outro processo.

O trabalho também adquiriu a função de criação e é por meio dele que o homem se torna vivo (CODO, 1985). Nesse sentido, o trabalho acaba sendo também um processo de angústia por estar inserido no capitalismo. Sistema este que acaba impedindo as relações entre as pessoas, apropriando-se de suas vidas.

É uma moeda de duas faces. Ao mesmo tempo em que o trabalho é despersonalizado por intermédio de sua simplificação, acompanhado da despersonificação dos indivíduos enquanto sujeitos, é pelo trabalho que os indivíduos se identificam enquanto pares no caminho para a consciência de classe. Os homens acabam se identificando entre si por necessidades comuns, aptos para uma luta comum (CODO, 1986).

A alienação gera consciência, que por sua vez gera alienação. Na ruptura do produto há a reconstrução de uma unidade nova, síntese da ruptura anterior. No movimento do capital na eliminação do trabalho enquanto sujeito surge a luta do trabalhador pela reapropriação do próprio gesto (CODO, 1985).

A luta contra alienação deve ser por intermédio de um processo grupal, e não individual, nas palavras do autor:

> O processo de conscientização, a rebeldia contra o cotidiano; a participação social e política tem um papel bastante importante na luta contra a alienação, mas tomadas isoladas não chegam a lugar algum o homem não pode escapar do sistema em que vive por um ato de consciência individual (CODO, 1985, p. 48).

Para saber mais

A alienação: quando o indivíduo não mais se pertence, não mais detém o controle de si mesmo ou se vê privado do seus direitos fundamentais, passando a ser considerado uma coisa; processo pelo qual um ser se torna outro, distinto de si mesmo, ficando estranho a si mesmo, perdendo--se ao projetar sua identidade em outro, fora de si; processo ou estado de despossessão de si, vivida pelo sujeito humano, perda de sua própria essência que é projetada em outro sujeito (SEVERINO, 1994, p.139).

4.2.2 Onde tudo começou...

Marx iniciou a sua investigação sobre a alienação social. Ele buscava compreender as causas pelas quais os homens ignoram que são os criadores da sociedade, da política, da história, e acreditam que a sociedade não foi instituída por eles, mas por vontade e obra da natureza, da razão etc.

Para Marx, os homens não se reconhecem como sujeitos sociais, políticos, históricos, como agentes e criadores da realidade. As pessoas não se percebem como sujeitos e agentes e se submetem às condições sociais, políticas, culturais.

Na busca de resposta a essas questões, Marx estudou o modo como as sociedades são produzidas historicamente pela prática dos seres humanos. E constatou que, historicamente, uma sociedade sempre começa por uma divisão e que essa divisão organiza todas as relações sociais que serão construídas posteriormente. Marx nomeia essas divisões como **divisão social do trabalho**.

Na luta pela sobrevivência, os indivíduos se agrupam para explorar a natureza e dividem as funções dos homens, das mulheres. A partir dessas divisões, estruturam a **primeira instituição social: a família**.

As famílias entre si trocam os produtos de seu trabalho. Inicia-se uma **segunda instituição social: a troca**, ou seja, **o comércio**. Nesse processo, algumas famílias conquistam mais bens que outras, tornam-se mais ricas e poderosas. As mais pobres acabam sendo obrigadas a trabalhar para as mais ricas em troca de produtos para a sua sobrevivência. Constitui-se a **terceira instituição social: o trabalho servil**, que terminará na escravidão. Os mais ricos se reúnem e decidem controlar o conjunto de famílias, distribuindo entre si os poderes e excluindo algumas famílias de todo o poder. Inicia-se a **quarta instituição social: o poder político**, na qual se constituirá o Estado.

A partir desse momento, os indivíduos já começaram a explicar a origem e a finalidade do mundo, já elaboraram mitos e ritos. As famílias ricas e poderosas dão a alguns de seus integrantes autoridade exclusiva para narrar mitos e celebrar ritos. Constrói-se uma **outra instituição social, a religião**, dominada por sacerdotes, de

famílias poderosas e que, por terem a autoridade para interagir com o sagrado, tornam--se temidos, venerados pelo restante da sociedade. Torna-se um novo poder social.

O conjunto de famílias dirigentes disputa entre si terras, animais e servos e dá início a uma **nova instituição social, a guerra**. Os vencidos se tornam escravos dos vencedores, e o poder econômico, social, militar, religioso e político se concentra ainda mais em poucas mãos.

A partir dessas descrições, Marx observou que a sociedade nasce pela estruturação de um conjunto de divisões: São elas:

- Divisão sexual do trabalho.
- Divisão social do trabalho.
- Divisão social das trocas.
- Divisão social das riquezas ou divisão social do poder econômico.
- Divisão social do poder militar.
- Divisão social do poder religioso.
- E divisão social do poder político.

Vocês devem estar se perguntando: por que divisão?

Porque em todas as instituições sociais, seja família, trabalho, guerra, religião, política, uma parte acaba detendo poder, riqueza, bens, armas, ideias e saberes, terras, trabalhadores, poder político, enquanto a outra parte não possui nada disso, estando subjugada.

Esse conjunto estruturado de divisões acaba por revelar a estrutura fundamental das sociedades como divisão das classes. Esse conjunto de instituições nascidas da divisão social, Marx nomeou **condições materiais** da vida social e política. Materiais porque se referem ao conjunto de práticas sociais pelas quais os homens garantem sua sobrevivência, como o trabalho e a troca dos produtos do trabalho, e constituem a **economia.**

A variação das condições materiais de uma sociedade irá constituir a História da mesma. Marx a indicou como **modos de produção**.

"Os homens fazem a história, mas não sabem que a fazem" (MARX apud CHAUI, p. 172, 1982). Os homens acreditam que fazem o que fazem e pensam o que pensam porque são indivíduos livres, autônomos e com poder para mudar o curso das coisas como e quando quiserem. Ex: o pobre é pobre porque quer.

Podemos dizer que a alienação social é o desconhecimento das condições histórico-sociais concretas em que vivemos, produzidas pela ação humana, também sob o peso de outras condições históricas anteriores e determinadas. Vai ocorrer uma dupla alienação: primeiramente os indivíduos não percebem que instituem a sociedade; no segundo momento, ignoram que a sociedade instituída determina seus pensamentos e ações.

As três formas de alienação social nas sociedades modernas ou capitalistas (CHAUÍ, 1982):

1. A **alienação social**: na alienação social os indivíduos não se reconhecem como produtores das instituições sociopolíticas e oscilam entre aceitar passivamente tudo o que existe, por ser considerado como natural, divino ou racional, ou se rebelar individualmente, acreditando que, por sua vontade e inteligência, podem mais do que a realidade que os condiciona. Nas duas situações, a sociedade é o **outro** (*alienus*), algo externo a nós, separado de nós, diferente e com poder total ou nenhum sobre nós.
2. A **alienação econômica**: na alienação econômica, os produtores não se reconhecem como produtores nem se reconhecem nos objetos produzidos por seu trabalho. Nas sociedades modernas, a alienação econômica é dupla: primeiramente os trabalhadores, como classe social, comercializam sua força de trabalho aos proprietários do capital, donos das fábricas, indústrias, etc. Comercializando sua força de trabalho no mercado, os trabalhadores são mercadorias e, como toda mercadoria, recebe um preço, no caso, um salário. No entanto, os trabalhadores não percebem que foram reduzidos à condição de coisas que produzem coisas; não percebem que foram desumanizados e "coisificados".
3. **A alienação intelectual**: a alienação intelectual se resulta da separação social entre trabalho material, a mercadoria e o trabalho intelectual, as ideias. Se acredita que o trabalho material é uma atividade que não se exige conhecimentos, mas apenas habilidades manuais, enquanto o trabalho intelectual é responsável restrito dos conhecimentos. É claro que, inseridos numa sociedade alienada, os intelectuais também se alienam. E, segundo Chaui (1982) sua alienação é tripla:

Primeiro porque esquecem ou ignoram que suas ideias estão ligadas às opiniões e pontos de vista da classe a que pertencem, isto é, a classe dominante, e imaginam, ao contrário, que são ideias universais, válidas para todos, em todos os tempos e lugares.

Em segundo lugar, esquecem ou ignoram que as ideias são produzidas por eles para explicar a realidade, e passam a acreditar que elas se encontram gravadas na própria realidade e que eles apenas as descobrem e descrevem sob a forma de teorias gerais.

Em terceiro lugar, creem que as ideias existem em si e por si mesmas, criam a realidade e a controlam. Aos poucos passam a acreditar que elas se produzem umas às outras, são causas e efeitos umas das outras e que somos apenas receptáculos delas ou instrumentos delas. As ideias se tornam separadas de seus autores, externas a eles, transcendentes a eles; tornam-se um **outro**.

Segundo Chaui as três formas de alienação (social, econômica e intelectual) são a causa do surgimento, da implantação e do fortalecimento da ideologia.

Para saber mais

Há vários sentidos para o conceito de *alienação:*

- Juridicamente, significa a perda do usufruto ou posse de *bem* ou *direito* pela venda, hipoteca, etc.; nas esquinas da cidade costumamos ver cartazes chamando a atenção dos motoristas: "compramos seu carro, mesmo alienado".
- Do ponto de vista da psiquiatria, o alienismo é o médico de alienados mentais.
- A alienação religiosa é um fenômeno de idolatria, quando um povo cria ídolos e a eles se submete.
- Segundo a concepção política de Rousseau, a soberania do povo é inalienável, isto é, pertence somente ao povo, que não deve outorgá-la a nenhum representante, devendo ele próprio exercê-la. É este o ideal da democracia direta.
- Na linguagem comum, alienadas são as pessoas desinteressadas de assuntos importantes, tais como questões políticas e sociais.

Em todos os sentidos, há algo em comum no uso da palavra *alienação*: no sentido jurídico, perde-se a posse de um bem; para a psiquiatria, o alienado mental é aquele que perde a dimensão de si na relação com os outros; pela idolatria, perde-se a autonomia; segundo a concepção de Rousseau, o povo não deve perder o poder; a pessoa alienada perde a compreensão do mundo em que vive e torna-se alheia a segmentos importantes da realidade em que se acha inserida. Etimologicamente a palavra *alienação* vem do latim *alienare, alienus,* "que pertence a um outro". *Alius,* é o outro. Portanto, sob determinado aspecto, alienar é tornar alheio, transferir para outrem o que é seu.

Fonte: Aranha, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando:** introdução à filosofia**.** 3. ed. revista. São Paulo: Moderna, 2003. p. 45.

Chegamos à conclusão que a ideologia é um conjunto de ideias, de procedimentos, de valores, de normas, de pensamentos, de concepções religiosas, filosóficas, intelectuais, que possui certa lógica, certa coerência interna e que orienta o sujeito para determinadas ações, de uma forma partidária e responsável.

E que para entender o processo de alienação em nossa sociedade é necessário estudar a sua composição e os elementos influenciadores, como o próprio sistema e o mundo do trabalho, elementos externos ao homem que contribuem para a sua formação individual.

Pudemos perceber que as três formas de alienação (social, econômica e intelectual) são a causa do surgimento, da implantação e do fortalecimento da ideologia.

Pensar em um indivíduo alienado e numa ideologia fortemente arraigada na sociedade não deve ser fator de desestímulo no trato junto ao indivíduo, uma vez que estamos refletindo sobre tais questões. A profissão escolhida por você possibilita a ânsia por uma sociedade diferente. Existe sim possibilidade de um dia vivermos numa sociedade mais justa e igual, contudo a compreensão dos fatores que levaram a identificar o homem moderno como está hoje, com seus anseios, dilemas e problemas.

Compreender o homem significa compreender a sociedade, e compreender a sociedade significa compreender o homem que a forma, desta maneira temos presente que o homem é um ser de relações e necessita delas para viver. Relações saudáveis e criativas e não de dominação e medo.

Para concluir o estudo da unidade

Concluímos mais uma unidade. Explanamos sobre vários aspectos teóricos da psicologia social, abordando conceitos como Identidade, representação social e socialização, identificando principalmente como se dá a constituição dos indivíduos. Agora você terá a oportunidade de fixar seu aprendizado através dos exercícios disponíveis. Aproveite para retomar as leituras, caso necessite aprofundar seu conhecimento!

Resumo

Nesta última unidade, conseguimos compreender alguns conceitos da área de conhecimento da psicologia que é a psicologia social. Destacamos o quanto essa área de conhecimento é importante para o campo profissional do serviço social. Esta unidade também proporcionou uma reflexão sobre a formação do psiquismo humano, percebendo o quanto esta formação está atrelada aos grupos a qual fazemos parte. Há um aspecto histórico presente em cada indivíduo. Nesse sentido, não podemos estudar o indivíduo de maneira isolada e sim em seu contexto social. A partir desse momento, verifique o conhecimento adquirido realizando as atividades propostas a seguir.

Atividades de aprendizagem

1. A partir do contexto social que estamos inseridos, exemplifique um movimento ideológico.
2. Como se dá o processo de alienação?
3. Por que toda psicologia pode ser considerada social?
4. Defina identidade segundo o teórico Ciampa.
5. A família é a primeira instituição que nos fornece padrões de conduta para vivermos em sociedade. Bleger define instituição como:

   a) Um conjunto de regras sociais.

   b) Algumas normas morais que estabelecem como o indivíduo deve se comportar na escola e na família.

   c) Valores sociais.

   d) Um conjunto de padrões éticos que todos devem seguir.

   e) Um conjunto das normas, regras e atividades agrupadas em torno dos valores e das funções sociais.

Referências

AMIRALIAN, Maria Lúcia T. M. **Psicologia do excepcional**. São Paulo: EPU, 2003.

ARRUDA, Ângela. **Representações sociais**: emergência e conflito na psicologia social. Rio de Janeiro: Anuário do Laboratório de Subjetividade Política, 1992.

BAUM, William M. **Compreender o behaviorismo**: comportamento, cultura e evolução. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BLEGER, José. O grupo como instituição e o grupo nas instituições. In: KAS, René. **A instituição e as instituições**: estudos psicanalíticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologias. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BORDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOWLBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimentos nas práticas de produção de saúde**. 2. ed. Brasília, 2008. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_praticas_producao_saude_2ed.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2012.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990.

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise**: introdução à psicologia psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

CALDAS, Dário. **Homens**: comportamento, sexualidade, mudança. São Paulo: Senac, 1997.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARPIGIANI, Berenice. **Psicologia**: das raízes aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Pioneira, 2000.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia?**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia. **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 58-65.

CODO, Wanderley. Relações de trabalho e transformação social. In: LANE, Silvia. **Psicologia social:** o homem em movimento: São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 136-151.

CODO, Wanderley. **O que é alienação.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

_______. **Sofrimento psíquico nas organizações**: saúde mental e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Personalidade e crescimento pessoal**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio Mendonça; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Psicologia**: uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2002.

FONSECA, Vitor da. **Educação especial**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FREIRE, Izabel Ribeiro. **Raízes da psicologia**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, P. **1º Seminário Paulo Freire de Educação de Jovens e Adultos.**

FREUD, S. **Edição standard das obras psicológicas completas de**

Sigmund Freud. Volume XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALL, Calvin Springer; LINDZEY, Gardner. **Teorias da personalidade**. São Paulo: EPU, 1984. v. 1.

_________. **Teorias da personalidade**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2000.

LANE, S. T. Maurer. **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_________. **O que é psicologia social?** 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

OLIVEIRA, Silvia Suely Sillos de. A importância do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**. nov/2006. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/62.htm>. Acesso em: jun. 2012.

OSÓRIO, Luiz Carlos; ZIMERMAN, David. **Como trabalhamos em grupo**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

PEREIRA, Potyara A. P. **Necessidades humanas**: subsídios à crítica dos mínimos sociais. São Paulo: Cortez, 2000.

PERVIN, Lawrence A.; JOHN, P. **Personalidade**: teoria e pesquisa. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

POWELL, J. **Por que tenho medo de lhe dizer quem sou?** 4. ed. Belo Horizonte: Crescer, 1987.

PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget**: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

RAPPAPORT, C. R. (Org.). **Psicologia do desenvolvimento**: a idade escolar e a adolescência. São Paulo: EPU, 1982. v. 4.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Psicologia do desenvolvimento**: teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais. São Paulo: EPU, 1981. v. 1.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SERRA, Rose Mary Sousa. **A prática institucionalizada do Serviço Social**: determinações e possibilidades. Uma análise

de discurso. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1982.

SEVERINO, A. J. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1994.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

TEORIA da personalidade. 2005. Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=148&sec=53>. Acesso em: 6 dez. 2011.

TODOROV, João Cláudio. **Behaviorismo e análise experimental do comportamento**. Disponível em: <http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/15372/material/Behaviorismo%20e%20a%20An%C3%A1l%20Exp%20Cpto.pdf>. Acesso em: ago. 2012.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VYGOTSKY, Lev Seminovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_________. **Pensamento e linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WITTING, Arno F. **Psicologia Social**. São Paulo: MGGRAW-Hill do Brasil, 1981.

WOLFGANG, Kohler. **Psicologia da Gestalt**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

Sugestões de leitura

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. 3. ed. revista. São Paulo: Moderna, 2003.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KAS, René et al. **A instituição e as instituições**: estudos psicanalíticos. São Paulo: Casa do psicólogo, 1991.

SILVA, C. A. A. O sentido da reflexão sobre autonomia no serviço social. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v6n2_carla.htm>. Acesso em 6 jul. 2008.